

MEDITAÇÕES DOMINICAIS

Visão Inicial

São 52 meditações, que podem ser lidas aos domingos, tanto individual como comunitariamente. Nelas estão incluídas reflexões sintéticas sobre todas as parábolas neotestamentárias

01- O SAL DA TERRA

Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada presta senão para, lançada fora, ser pisado pelos homens (Mt 5.13).

O sal é útil, não por sua existência em si mesma, mas por suas qualidades de salgar; preservar e dar sabor aos alimentos nos quais penetra imperceptivelmente. O sal na salina ou no saleiro tem apenas valor potencial. Adicionado, porém, aos produtos alimentícios, “desaparece”, sendo notado somente pela gustação, jamais pelo tato ou pela visão. Lançado sobre a terra, torna-se complemento alimentar das plantas e, por estas, dos animais. O sal, para servir, tem de, necessariamente, dissolver-se, perder o aspecto externo, a estrutura cristalizada, a visibilidade. Na comida, ele precisa ser dosado, isto é, colocado na medida certa para converter-se em “tempero”, tornando o alimento saboroso. Como elemento de preservação da carne, deve ser abundante para ser predominante, não permitindo a penetração deteriorante de microorganismos. Onde predomina o sal, não dominam elementos deteriorantes, causadores de putrefações.

Como o sal, deve ser o crente:

1- **Ser visto apenas por Deus.** O crente não deve usar o nome de Deus para ser visto, projetar-se, adquirir proeminência. Assim como o sal desaparece para servir, ser útil; também o crente verdadeiro faz esconder o seu ego, para que o nome de Cristo seja exaltado em e por sua vida. O servo não se qualifica diante de seu Senhor por sua projeção pessoal, que pode existir no “doulos” de Deus, mas pela sua utilidade, fidelidade, honestidade, humildade, submissão e dedicação exclusiva.

2- **Dar sabor ao ambiente em que vive.** O crente na Igreja e fora dela tem de fornecer ao meio em que Deus o inseriu o sabor da vida cristã, que são os sinais externos do verdadeiramente regenerado: a- Alegria natural do filhos da promessa; jamais hilaridade concupiscente. b- Honestidade no trato com as pessoas, nos negócios, nas afirmações (sim, sim; não, não), nas expressões de sua fé em Cristo Jesus, no testemunho

cristão. c- Fidelidade no cumprimento dos votos feitos a Deus por ocasião da Profissão de Fé e no pacto nupcial d- Fidelidade nos compromissos sociais, morais, profissionais e financeiros assumidos. e- Equilíbrio, sensatez e bom senso nas relações com pessoas que se lhe oponham por inveja ou ciúme. Sua vida se molda pelas Santas Escrituras, que inculcam em seu ser uma ética oposta à do mundo. f- Espiritualidade genuína. A presença do verdadeiro servo de Deus na sociedade obrigatoriamente exerce influência benéfica, tanto do ponto de vista moral como espiritual. O sabor social, moral e espiritual do redimido por Cristo é menor ou maior, se menor ou maior for o seu raio de penetração e influência. O sal, estando em plena salinificação, jamais deixará de salgar ou de temperar. O servo de Cristo é instrumento de transformação do mundo, não podendo ser transformado por ele.

3- **Preservar o ambiente em que vive.** Assim como o sal, o crente, por sua existência regenerada, ação natural e atuação, tem de ser, obrigatoriamente, elemento preservador dos bens espirituais e morais emanados das Escrituras Sagradas, que se fixaram na tradição e no corpo da Igreja de Cristo, não por invenção ou criação humana, mas por revelação divina. Não se incorpora o sal na massa sem propósito. Também Deus não coloca seu eleito redimido no meio social sem objetivo. Não pode haver servo de Deus neutro, muito menos com ações negativas. O papel preordenado e ordenado de cada eleito em Cristo Jesus é ser vida em ambiente de morte e temperar o meio onde está inserido, preservando-o de contaminações, evitando-lhe a putrefação. O sal insípido é imprestável. O servo que não serve é como o ramo infrutífero da videira: retira a seiva do tronco, mas não produz o fruto a que se destina.

4- **O sal preservador.** A Igreja fundamentada nas Escrituras e firmada em Cristo Jesus é como o *sal preservador* do conjunto e de cada um de seus membros. Quando a Igreja é sadia, os seus membros também o são. Quando, porém, o *todo* é herético, as partes também o são. A Igreja deve ser o *sal conservante e protetor* de todos os fiéis, membros de seu organismo. Sobre uma Igreja insípida, sem propósitos, sem objetivos, sem vida, sem santificação, o mundo tripudia, lançando sobre ela toda lama poluída e fétida de seus imundos pés. Há seitas supostamente cristãs, que nasceram para cuidar de si mesmas, beneficiarem-se das riquezas materiais e apresentarem-se como “poderes divinos”. São salinas insípidas, com muito brilho externo e nenhuma utilidade real.

02- OS DOIS FUNDAMENTOS

Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica, será comparado a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e

deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha.

E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica, será comparado a um homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína (Mt 7.24-27).

A Palavra de Deus é o fundamento da vida do cristão, tanto a moral como a espiritual. Por causa da revelação vetero e neotestamentária, a Reforma estabeleceu os primados da confissão de fé e da ética firmados exclusivamente na Palavra de Deus: *A Escritura é a nossa única regra de fé e norma de conduta.*

Esta parábola estabelece os seguintes princípios cristãos:

a- **A necessidade de ouvir a Palavra de Deus.** O Evangelho da redenção, que expõe a obra salvadora de Cristo por meio de sua vida ministerial, sua mensagem, sua morte redentora e sua ressurreição, tem de ser comunicado a todos os pecadores, penetrando em todos os ouvidos. Para tal objetivo, o Senhor instituiu a Igreja e a universalizou como comunhão dos redimidos e agência missionária. A graça revelada atinge o predestinado à crença em Cristo por meio da pregação. Ouçam o que diz Paulo: *Como invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E Como pregarão, se não forem enviados? (Rm 10.14,15).* O conhecimento revelado penetra a consciência do eleito, modificando o seu comportamento ético e direcionando a sua fé para o Deus que lhe fala pelas Escrituras. A mente humana não funciona para gerar os fatos redentores, mas para apreendê-los, assimilá-los e incorporá-los à consciência e à existência. As Escrituras são o único meio de entender-se, corretamente, Deus e sua vontade para conosco; tudo conforme a capacidade humana e suas necessidades. Elas, portanto, devem ser ensinadas sistematicamente ao povo de Deus, para que este a pregue às pessoas de seu universo de influência.

b- **A necessidade da prática.** De nada vale o conhecimento teórico das verdades bíblicas. Assim como o comandante militar, ao dar uma voz de comando, o soldado tem de ouvi-la e executá-la imediatamente; Deus, quando fala ao pecador, sua palavra tem de produzir efeito imediato de conversão, de ação e de testemunho, pois as ordenações divinas são absolutamente imperativas, operativas, construtivas e edificativas. No coração e na mente do eleito os ensinamentos bíblicos causam transformações, reconstruindo-lhe a vida e garantindo-lhe a permanência na Igreja militante de Cristo e a segurança da posse eterna no corpo da

mesma Igreja. Quem ouve a Palavra de Cristo e a pratica é como o homem prudente que constrói a sua casa sobre a rocha. Nenhum poder natural ou espiritual, mesma que se abatam contra ela, não a destruirão.

c- **O crente sem testemunho.** Aquele que se intitula “crente em Cristo” e se julga “profundo conhecedor” das Escrituras, mas não lhes pratica os ensinamentos, é comparado ao imprudente que constrói sua casa sobre a areia, fundamento frágil. Vindo o temporal com ventos impetuosos e enchente incontrolável, sua residência não suporta e desaba, causando prejuízos incalculáveis. Crentes nominais, para a obra de Deus, são piores que os descrentes, pois arruinam suas próprias vidas, e causam danos à Igreja.

Conhecer e praticar; eis o binômio do servo de Deus. Em Cristo a nossa vida eterna está construída sobre a rocha eterna; nossa casa espiritual jamais desabará.

O homem não constrói a sua residência eterna, pois a salvação é obra da graça, mas ele é salvo para servir a Deus e ao próximo. Os sinais externos da salvação, operada no interior do salvo, são as boas obras; por elas o mundo vê a nossa fé real em Cristo.

O Verbo (Logos) de Deus é Cristo, a rocha sobre a qual repousa nossa fé e fundamenta-se a Igreja. Quando Cristo diz: “Quem ouve as minhas palavras”, ele quer, no fundo, dizer: Eu sou o revelador do Pai, quem lê e ouve a Palavra de Deus, lê e ouve a minha palavra. A solidez da salvação e a certeza da vida eterna trazidas a este mundo centralizam-se em mim e de mim transfere-se aos pecadores eleitos, que estão sendo expiados por minha morte vicária. Em suma: A Rocha sobre a qual constroem-se a Igreja e a fé de cada servo de Deus é Cristo.

03- OS MENINOS NA PRAÇA.

Mas a quem hei de comparar esta geração? É semelhante a meninos que, sentados na praça, gritam aos companheiros: Nós vos tocamos flauta, e não dançastes; entoamos lamentações, e não pranteastes. (Mt 11.16,17).

Em uma praça, as crianças brincavam, imitando a vida real. Havia um grupo que projetava e liderava as brincadeiras. Planejam uma festa alegre, de casamento ou comemoração religiosa, para a criançada expressar contentamento e alegria. A equipe liderante tocava flauta, mas os liderados não correspondiam com danças festivas. Os líderes mudaram o esquema, indo de um extremo a outro: Os que comandavam a brincadeira entoavam cantos de carpidagem, lamentações fúnebres, mas os comandados não lamentavam, não choravam. Havia, portanto, uma rejeição generalizada às propostas dos líderes, prejudicando a brincadeira e

estabelecendo distanciamento e inadequação entre a criançada, que deveria obedecer, e os seus comandantes. Então, conclui Jesus Cristo: Veio João Batista, que não comia nem bebia; os judeus diziam: Tem demônio. Veio Jesus Cristo, comendo e bebendo; dizem: É um glutão e bebedor de vinho (cf Mt 11. 18,19).

Conclusão: Tanto os judeus daquela geração, ainda sob o regime da velha dispensação, quanto os cristãos da nossa, estavam e estão sob o mistério da graça. Muitos, porém, como fizeram os judeus, têm indisposição para com o esforço redentor de Deus na pessoa do Messias: Não aceitam a direção do supremo Rei nem a ele se submetem. Cristo está no comando, mas nem todos os comandados ouvem a voz do comandante; e então, o caos se estabelece. É exatamente o que acontece atualmente: Vivemos um cristianismo confuso, disperso, egoísta, sectarista, imediatista e materialista.

O homem julga-se auto-suficiente, capaz de compreender-se a si mesmo e entender plenamente os desígnios finais de Deus para o ser humano. Ele, na verdade, não se domina e, muito menos, domina seu destino, mas não admite sua limitação e, em conseqüência, rejeita a direção de seu Senhor, transferindo a culpa de sua rejeição aos instrumentos de que o Salvador se utiliza para revelar-se aos homens e redimi-los: João Batista, por abstinência das iguarias comuns, acreditavam ser representante do Demônio. Jesus Cristo, por apresentar uma humanidade perfeita em um homem comum, que comia e bebia, foi tachado de comilão e bebedor. O homem, em vez de olhar para si mesmo, enxergando suas deficiências e limitações, para humilhar-se diante do Redentor, lança sobre Deus a culpa; aquela que deve ser creditada a si mesmo. Aliás, a capacidade de confissão e o sublime gesto de humilhação são para os fortes, quando eleitos e chamados à redenção.

Deus ordenou no Velho Testamento por meio do Decálogo, mas os judeus não o seguiram. Agora, ordena pela graça, a lei do amor em Cristo Jesus, e muitos não obedecem: Não dançam, não cantam e não choram conforme a flauta ou a música vocálica de Deus, mas se alegram com hilaridade carnal, quando alegres, ou buscam socorro em deuses estranhos, quando submetidos ao sofrimento. As divindades sensoriais somente são lembradas para doação de bênçãos materiais, curas “divinas” ou realizações temporais. O Deus da submissão, do acatamento, do respeito, da consagração e da renúncia do ego, as pessoas descartam, recusam e repelem. Tudo que Deus faz por tais indivíduos não lhes interessa, pois estão voltados para si mesmos e para os bens materiais.

Temos de ouvir a voz de Deus na alegria e na tristeza; na vida e na morte, pois quer vivamos ou morramos, somos do Senhor. Para as almas redimidas, a Palavra de Deus é mais educativa que a de nossos pais, mais imperativa que a do comandante militar

04- INTERPRETAÇÃO DA PARÁBOLA DO SEMEADOR

Jesus contou a Parábola do Semeador (Mt 13.1-8). Depois, respondendo a uma pergunta de seus discípulos, explicou-a do seguinte modo:

18- Atendei vós, pois, à Parábola do Semeador: 19- A todos os que ouvem a Palavra do reino, e não a compreendem, vem o maligno e arrebatá o que lhes foi semeado no coração. Esse é o que foi semeado à beira do caminho. 20- O que foi semeado em solo rochoso, esse é o que ouve a Palavra e a recebe logo, com alegria; 21- mas não tem raiz em si mesmo, sendo antes de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da Palavra, logo se escandaliza. 22- O que foi semeado entre os espinhos, é o que ouve a Palavra, porém, os cuidados do mundo e a fascinação das riquezas sufocam a Palavra, e fica infrutífera. 23- Mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve a Palavra e a compreende; este frutifica, e produz a cem, a sessenta e a trinta por um (Mt 13.18-23).

A Parábola do Semeador, na verdade, é um conjunto de quatro parábolas: 1- A da semente caída na beira do caminho (v 4). 2- A da semente caída em solo rochoso (v. 5). 3- A da semente caída no espinheiro (v. 7). 4- A da caída em terra fértil (v. 8).

O AMBIENTE DA SEMEADURA.

Jesus utilizou-se de um quadro rural vivamente gravado na mente da multidão que o ouvia, pessoas afeitas às lides agrárias. O Mestre descreve um solo já preparado para a semeadura à margem de um caminho e contornado por trechos rochosos e áreas de vegetação espinhosa. O espalhador das sementes de trigo não podia evitar que alguns grãos caíssem sobre o piso duro da estrada; outros, nas superfícies rochosas; e muitos sobre espinhais. Não era intenção do semeador semear suas sementes em terrenos impróprios e, por isso mesmo, inadequados. As sementes destinavam-se ao solo previamente preparado para recebê-las.

O SOLO FÉRTIL

A Palavra redentora de Deus destina-se, por preordenação eterna, aos eleitos. Esses, por serem predestinados à filiação divina em Cristo Jesus, são predispostos à recepção da graça e à compreensão da mensagem salvadora, que não lhes atinge apenas a cognição, mas também, e principalmente, a ação testemunhal em grau máximo da capacidade que Deus lhes concedeu, produzindo cada semente, conforme a dotação carismática, cem, sessenta e trinta sementes. O coração do eleito é a seara do Redentor. Nele a semente divina é plantada e produz para o dono da seara, que dela se utiliza em benefício de outras pessoas, mormente as

eleitas. Crente não reproduz nem produz outros crentes. Quem faz isso é Deus. O Salvo gera, e abundantemente, obras próprios dos regenerados: espiritualidade, moralidade, fidelidade às ordenanças de divinas, firmeza na fé professada em Cristo, amor incondicional a Deus e ao próximo, honestidade nas relações e dignidade em tudo. O eleito foi predestinado para ser salvo, santo e irrepreensível (cf Ef 1.4).

A semente em terra boa não duplica; multiplica, isto é, uma semente não gera diretamente outra semente. O grão original plantado desaparece, para dar lugar a uma planta que, seguramente, produzirá dezenas de sementes da mesma espécie. Tanto o milagre da germinação como o do crescimento e o da frutificação são bênçãos do Criador. Nem o solo nem as sementes pertencem a si mesmos; são propriedades do supremo Senhor da seara. Não se pode creditar nem ao grão plantado nem ao solo do plantio qualquer poder autônomo de germinação e produção. Tudo vem de Deus. Sendo a semente a Palavra revelada, o paralelo é pertinente: A Palavra é de Deus; o eleito a que ela se destina também é de Deus, e desde a eternidade, pois foi preordenado para ouvi-la, entendê-la, assimilá-la, incorporá-la à sua vida, praticá-la e publicá-la.

A semente, que é a Palavra de Deus, pode penetrar a mente dos irregenerados e causar-lhes alguns efeitos, até com visibilidade impressionante, mas sem consistência real e, conseqüentemente, sem durabilidade. Os não eleitos, atingidos pela Revelação divina, sofrem impactos iniciais, podendo mesmo ingressar na Igreja, mas nela não produzirão frutos e dela, certamente, afastar-se-ão, pois não fazem, de fato, parte do corpo dos predestinados. Seus corações são endurecidos como o piso dos caminhos; superficiais como a camada fina de terra sobre as rochas; carregados de espinhos ou traumas como solo espinhoso. Em tais mentes despreparadas, as sementes da Palavra de Deus não permanecem; se permanecem, não nascem; se nascem, não crescem; se crescem, não frutificam. O Diabo, os cuidados do mundo e as preocupações pessoais anulam ou eliminam a mensagem redentora. Somente os escolhidos do Pai são predispostos e propícios à pregação da graça salvadora em Cristo Jesus.

Conclusão: A boa terra, previamente preparada por Deus, é o eleito, predestinado à salvação, à filiação divina, à santificação, ao testemunho e à glorificação.

A SEMENTE EM TERRENO IMPRÓPRIO (cf Mt 13. 18-22).

O lavrador não semeava em solos impróprios, em terreno não adrede preparado. Acontecia que, ao semear junto às margens da área preparada, contornada por estrada.por áreas rochosas, espinhosas e de solos rasos, sobre lajes graníticas, o vento atirava-lhes as leves sementes de trigo ou aveia. Tais sementes, deslocadas de ambiente previamente preparado, ou eram arrebatadas pelas aves, ou pisoteadas. ou germinavam,

mas não vingavam. A Palavra destina-se ao coração e à mente dos eleitos, os solos férteis, preordenados à sementeira e destinados à frutificação.

As Sementes no caminho (Mt 13. 4 cf 13. 19). Jesus diz que todos os que ouvem a palavra do reino e não a compreendem, o maligno a arrebatou. Os pássaros que catam as sementes na estrada simbolizam o maligno, que retira a palavra daquele que a recebe sem compreendê-la. O Espírito Santo ilumina a mente do eleito para a correta compreensão das Escrituras. Somente se entende o Deus revelador pelo entendimento da revelação neo e veterotestamentárias. Aquele a quem não foi dado conhecer a vontade do Redentor expressa nos escritos bíblicos, o Diabo ou a retira imediatamente ou confunde a mente do ouvinte com interpretações falsas por meio de falsos profetas, que trombeteiam suas heresias doutrinárias, logrando êxito catequético, nos ouvidos daqueles que não entenderam perfeitamente a palavra do reino. A tática satânica é eliminar a mensagem salvadora ou distorcê-la, como fez no Éden e tentou fazer com Cristo no deserto (cf Mt 4.1-11).

A semente no caminho fica desprotegida, à mercê dos pássaros. Semelhantemente, a Palavra de Deus nos corações empedernidos não podem penetrar; sendo imediatamente retirada pelo maligno. Os inimigos das sementes naturais de trigo são os passarinhos; os das “Boas Novas” do Evangelho são os espíritos malignos, que atuam nos filhos da desobediência (Ef 2. 2).

A Semente no solo rochoso (Mt 13. 5 cf 13. 20, 21). O Mestre diz que se referem àqueles de falsa conversão, fogo inicial, gozo momentâneo, frutos de conversões emocionais ou adesão ao apelo por interesse material próprio. Tais decisões são inconsistentes, sem raízes na revelação, sem aprofundamento doutrinário real. São crentes nominais cuja fé declaratória não suporta nenhuma crise financeira, de saúde ou de relações familiares interrompidas. Perseguição por causa de Cristo jamais enfrentarão, pois são crentes nas bênçãos ofertadas por falsos pregadores, não na renúncia pessoal e no sacrifício da cruz. Tais pessoas apegam-se a um Deus-servo, do qual se servem, mas se recusam servi-lo. Um salvo-servo, que nada tem, a não ser a bênção de servir, para “crentes” materialistas ele é aberração e até escândalo.

A semente nos espinhais (Mt 13. 7 cf 13.22). As sementes que caem no espinheiro são lentamente sufocadas, pois além de se alimentarem dos mesmos nutrientes, as sombras dos espinhos não deixam a luz chegar até às plantinhas recém-nascidas. Por carência alimentar e falta de luz, os rebentos de trigo, depois de curta vida, morrem. Importante é observar que os **espinhos** que sufocam e matam não são os sofrimentos físicos, morais, sociais e espirituais, muito menos as perseguições por causa de Cristo, mas os **prazeres e a fascinação das riquezas**. Os males humanamente incuráveis do espírito são o ludinismo concupiscente, a sexofilia, a

faustolatria e a lucrofagia. Os prazeres sensoriais, antes exclusivos da carnalidade concupiscente, hoje estão em muitas comunidades supostamente evangélicas com os epítetos de “gozo espiritual” e “alegria em Jesus.” Praticam-se as mesmas danças do mundo; cantam-se as mesmas melodias, mas com letras “bíblicas,” o que agravam e aumentam as blasfêmias. E ao “pagode” dionisíaco chamam de “culto”; as canções românticas, intensamente ritmadas para as danças e coreografias corpóreas sensuais são designadas “evangélicas” (gospel). Os “crentes” modernos do neopentecostismo são fascinados pelas riquezas, pelas prosperidades financeiras. Para eles, os sinais externos da fé são a prosperidade e os prazeres temporais. Eis os espinhais que sufocam a Palavra de Deus e matam a verdadeira Igreja de Cristo.

As igrejas neopentecostais não têm rol de membros, porque a volatilidade dos frequentadores é muito grande; grupos vêm, movidos pelos interesses imediatos e materiais, e, decepcionados e frustrados, vão em busca de outras satisfações mais intensas ou de outras propostas de prosperidades. Representam a semente nos espinhais, irremediavelmente sufocada.

06- AUTONOMIA DO REI E DE SEU REINO.

E disse ainda: O reino de Deus é assim como se um homem lançasse a semente à terra, depois dormisse e se levantasse, de noite e de dia, e a semente germinasse e crescesse, não sabendo ele como. A terra por si mesma frutifica, primeiro a erva, depois a espiga. E quando o fruto já está maduro, logo se lhe mete a foice, porque é chegada a ceifa (Mc 4. 26-29).

A semente do reino. O reino de Deus ou reino de Cristo, na sua expressão histórica visível, é a Igreja universal: soma de todos os eleitos chamados, salvos em Cristo, regenerados e justificados. Ela preexistia no eterno plano de Deus, quando o mundo ainda não havia sido criado: *Escolheu-nos nele antes da fundação do mundo...* (Ef 1.4). O reino de Deus, de natureza eterna, ele o trouxe à existência potencialmente no ato da criação do homem; lançou-lhe as bases no chamado de Abraão; institucionalizou-o por meio de Moisés no Sinal; consumou-o em Cristo Jesus. A semente do reino sempre existiu. Em Adão, ela estava presente. Quando a humanidade caiu, prevaleceu nos eleitos, independentemente da vontade dos homens. Veio a ser visível na pessoa do Salvador, no qual nasceu para a realidade existencial, para fazer parte objetivamente da humanidade. O seu crescimento é uma imposição divina natural, pois no bojo de cada geração faz emergir à existência biofísica os seus eleitos, que

são necessariamente chamados e incluídos no Corpo de Cristo, a sua Igreja real. O reino de Deus no tempo e na história, a Igreja de Cristo, não promove seu auto-crescimento nem determina o rol eterno de seus membros; tudo é ação divina.

Nascimento, crescimento, frutificação. No campo da humanidade Deus colocou os seus eleitos; organizou com eles a sua Igreja, onde são edificados e santificados; determinou-lhes o crescimento, isto é, o acréscimo dos escolhidos de cada geração; utiliza-se da Igreja para chamar os predestinados à salvação em Cristo Jesus. A Igreja não tem poder de incluir no reino de Deus quem não seja eleito. O chamado externo pode ser atraente, convincente socialmente, atrativo economicamente e até mesmo religiosamente para muitos réprobos, que podem, persuadidos por apelos ou estimulados por interesses pessoais “encherem” a Igreja visível, dar a ela um “volume” imenso, mas irreal. Os não preordenados à redenção, que atendem o chamado externo da Igreja, poderão fazer parte da instituição religiosa, compor a sua liderança, mas não são incluídos na Igreja invisível, não são salvos: são materialistas que se aderem à Igreja; e quanto mais sobre ela predominam, mais a materializam, mais a vinculam aos bens temporais tanto como proprietária quanto agente econômica.

O dono da semente é Deus. O mundo é dele. O nascimento, o crescimento e a frutificação são ordenações suas. A ordem espiritual assemelha-se à natural: O semeador não criou a semente, apenas a semeia; não fez o solo, apenas dele se utiliza; não determina o seu crescimento e a frutificação; espera que o Criador, pelas leis da criação, promova-lhe a frutificação. Tudo procede de Deus e sob seu comando efetiva-se, estrutura-se, desenvolve-se. A Igreja não elege para a salvação, ela é apenas instrumento, na qualidade e condição de “comunhão dos redimidos” para, por ordenação divina, comunicar aos eleitos a graça redentora, que ficam eficaz e irresistivelmente chamados. Então, Cristo os convoca à inclusão em seu reino. Assim, com a ciência e a consciência da Igreja ou sem elas, Deus acrescenta silenciosamente, dia após dia, em seu Reino os que estão sendo salvos (At 2.47).

A colheita. Deus, no grande dia do Senhor, recolherá os frutos das sementes que ele mesmo plantou, mas não antes de perfeita maturação. O Dono da seara não ceifará apenas os da geração do evento, mas todos os predestinados e salvos por Cristo Jesus em todos os tempos, do início ao fim da humanidade. E então começará a nova era, o tempo eterno do Cordeiro e de seu rebanho. Deus está trabalhando na execução do plano redentor com os instrumentos que escolheu: O Espírito, as Escrituras e a Igreja. O crente deve preocupar-se com a sua servitude a Deus e ao próximo, com sua pureza moral e com seu testemunho, não com a dimensão do reino de Deus, pois este cuida bem do que é seu.

07- O TRIGO E O JOIO.

Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo; mas, enquanto os homens dormiam, veio o inimigo dele, semeou o joio no meio do trigo e retirou-se. E, quando a erva cresceu, e produziu fruto, apareceu também o joio. Então, vindo os servos do dono da casa, lhe disseram: Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Donde vem, pois, o joio? Ele, porém, lhes respondeu: Um inimigo fez isso. Mas os servos lhe perguntaram: Queres que vamos e arranquemos o joio? Não! Repliou ele; para que, ao separar o joio, não arranqueis também o trigo. Deixai-os crescer juntos até à colheita e, ao tempo da colheita, direi aos ceifeiros: ajuntai primeiro o joio, atai-o em feixes para ser queimado; mas o trigo, recolhei-o no meu celeiro (Mt 13.24-30 cf Mt 13. 36-43).

A explicação de Jesus.

Jesus explica, por solicitação dos discípulos, esta parábola assim:

a- Quem semeia a boa semente é o Filho do Homem. b- O campo é o mundo. c- A boa semente são os filhos do reino. d- O joio são os filhos do maligno. e- O inimigo que semeou o joio é o Diabo. f- A ceifa é a consumação dos séculos. g- Os ceifeiros são os anjos.

O Semeador. O Semeador é Jesus Cristo. A ele o Pai entrega os filhos do reino (Jo 17.6) para interação em seu Corpo, a Igreja; para comunhão com todos os eleitos redimidos; para serem comissionados como testemunhas do Cordeiro e proclamadores das *boas novas do Evangelho da graça* a todas as pessoas, embora o chamado seja internamente eficaz exclusivamente aos eleitos. Todos os crentes regenerados que estiveram, estão e estarão no mundo foram, estão sendo, e serão postos por Jesus Cristo, constituindo as sementes do Reino de Deus na terra. O legado dos que já partiram, a obra dos que aqui militam, o ministério dos que virão, tudo se conforma à vontade do Senhor do reino e são instrumentos e objetos de sua glória. Nenhum salvo existe e opera por opção e decisão pessoal, mas segundo o desiderato divino. Cristo não começou a ser o Salvador a partir da cruz; ele é eternamente o Redentor de todos os eleitos, que são ovelhas do Pai entregues ao Filho.

Campo - o mundo. Deus não se restringe a determinado povo nem se limita a locais. Ele tem eleitos para todas as raças e nelas os coloca, segundo seus propósitos. Não é, pois, a Igreja que gera filhos para Deus; é Deus que os gera para a Igreja e nela os preserva. Os que não são de Deus, não recebem o chamado eficaz, não serão atraídos por ele e para ele, não integrarão a comunhão dos santos. O mundo é o campo de Deus; nele os seus redimidos são semeados em todos os povos, raças, nações e tribos, sem qualquer distinção qualitativa, pois o *corpus electorum* é

absolutamente uno. Todos os salvos são filhos de Deus em Cristo Jesus; não são filhos da Igreja ou de Maria, como ensina o clero romano. A Igreja acolhe os redimidos por instrumentalidade do Espírito Santo, unifica-os, santifica-os e os habilita ao testemunho e à proclamação do Evangelho. Há certo maternalismo no aconchego da Igreja, mas ela não é o ventre gerador de salvos, nem é filha da Virgem Maria, segundo o pensamento católico.

A boa semente são os filhos do reino, isto é, os crentes em Cristo Jesus. O Senhor da seara os coloca no mundo para: a- Demonstrarem com a vida regenerada que o Pai celeste realmente existe e tem filhos dignos de seu nome; especialmente quando comparados aos mundanos, que fazem da mentira o objeto de ação lucrativa e o alvo do sucesso. Os filhos do reino, contrariamente, vivem a verdade existencialmente, como o fez o seu Mestre, e a proclamam, mesmo com o risco de execração e de morte. b- Prestarem culto ao Salvador em espírito e em verdade por meio de adoração teocêntrica e bibliológica tanto individual como comunitariamente. O crente é integralmente servo na condição de escravo de Cristo. c- Proclamarem as boas novas da salvação pelo testemunho cristão e pela pregação. d- Amarem a Deus acima de tudo e de todos; e amarem o próximo como a si mesmos.

O joio são os filhos do Diabo; fazem-lhe a vontade; negam Deus e a verdade revelada; enganam e são enganados. Tais sementes maléficas destinam-se ao tormento eterno, pois danificam o trigal do Senhor da seara. Quem os semeou no campo de Deus foi o Diabo, para que lhe sejam instrumentos de pecaminosidade individual, coletiva e institucional. Os filhos do Diabo estão destruindo hoje, mas serão, finalmente, destruídos amanhã, quando chegar o tempo da ceifa. No juízo final, Deus recolherá no seu celeiro a boa semente, mas destinará o joio à fogueira, para nunca mais danificar o reino de Deus. No atual estágio, infelizmente, o joio está posto no trigal do Rei, sufocando e superando o trigo; mas um dia será erradicado e separado para ser destinado à Geena. Os eleitos, então, entrarão no gozo eterno do reino escatológico do Filho de Deus.

08- A SEMENTE DE MOSTARDA.

Outra parábola lhes propôs dizendo: O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e plantou no seu campo; o qual é, na verdade, a menor de todas as sementes, e, crescida, é maior do que as hortaliças, e se faz árvore, de modo que as aves do céu vêm aninhar-se nos seus ramos (Mt 13.31,32).

Nascimento e crescimento do Reino de Deus.

Quem plantou a semente. Quem plantou o grão de mostarda não foi o Papa de Roma, ou o Primaz de Alexandria, ou o Patriarca de Londres; foi Deus, de quem eram tanto o campo como a semente. A Igreja é de Deus, e foi ele que a introduziu no mundo.

O simbolismo. O reino de Deus na terra foi comparado, no Velho Testamento, a uma árvore, que nasce de uma pequena semente plantada pelo Criador; cresce, tornando-se árvore gigante (cf Ez 17.22-24). Em Cristo Jesus, no Novo Testamento, dá-se o recomeço do reino. O próprio Filho de Deus compara-se ao tronco de uma videira, cujos rebentos são os seus redimidos (Jo 15. 1-6). A Igreja do Cordeiro, na verdade, inicia-se humildemente, embora destinada à grandeza imensurável, surge aparentemente insignificante, sem pretensões externas de gigantismo. O Messias não chama para serem as primeiras pedras do edifício do seu palácio real, a Igreja, pessoas proeminentes da sociedade de seu tempo; lança mão de pescadores sem projeção social, sem reconhecimento da sociedade culta e rica, sem méritos religiosos e políticos antecedentes. A Igreja de Cristo, nos seus inícios, assemelhava-se de fato a uma “semente de mostarda”, tão pequenina, com potencialidade inimaginável. Quem visse aquele grupo de pessoas “desqualificadas” social, cultural e teologicamente; modestíssimos galileus, seguindo o Nazareno, homem pobre, de origem operária, jamais poderia imaginar que acabava de nascer um poderosíssimo reino, que dominaria o mundo pela pregação das Escrituras reveladas, pelo testemunho, pela oração, pelo culto exclusivamente a Deus e pelo exercício do amor agápico irrestrito ao Salvador, aos salvos e a todas as pessoas. Deus ocultou os mistérios da graça aos sábios e entendidos e os revelou aos pequeninos (Mt 11. 25,26).

Mostardeira, a Igreja. O *Regnum Christie* começou como uma semente de mostarda, pequenina, que um homem, o Filho de Deus, plantou no mundo, o campo do Pai. A semente nasceu, conforme a sua destinação, cresceu, tornou-se árvore em benefício de muitos. Os pássaros do céu fazem ninhos nos seus ramos, isto é, as aves de arribação, que cruzam os continentes, nidificam-se nela e retomam seus percursos internacionais, levando suas sementes para disseminá-las em todos os solos do orbe terrestre. Algo parecido aconteceu no Pentecostes, quando judeus da dispersão, espalhados por toda superfície da terra, abrigaram-se à sombra da recém-nascida Igreja, ouviram a mensagem, integraram-se, muitos deles, ao seu corpo, para retornarem aos seus países de adoção, levando a semente do Evangelho da Graça.

A Igreja nasceu pequena, do tamanho de um grão de mostarda, cresceu e abarca a maior parte dos povos; e continua crescendo, espalhando seus ramos e disseminando suas sementes. E, em decorrência de sua natureza, tem influenciado beneficentemente todas as civilizações com sua ética de moralidade pessoal e comunitária; com seus conceitos de retidão

nos negócios, nos comportamentos sociais e nos julgamentos judiciais; com juízos de valor firmados nas Santas Escrituras; com sua postura íntegra e inalterável de submissão a Deus e respeitoso amor ao próximo. A Igreja, além de ser o veículo de expressão da vontade de Deus aos homens, é o corpo de acolhimento de todos os redimidos do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, a árvore sob cuja folhagem abrigam-se todos os carentes da graça divina. A planta da minúscula semente, que Deus em Cristo Jesus plantou no solo da Palestina, já predomina no universo e há de dominá-lo, pois continua crescendo, segundo os propósitos de seu Agricultor. Os servos de Cristo trabalham, mas quem dá o crescimento é o Senhor do reino, o Cabeça da Igreja

09- A PARÁBOLA DO FERMENTO

Disse-lhes outra Parábola: O reino dos céus é semelhante ao fermento (zume), que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado (Mt 13.33).

Simbolismo do fermento. O fermento causava a desintegração da massa original, a corrupção e, portanto, simbolizava o pecado, as más influências (Cf Ex 12.15-20) ou a penetração de doutrinas e posturas religiosas heréticas no interior do corpo eclesial como, por exemplo, o fermento dos fariseus, dos saduceus e dos herodianos (Mt 16.6; Mc 8.15 cf Mt 23. 14,16; Lc 12.1; I Co 5.6; Gl 5.9). O poder contaminante progressivo das más companhias, especialmente quando admitidas no convívio diário da comunidade, é motivo de alerta nas Escrituras e fato constatável nos meios sociais. A capacidade que o mal tem de penetração nos ambientes sadios, para lentamente corrompê-los, deve servir de alerta ao bem, que tem de ser persuasivo, penetrante e transformador, à semelhança do fermento. Jesus transforma a imagem da desintegração contaminante em símbolo integrador e transformador, capaz de converter a farinha insulsa de trigo em saboroso pão.

A mulher e o pão. Jesus diz que uma mulher tomou três medidas (satas) de farinha. Cada *sata* media, aproximadamente, 13,13 litros. A receita, portanto, era de, mais ou menos, 39,5 litros (cf Parábolas de Jesus, S. Kistemaker, pág. 66, Edit. Mundo Cristão, 2ª Ed, 2002), bolo suficiente para grande quantidade de pessoas.

A figura da mulher não deve ser tomada nem como símbolo da Virgem Maria, como pensam alguns católicos, nem da Igreja, como entendem certos teólogos. Fazer pão, fermentado ou não, era, nos tempos de Jesus Cristo, papel feminino. Logo, o Mestre não poderia ter usado outra imagem, a não ser a da *mulher, panificadora doméstica*. A fabricação de pão caseiro, e não havia panificação industrial, era uso comum nos lares

daqueles dias. O processo de fermentação da massa de trigo, portanto, estava arraigado na experiência popular. Não havia, pois, uma “dona de casa” que o desconhecesse.

Aplicação do fermento. O fermento não era misturado na massa em forma de pó ou líquido, como se faz hoje¹. A massa fermentada, geralmente com o levedo da uva, era reservada, conservada e reativada. Amassava-se a farinha de trigo com água, uma pitada de sal e um pouco de mel. Espalhava-se a massa com as mãos sobre uma superfície lisa, geralmente de pedra. No centro, colocava-se a “bola de fermento,” fechando em torno dela a massa. A porção de fermento, “escondida no interior da massa”, embora continuasse intacta, fermentava-lhe, progressivamente, todo conteúdo, especialmente em época de calor. Quando tudo estava devidamente fermentado, depois de um tempo razoavelmente longo, dependendo da temperatura ambiente, e o “pão crescido”, a mulher abria a massa, retirando-lhe o núcleo de fermento. O curioso é que a “bolota de fermento” no centro da massa, ao fermentá-la, ativava e multiplicava seu poder fermentativo; quanto mais fermentava, mais capacidade de fermentar adquiria. Aqui está a beleza da imagem: A Igreja é colocada no centro da massa social para fermentá-la, isto é, transformá-la; e quanto mais fermenta, mais forte e mais eficaz fermentadora se torna, sem se confundir com a massa, fundir-se nela ou nela “desaparecer.” A identidade da Igreja conserva-se íntegra. Quando ela se torna parte do mundo por assimilação da mundanidade, deixa de ser “fermento” para ser “massa fermentada” pelo mundanismo. A massa não contaminava e em nada alterava o fermento, mas este alterava profundamente a massa, mudando-lhe o teor, a consistência e o sabor.

O mundo fermenta a Igreja, quando ela perde o poder de fermentá-lo. Fomos colocados na humanidade como fermento, mas não para nos tornarmos uma só massa fermentada com ela, permutando virtudes com defeitos, santidade com pecaminosidade, espiritualidade com carnalidade.

A ação do reino de Deus no mundo assemelha-se à do fermento na massa: age independente da ação do homem, pois o poder de agir reside em si mesmo. Deus introduziu seu reino no mundo e ele, por sua natureza e pelo poder intrínseco da própria divindade, penetra todos as civilizações e atinge toda massa fermentável.

1- Quem me informou sobre o método judaico antigo de fermentação foi a prof. Ingrid, uma judia de Cachoeiro de Itapemirim- ES, que, na década de 60, voltou para Israel.

10- O TESOURO ESCONDIDO

O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de

alegria, vai, vende tudo o que tem, e compra aquele campo (Mt 13.44 cf com a parábola da pérola, Mt 13.45,46).

Causas de ocultamento. Havia duas causas comuns de ocultamento de bens duráveis nos tempos orientais antigos. Ei-las:

a- Os ladrões assaltavam as casas, geralmente de paredes frágeis, por arrombamento ou dominação dos proprietários. Era mais seguro esconder, em vasos de barro, dinheiro metálico (não havia moeda-papel), jóias e documentos nos campos, em lugares bem assinalados, que tê-los em casa.

b- A região da Palestina foi palco de constantes conflitos bélicos ao longo de séculos. As invasões estrangeiras sucediam-se em cada revezamento de domínio, em cada queda de reinado de algum potentado vizinho. As famílias abastadas, antes de serem aprisionadas pelos impiedosos invasores ou empreenderem fuga, enterravam seus pertences, incluindo relíquias diversas e valores monetários. Quando os proprietários originais eram desterrados para países distantes, sem possibilidade de retorno, ou mortos nos campos de batalha, os “tesouros escondidos” sob a terra ficavam perdidos, especialmente quando os sinais de identificação eram danificados ou removidos. As propriedades, onde os tesouros ocultavam-se, transferiam-se, freqüentemente, de proprietários, que passavam a ser “donos” do que não esconderem.

Tanto os tesouros domésticos ocultados dos eventuais ladrões como os enterrados em caso de fuga imprevista ou escravidão militar eram numerosos, sendo muitos deles descobertos acidentalmente, como o do caso da parábola.

Interpretação. Com o devido cuidado para não se dar importância indevida ou exagerada aos detalhes da comparação, a “Parábola do Tesouro Escondido”, segundo o nosso entendimento, significa:

Primeiro: O “supremo valor do reino dos céus” sobre todos os valores. E este “reino valiosíssimo” Deus o introduziu no mundo, no “campo de cada ser humano,” mas nem todos o localizam, nem todos o descobrem. Para tê-lo, é necessário “vender tudo o que possui”, isto é, dispor dos bens espirituais adquiridos por esforço próprio e investir em um único bem, que não lhe custou o suor do rosto, o reino dos céus. O homem da parábola não procurava tesouro, apenas cultivava um campo alheio, quando, acidentalmente, o encontrou. O reino de Deus, escondido entre os homens, é patrimônio que o ser humano não amealhou, não previu, não construiu; foi-lhe deixado imprevisivelmente. Somente o eleito de Deus, por graça divina, iluminado pelo Espírito Santo, encontra o tesouro que lhe está destinado.

O valor do reino dos céus está acima de todas as riquezas terrestres temporárias, perecíveis ou corruptíveis; pois é de natureza espiritual, incorruptível e eterna. Somente achará o tesouro de Deus aquele para o

qual foi destinado, aquele para o qual o Senhor o “escondeu”. O Todo Poderoso não tem imprevisto. O homem não encontra o tesouro celeste por acaso, mas por iluminação do Espírito Santo, quando preordenado para a salvação em Cristo. O eleito de Deus para o tesouro eterno, oculto aos réprobos, é condicionado à renúncia do material, do familiar e do temporal para apegar-se exclusivamente aos valores espirituais (cf Mc 10.29,30).

Segundo: A parábola ressalta dois patrimônios sucessivos: o anterior, conseguido com o labor pessoal, e posterior, que o substitui, de valor imensuravelmente maior, cuja formação independeu de quem dele se apropriou. Podemos dizer, presumivelmente, que o velho concerto lançou as bases para ao novo, o tesouro até então “escondido” na graça vetotestamentária. O antecedente possibilitou o conseqüente. Não haveria o novo pacto sem o Velho. O atual patrimônio neotestamentário incorpora toda a riqueza vetotestamentária, superando-a. Não existiria a herança cristã se não fosse o espólio judaico. Assim, sem a herdade anterior do judaísmo não seria construída a propriedade posterior do cristianismo. O Velho Testamento habilita-nos para o Novo.

O tesouro escondido Cristo o desenterrou para enriquecer-nos espiritualmente, mais que aos nossos ancestrais israelitas

11- A PARÁBOLA DA REDE

O reino dos céus é ainda semelhante a uma rede que, lançada ao mar, recolhe peixes de toda espécie. E, quando já está cheia, os pescadores arrastam-na para a praia e, assentados, escolhem os bons para os cestos e os ruins deitam fora. Assim será na consumação dos séculos: Sairão os anjos, e separarão os maus dentre os justos, e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes (Mt 13. 47-50).

O público alvo.

Jesus falava a pescadores, a comerciantes de peixe, que esperavam o arrastão para efetivarem suas compras, a pobres que aproveitavam os peixes miúdos e os não comercializáveis, a pessoas que viviam à beira mar, e acompanhavam as lides pesqueiras. Dispensavam-se os detalhes descritivos da narrativa, pois a imagem era clistalinamente vívida aos olhos, às mente e à cultura dos trabalhadores de empresas pesqueiras, dos pescadores eventuais ou amadores, dos maratimbas costeiros da Galiléia.

O arrastão. A rede tinha de 2 a 3 metros de largura e variava de 100 e 120 metros de comprimento. Na parte superior, continha pedaços de cortiça (madeira seca extremamente leve), e na orla inferior portava pesos metálicos. As cortiças serviam de bóias, mantendo a parte de cima no nível

das águas. Os pesos ajustavam a parte oposta ao fundo do lago. Tal posicionamento facilitava a captura e evitava a fuga dos peixes capturados.

Havia duas maneiras de se lançar o arrastão:

a- Uma, era fixar um dos extremos na praia por meio de estacas, levando o outro, por um barco, até o limite de seu comprimento. Em seguida, derivava o barco para a direita ou para a esquerda, conforme a conveniência, por uns 50 metros. Então, retornava-se à praia, puxando a rede em arco.

b- A outra consistia em levar a rede em um barco, seguido de outro, até localizar-se um cardume. A distância da praia variava. O outro barco tomava um dos extremos do arrastão, remando lateralmente, para direita ou para esquerda, até estendê-lo completamente. Em seguida, os barcos, remando paralelamente, puxavam-no pelos extremos até à praia. Este era o método mais eficiente e, geralmente, colhia peixes maiores, os de águas mais profundas.

Embora os experientes pescadores lançassem a rede de arrasto, fechando cardumes anteriormente detectados, a arrastão trazia todos os tipos de peixes e de todos os tamanhos, inclusive crustáceos, algas e águas-vivas. Os proprietários da rede, na praia, selecionavam, em cestos separados, os que serviam para o comércio e os de consumo da equipe de pesca, descartando os restantes, que eram devolvidos à água ou levados pelos pobres.

Arrastão – imagem do Reino. Jesus nos ensina, por meio desta parábola, que o reino dos céus tem dois estágios sucessivos:

a- Um inicial, de natureza missionária e catequética, que se dá com o chamado geral, possibilitando o ingresso na Igreja militante de eleitos e réprobos. Os preordenados à salvação tornam-se servos de Deus, e o servem de fato nas reuniões litúrgicas e nas atividades seculares. Os reprovados, que ouviram externamente o chamado, servem-se de Deus e da Igreja para realizações pessoais e familiares nas áreas sociais, psicológicas e até econômicas.

b- O outro, final, dar-se-á, quando Deus separar, na “rede da Igreja”, os justos dos injustos; recolhendo os redimidos ao gozo perene da comunhão glorificada dos santos em Cristo Jesus, e destinando os rejeitados ao juízo eterno, ao fogo inextinguível, onde haverá choro e ranger de dentes. A Igreja vive o primeiro estágio, convivendo, na mesma grei social e espiritual, justos e injustos (trigo e joio), não sendo incomum a predominância de irregenerados no corpo dos batizados. Todos entram por pública profissão oral de fé, mas uns a professam com sinceridade, por serem eleitos eficazmente chamados; outros a declaram formalmente, sem o antecedente qualificador da eleição eterna. Estes são apenas religiosos, podendo até possuírem expressiva piedade externa, mas, de fato, não fazem parte do reino de Deus, não são “peixes de Cristo.”

Devemos compreender o atual estágio da Igreja, para vivermos nela, apesar do convício com cristãos nominais, verdadeiros irregenerados, mas membros da comunidade e até ocupando cargos de liderança. Há reprovados na Igreja, mas estão fora de lugar, pois ela é a comunhão dos salvos em Cristo Jesus.

Resumindo: a Igreja, em sua militância terrena, é o “arrastão” de peixes bons para o cesto do Pescador, e ruins, os que serão lançados fora no juízo final, quando os anjos separarão os justos dos injustos. A Igreja ressurreta e glorificada compor-se-á exclusivamente dos eleitos do Pai, salvos pelo Filho.

A Igreja é o berço dos regenerados, mas nela penetram os irregenerados. Quem renega a Igreja, argumentando que nela há hipócritas, faz opção seletiva pelo mundo, ambiente natural dos mundanos, taberna dos egoístas, alguns entregues à extrema indignidade. A Igreja, mesma aquela de poucas virtudes espirituais, é melhor que a sociedade mundana, totalmente despida de qualidades pias.

12- O CREDOR INCOMPASSIVO

Por isso, o reino dos céus é semelhante a um rei, que resolveu ajustar contas com os seus servos. E, passando a fazê-lo, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. Não tendo, porém., com que pagar, ordenou o senhor que fossem vendidos ele, a mulher, os filhos, e tudo quanto possuía, e que a dívida fosse paga. Então o servo, prostrando-se reverente, rogou: Sê paciente comigo e tudo te pagarei. E o senhor daquele servo, compadecendo-se, mandou-o embora, e perdoou-lhe a dívida. Saindo, porém, aquele servo, encontro um dos seus conservos que lhe devia cem denários; e, agarrando-o o sufocava, dizendo: Paga-me o que me deves. Então, o seu conservo, caindo-lhe aos pés, lhe implorava: Sê paciente comigo e te pagarei. Ele, porém, não quis; antes, indo-se, o lançou na prisão, até que saldasse a dívida. Vendo os seus companheiros o que se havia passado, entristeceram-se muito, e foram relatar ao senhor tudo o que acontecera. Então o seu senhor, chamando-o, lhe disse: Servo malvado, perdoei-te aquela dívida toda, porque me suplicaste; e não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti? E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida. Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada a seu irmão (Mt 18,23-35).

Os valores monetários. Um talento de prata valia 6.000 denários. Uma dívida de 10.000 talentos equivalia a 60.000.000 de denários. O denário correspondia a uma diária do trabalho operário. Um trabalhador de salário mínimo ganha, aproximadamente, R\$ 11,70/dia sobre R\$

350,00/mês atuais. A dívida do conservo (100 denários), pelos nossos cálculos atualizadas, era de R\$ 1.170,00; praticamente nada diante da dívida perdoada, humanamente irresgatável.

A quem e de que Jesus falava. Jesus falava ao colégio apostólico em resposta a uma pergunta de Pedro sobre o limite máximo do perdão; se até sete vezes, que já era tolerância longa. Jesus responde que se deve perdoar até setenta vezes sete (Mt 18.21,22). O perdão, portanto, no conceito de Jesus Cristo (não havendo rejeição contumaz), deve ser oferecida à exaustão, sem limites e sem restrição.

O que está em foco é um irmão pecador que, embora esteja na Igreja, lutando para melhorar, suas fraquezas superam sua capacidade de submissão regeneradora. Esse membro necessita do repetido perdão dos irmãos, da Igreja e, especialmente dos líderes pastorais. O contexto não nos permite incluir os irregenerados ou “gentios”, aqueles alheios e opostos ao Corpo de Cristo (Cf Mt 18. 15- 20). A parábola retrata um rei que resolveu acertar contas com seus mordomos oficiais, servos participantes da gestão real. Um que lhe devia a imensurável quantia de 10.000 talentos. Depois da terrível sentença de cobrança (cf Mt 18.25), o credor inadimplente humilhou-se aos pés do rei, pedindo-lhe clemência. Sua dívida foi cancelada pelo perdão do credor. Ele saiu feliz. De volta à casa, encontrou um oficial a ele subalterno, que lhe devia 100 denários. Agarrou-o pelo pescoço, sufocando-o, mesmo estando ajoelhado, suplicando clemência (v.29). Nada conseguindo por agressão física, lançou mão da denúncia, certamente comprovada, levando à prisão o pequeno devedor.. Sendo informado do ocorrido, o rei mandou prender o “credor incompassivo”, mantendo-o sob açoites, até pagar o impagável, isto é, ficar em prisão permanente.

O perdão dos perdoados. O irmão deve ser perdoado ilimitadamente, enquanto aceitar a oferta de perdão, enquanto estiver ouvindo a Igreja. Quando rejeitar a voz pastoral dos ministros e recusar a disciplina da comunidade, então será considerado excluído da Igreja (cf Mt 18.17).

Cristo perdoou-nos definitivamente na cruz, e seu perdão vicário nos inclui na família dos redimidos, mas continuamos, embora salvos, cometendo erros de honestidade, infidelidade e indisciplina. São esses pecados de filhos herdeiros, que o nosso Pai não tolera, castigando-nos com a disciplina paterna indulgente (cf Hb 4-13). O perdão salvador é único, mas, uma vez resgatados do poder destruidor do pecado, Deus nos preserva sob sua misericórdia ilimitada e sua justiça implacável.

Irmão tem de perdoar irmão ilimitadamente, assim como Deus o perdoou. O perdão divino gera o perdão humano. O servo perdoado deve perdoar o conservo; o que não fez o “credor incompassivo”. Se um verdadeiro filho de Deus pecar, não ficará sem a disciplina educativa e

corretiva do Pai celeste. O “castigo divino” faz bem ao servo de Deus. Um filho pode desobedecer ao pai, mas não deixa de ser filho. Assim ocorre conosco, filhos de Deus em Cristo Jesus. Deus nos corrige para que sejamos melhores filhos, mais honestos, mais submissos, mais serviçais, mais honrados diante dos incrédulos e mais dignificados aos olhos do Pai celeste.

13- TRABALHADORES NA VINHA.

O reino dos céus é semelhante a um dono de casa, que saiu de madrugada para assalariar trabalhadores para sua vinha. E, tendo ajustado com os trabalhadores a um denário por dia, mandou-os para a vinha. Saindo pela terceira hora, viu, na praça, outros que estavam desocupados e disse-lhes: Ide vós também para a vinha, e vos darei o que for justo. Eles foram. Tendo saído outra vez, perto da hora sexta e da nona, procedeu da mesma forma. E saindo por volta da hora undécima, encontrou outros que estavam desocupados e perguntou-lhes: por que estivestes aqui desocupados o dia todo? Responderam-lhe: Porque ninguém nos contratou. Então, lhes disse: Ide também vós para vinha. Ao cair da tarde, disse o senhor da vinha ao administrador: Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos, indo até aos primeiros. Vindo os da hora undécima, recebeu cada um deles um denário. Ao chegarem os primeiros, pensando que receberiam mais; porém, também estes receberam um denário cada um. Mas, tendo recebido, murmuraram contra o dono da casa, dizendo: Estes últimos trabalharam apenas uma hora; contudo, os igualaste a nós, que suportamos a fadiga e o calor do dia. Mas o proprietário, respondendo, disse a um deles: Amigo, não te faço injustiça; não combinaste comigo um denário? Toma o que é teu e vai-te; pois quero dar a este último tanto quando a ti. Porventura, não me é lícito fazer o que quero do que é meu? Ou são maus os teus olhos; porque eu sou bom! (Sl 34.8). Assim, os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos, [porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos] (Mt 20.1-16).

As bênçãos da misericórdia. Não se deve deduzir desta parábola nem a quebra do princípio da recompensa justa, nem a justificativa da justiça social. Não se trata de igualdade de direito, de isonomia salarial; pois a parábola pretende demonstrar o chamado dos eleitos, a oportunidade de serviço a Deus na militância terrena da Igreja, que não é igual para todos os servos nem intensiva nem extensivamente. No “reino dos céus” ninguém recebe na proporção dos serviços prestados, mas na medida da graça de Deus, que é igual para todos. Paulo, por exemplo, serviu mais, incomparavelmente mais, que o autor deste comentário; porém, a vida

eterna que recebeu não é maior nem melhor do que aquela que me é reservada e assegurada na mansão celestial. Uns servem a Deus do amanhecer ao anoitecer da vida; outros são chamados na última hora da existência, como aconteceu ao malfeitor na cruz. No céu, todavia, os primeiros, na ordem de prestação de serviço ao Senhor, não recebem mais privilégios do que aqueles que menos viveram e menos serviram “na vinha de Cristo”.

Salvação pela graça. Cristo nos ensina por esta parábola que a salvação não é, nem pode ser, conquista humana. E mais, que Deus não premia méritos, não concede o reino dos céus aos que supostamente o “merecem” por suas obras pias, por sua santificação autopromovida, com vistas às recompensas celestes: *Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não (vem) de obras, para que ninguém se glorie (Ef 2.8,9).*

Os apóstolos foram os primeiros trabalhadores recrutados para a “vinha do Rei.” Suportaram as agruras dos tempos iniciais; enfrentaram oposições e opositores crudelíssimos de dentro e de fora de Israel; foram mártires, vítimas de torturas e martírios inomináveis. Depois deles, vieram os “pais da Igreja”, mestres de multidão de fiéis; os reformadores, os missionários; finalmente nós, que estamos lutando menos, sendo pouco cobrados e exigidos, mas com as mesmas bênçãos, a mesma graça, a mesma herança eterna. Não sabemos quando a colheita das *uvas de Cristo* terminará, para que os *trabalhadores do reino* recebam a recompensa final, não conforme os *serviços prestados*, mas segundo o gracioso e misericordioso beneplácito do Senhor da vinha. Sabemos que muitos serão chamados ao reino e alistados como servidores do Rei nos minutos finais da última hora, pouco antes do soar da trombeta, anunciando o término da colheita, o fim da presente era. Estes serão agraciados com as mesmas bênçãos dos primeiros recrutados, os mártires das origens da Igreja. No Céu não há desiguais, pois lá não existem privilégios, servidores graduados ou operários subalternos, pois todos são UM em Cristo Jesus.

Graças e méritos são soteriologicamente incompatíveis.

14- OS DOIS FILHOS.

E que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Chegando-se ao primeiro, disse: Filho, vai hoje trabalhar na vinha. Ele respondeu: Sim, senhor; porém, não foi. Dirigindo-se ao segundo, disse-lhe a mesma coisa. Mas este respondeu: Não quero; depois, arrependido, foi. Qual dos dois fez a vontade do pai? Disseram: O segundo. Declarou-lhes Jesus: Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus. Porque João veio a vós outros no caminho da justiça, e não acreditastes nele; ao passo que publicanos e meretrizes creram. Vós,

porém, mesmo vendo isto não vos arrependestes, afinal, para acreditardes nele (Mt 21.28-32).

Motivação da parábola. Jesus ensinava no templo, cercado de sacerdotes e anciãos, que o inquiriam sobre a sua autoridade ministerial, profética e rabínica. O Mestre colocou-lhes como condição de resposta a resolução da seguinte questão: *Donde é o batismo de João? do céu ou dos homens?* Eles não quiseram responder, por causa das implicações consequenciais de qualquer resposta que dessem. Jesus, à vista da negativa, desobrigou-se de lhes dizer com que autoridade missionava e realizava as obras messiânicas (cf Mt 20.23-27), mas lhes contou a parábola dos “dois filhos”, acrescentada da explicação, que os forçou a admitir que *publicanos e meretrizes* eram melhores servos do que eles, porque creram na pregação de João e se arrependeram.

O primado do arrependimento. Jesus demonstra, pelas atitudes dos dois filhos: a- O primeiro, primogênito, herdeiro natural do pai, exibidor de um assentimento verbal à ordenança paterna, mas sem nenhuma obediência prática; um “respeitoso” formal inútil, um desobediente pragmático improdutivo, um herdeiro sem mérito e sem dever e, portanto, um filho com direitos naturais, mas sem deveres filiais, sem participação produtiva na herdade familiar.

b- O segundo, certamente na ordem de nascimento, socialmente inferiorizado em relação ao primeiro, quando instado a trabalhar na vinha do pai, negou-se a ir, em clara desobediência. Arrependido, porém, de seu ato, foi.. Este, negador direto, mas obediente prático, fez a vontade do pai; impulsionado, não por comandos legais, mas pelo imperativo do arrependimento.

No estrito e restrito regime da lei não havia lugar para arrependimento. Cumprindo-se a lei supunha-se receber, por direito de obediência, a salvação. O judeu vivia sob controle externo dos princípios legais do mosaísmo pelos quais julgava merecer a vida eterna. No regime da graça não há mérito, não há “justos” por justiça própria, mas *pecadores arrependidos* e, conseqüentemente, perdoados, justificados e admitidos no reino do Cordeiro. O caminho que leva ao reino dos céus é o da graça mediante o arrependimento sincero, não o da lei. Jesus, na parábola em apreço, enfatiza o *arrependimento* do segundo filho (v.30), tipo de *meretrizes e publicanos*, que ouviram a mensagem de arrependimento, pregada por João, arrependeram-se, e entraram no reino de Deus, que antes rejeitavam clara e existencialmente. Depois, arrependidos, converteram-se em servos de Cristo; tornaram-se vindimadores e vinhateiros do Rei, não como empregados, mas como herdeiros partícipes do “vinho novo.”

Os sacerdotes, os escribas e os anciãos não passavam de religiosos nominais. Diziam “sim” a Deus, mas nada faziam para o povo. Julgavam-

se justos, beneficiários das bênçãos, mas não eram súditos reais do divino Rei; recebiam, mas não executavam as obrigações e os deveres de súditos. Confessavam com os lábios, e negavam com a vida. Eram autênticos hipócritas, exibicionistas prepotentes e orgulhosos (cf Mt 25.5-7).

O segundo filho nos representa. Excluídos estávamos da “raça eleita”, sem lei e sem o beneplácito da graça. Nossos ancestrais gentílicos disseram “não” inicialmente. Depois, confrontados com a oferta redentora em Cristo Jesus, arrependeram-se, entrando para o reino do Cordeiro, tornando-se servidores do Deus eterno: os *últimos* que se tornaram *primeiros*. O galardão do crente está em servir mais e melhor ao seu Senhor, não receber mais. Há muitos que são do “sim” externo, do verbalismo religioso hipócrita. Outros, porém, expressam um “não” declaratório ao formalismo ritual, mas praticam um “sim” não apenas confessionalmente, mas com atitudes, comportamentos e testemunhos de regenerado e consagrado filho de Deus.

Há pessoas que alimentam o desejo de agir, de fazer, de obedecer, mas lhes faltam coragem, disposição e ação. Querem ser de Deus, mas no comodismo; almejam servir, mas apenas mentalmente, jamais em atos servis ao Senhor e à sua Igreja. Outras há que lutam contra as indisposições da mente, e do coração, contra os desejos contrários à vontade do Pai celeste e, vencendo seguem-no e fazem o que ele determina. Nem sempre o que se quer é o que se deve fazer.

15- OS LAVRADORES MAUS

A seguir, Jesus passou a proferir ao povo esta parábola: *Certo homem plantou uma vinha, arrendou-a a lavradores e ausentou-se do país por prazo considerável. No devido tempo, mandou um servo aos lavradores para que lhe dessem do fruto da vinha. Os lavradores, porém, depois de o espancarem, o despediram vazio. Em vista disso, enviou-lhes outro servo; mas eles também a este espancaram e, depois de o ultrajarem, o despacharam vazio. Mandou ainda um terceiro. Também a este, depois de o ferirem, expulsaram-no. Então disse o dono da vinha: Que farei? Enviarei o meu filho amado; talvez o respeitem. Vendo-o, porém, os lavradores arrazoavam entre si dizendo: Este é o herdeiro; matemo-lo, para que a herança venha a ser nossa. E, lançando-o fora da vinha, o mataram. Que lhes fará, pois, o dono da vinha? Virá, exterminará aqueles lavradores e passará a vinha a outros. Ao ouvirem isto, disseram: Tal não aconteça! Mas Jesus, fitando-os, disse: Que quer dizer, pois, o que está escrito: A pedra que os construtores rejeitaram, esta veio a ser a principal pedra, angular? Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó (Lc 20.9-19 Cf Mc 12.1-12; Mt 21. 33-46).*

A vinha que Deus plantou. A imagem da “vinha de Deus”, Israel, era sobejamente conhecida dos sacerdotes, escribas e anciãos, aos quais Jesus se referia (Cf Is 5.1-7). Também a rejeição da pedra fundamental lhes era familiar (Sl 118.22,23). Eles, portanto, entenderam o recado acusatório, tomando consciência de que estavam diante do Filho de Deus, criador, vocacionador, instituidor e mantenedor de Israel; único Herdeiro da Vinha, que o Pai plantou.

Por esta parábola, o Mestre, sem subterfúgios, acusou a liderança religiosa de seu povo de ter agido historicamente contra o “Senhor da Vinha”, renegando e até eliminando por assassinato os seus enviados (Cf II Cr 24.20,21), apossando-se de um patrimônio que não geraram e, portanto, não lhes pertencia. Agora o próprio dono da herdade vinícola está presente, reivindicando-lhes a retomada de posse. Os usurpadores, no entanto, não cederiam, temendo perder os privilégios de manipuladores e beneficiários do riquíssimo acervo espiritual de Israel e de controladores da crença firmemente tradicional dos crentes humildes. Então, mancomunados, e na esperança de se apropriarem definitivamente do “reino, matariam o Herdeiro.

Jesus, nesta parábola, sintetizou magistralmente os percalços da revelação messiânica, das promessas de restauração da nação eleita, dos incidentes previstos na encarnação do Verbo, bem como profetizou a sua rejeição final e morte vicária por mandato criminoso dos sumos – sacerdotes, apoiados pelos sacerdotes e escribas. Mas seria exatamente pela morte expiatória que o Filho de Deus assumiria a posse do reino messiânico, tornando-se o exclusivo e específico Sumo Sacerdote dos regenerados. Tudo que o divino Mestre preconizou, realmente aconteceu: A pedra que os edificadores rejeitaram, veio a ser a pedra angular, fundamental, do novo povo de Deus e da fé cristã. Os então invasores da Vinha foram deserdados dos seus direitos contratuais por infidelidade de usurpação. Todos os que a invadem hoje, serão igualmente expulsos. Se não acontecer no tempo presente, certamente acontecerá na eternidade, quando o joio for atado em feixes e lançado ao fogo. Sabemos que nos “últimos dias” surgirão falsos profetas e falsos cristos, fazendo milagres(?) em nome de Deus, atraindo multidões. Assim, porém, como Cristo destronou os hipócritas religiosos pela sua encarnação, morte e ressurreição, também os falsários místicos de nossos dias serão expulsos definitivamente da Vinha do Rei no juízo final.

Ninguém pode apropriar-se da Igreja, reino de Cristo na terra. Somente o Cordeiro é Senhor e Pastor das ovelhas; Pedra fundamental da Igreja; Mestre e Guia de seus escolhidos. A Reforma recristocentrou a fé dos fiéis; patrimônio que nos legou no maravilhoso primado: *Solus Christus – somente Cristo.*

16- AS BODAS DO PRÍNCIPE

De novo entrou Jesus a falar em parábolas, dizendo-lhes: O reino dos céus é semelhante a um rei que celebrou as bodas de seu filho. Então, enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas; mas estes não quiseram vir. Enviou ainda outros servos, com esta ordem: Dizei aos convidados: Eis que já preparei o meu banquete; os meus bois e cevados já foram abatidos. E tudo está pronto; vinde para as bodas. Eles, porém, não se importaram e se foram, um para o campo, outro para o seu negócio; e outros, agarrando os servos, os maltrataram e mataram. O rei ficou irado e, enviando as suas tropas, exterminou aqueles assassinos e lhes incendiou a cidade. Então, disse aos seus servos: Está pronta a festa, mas os convidados não eram dignos. Ide, pois, para as encruzilhadas dos caminhos e convidai para as bodas a quantos encontrardes. E, saindo aqueles servos pelas estradas, reuniram todos os que encontraram, maus e bons; e a sala do banquete ficou repleta de convidados. Entrando, porém, o rei para ver os que estavam à mesa, notou ali um homem que não trazia veste nupcial e perguntou-lhe: Amigo, como entraste aqui sem veste nupcial? E ele emudeceu. Então, ordenou o rei aos serventes: Amarrai-o de pés e mãos e lançai-o para fora, nas trevas. Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos (Mt 22.1-14).

O Rei desrespeitado. A parábola fala de Israel, o povo escolhido pelo Rei dos reis para ser *nação santa*, regida por uma constituição (o código mosaico) redigida pelo próprio Redentor. Javé constituiu-se, mediante pacto de suserania, em Senhor absoluto e governante de seus escolhidos. Israel, porém, colocou-se, ora implícita ora explicitamente, em oposição ao seu legítimo e soberano governante, rejeitando e até assassinando seus arautos devidamente credenciados.

O rei da parábola, que representa o Pai de Jesus Cristo, resolveu fazer o teste da consideração, da submissão e da gratidão. Preparou, pessoalmente, o banquete das bodas de seu filho. Mandou convidar as pessoas supostamente mais achegadas a ele, as mais relacionadas com o palácio. Os convidados não deram o devido valor ao convite. Preparado o banquete, determinou, como era de praxe, que o convite fosse confirmado, demonstrando o interesse e o seu empenho em receber os convidados. Uns, embora honrados pela deferência real, priorizaram seus próprios negócios, relegando à segunda plana a festa de bodas do príncipe. Outros, em afrontosa oposição, prenderam, torturaram e mataram os súditos reais. O rei, então, determinou a seus servos que chamassem os anônimos peregrinos e desempregados das encruzilhadas. Todos aceitaram o convite. À porta do salão palaciano destinado ao banquete, certamente depois do

banho, receberam a vestimenta nupcial de linho branco, para que, na festa, os convivas se nivelassem, eliminando o estado externo de pobreza e insignificância social. Um conviva, porém, rejeitou a roupa especial ofertada. Optou por ser diferente, autônomo, independente e “autêntico”: penetrou o ambiente do banquete, contra as determinações da realeza, com sua própria indumentária. O dono da festa, ao vistoriar os convidados, viu-o. Indagou-lhe os motivos de assim proceder. Ele não respondeu. O rei mandou manietá-lo e acorrentá-lo, lançando-o nas trevas exteriores, pois era um dos chamados, mas não um dos escolhidos (cf Mt 22.14).

Presumivelmente, depois da festa, o rei, irado com o desacato de suas ordens por parte daqueles que tinham o dever da obediência, mandou eliminá-los e destruir-lhes a cidade (Mt 22. 7). Nenhum súdito pode desobedecer impunemente o seu rei ou levantar-se contra seus comissionados.

Cristo anuncia as bodas do Filho, preparadas pelo Pai. Quem rejeitar o convite, ou aceitá-lo indignamente, é porque não faz parte dos escolhidos. Os opositores do rei, boicotadores das núpcias de seu Filho, serão derrotados e lançados na Geena por ocasião do juízo final. Os eleitos chamados e revestidos de Cristo, porém, estarão na “Sala do Banquete das núpcias do Cordeiro”, a Igreja de Cristo, mas sem qualquer mérito pessoal. Pois tal condição privilegiada lhes foi concedida pelo gracioso beneplácito do divino Rei, nosso Salvador.

Israel rejeitou o Messias e tentou eliminá-lo pela execução na cruz, usando o braço do poder romana, mas ele triunfou sobre a morte, tornando-se o Rei universal, o Deus de todos os povos. Os renegados gentios tornaram-se filhos da graça em Cristo Jesus. A comunhão geral dos redimidos não se constitui de eminências espirituais, pessoas que se julgam merecedoras da redenção por méritos pessoais ou promoções clericais, mas de todos aqueles que Deus elegeu e salvou em Cristo Jesus exclusivamente pela graça, não importando a raça, a cultura, a língua, o estado social e as condições temporais.

17- A FIGUEIRA

Aprendeí, pois, a parábola da Figueira: quando já os seus ramos se renovam e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão. Assim também vós, quando virdes todas estas coisas, sabeis que está próximo, às portas. Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça. Passará o céu e a terra, porém, as minhas palavras não passarão Mt 24.32-35 cf Mc 13. 28-31; Lc 21. 29-33).

O tempo das inclemências. Jesus tomou a árvore mais comum da terra santa, a figueira, para servir de “tipo” dos sinais dos tempos. Ela era

tão disseminada, que havia nas cercanias de Jerusalém uma região chamada *Betfagé* (casa de figos). Portanto, o modelo utilizado revestia-se de claríssima nitidez, especialmente a um povo habituado às lides agrárias.

O inverno na Palestina era, nos tempos de Jesus, extremamente rigoroso. Alguns animais acumulavam gordura para a hibernação. As árvores mais sensíveis às baixas temperaturas perdiam as folhas, permitindo a retenção da seiva para garantir a sobrevivência durante o período de congelamento ambiental. Desta maneira, a vida continuava latente, despertando-se no início da primavera, chegando à plena vitalidade no verão, tempo dos frutos maduros, das messes abundantes. Quando as primeiras tímidas folhinhas da figueira brotam, é porque o inverno está chegando ao fim; começa a primavera; o verão aproxima-se; o fim da calamidade hibernal anuncia-se; o ressurgimento da vida assinala-se; a época do sazonal dos frutos aproxima-se. Portanto, os novos rebentos da figueira são prenúncios de esperança e anúncios do fim dos sofrimentos e da inatividade.

Jesus chamou a atenção de seus discípulos para os acontecimentos dos “tempos do fim”, que ele veio inaugurar. Os padecimentos que o mundo impôs a ele, impô-los-ia também ao seu povo. O período que vai do nascimento da Igreja (reino messiânico na terra) ao seu término é chamado, na parábola em apreço, de “esta geração”, isto é, uma nova ordem histórica inserida na história universal, com pessoas regeneradas, qualificadas e condicionadas para o serviço ao Cordeiro. A Igreja teria seu “inverno” rigoroso nas origens; passaria por um estágio de razoável tranqüilidade, mas seria submetida novamente aos horrores das horas finais. No início: perseguição e martírio dos apóstolos e discípulos, culminando com a queda de Jerusalém e a conseqüente mortandade dos judeus. No fim: o aparecimento de falsos profetas e falsos cristos; o surgimento do *anticristo* ou “*homem da iniquidade*”; a emergência das *bestes*, uma religiosa e outra política, influenciando as massas com ilusões miraculosas, e opondo-se ao verdadeiro cristianismo; a eclosão de guerras; o predomínio mundial da fome; os incontroláveis distúrbios naturais; o aumento rápido da incredulidade e das falsas religiões. Quando tudo estiver em curso, a Igreja de Cristo não deve desesperar-se, pois o fim do “inverno calamitoso” está chegando, e a implantação do *reino de Cristo* aproxima-se. A dor do parto é suportável por causa da esperança de chegada de um novo filho. A alegria ao coração da parturiente retornará depois dos gemidos da quase insuportável dor do parto.

O inverno da Igreja tem sido inclemente e prolongado, mas os sinais do fim já começaram aparecer nos ramos da figueira: nascem as tenras e verdes folhinhas da esperança; sinais que o povo de Cristo já capta. O atual predomínio de Satanás sobre instituições particulares e governamentais; a predominância da mentira na sociedade; a lassidão moral progressiva; a

devastadora violência urbana e o crescimento do terrorismo internacional; a introdução do joio, cada vez mais intensamente, na Igreja; o ecletismo religioso inconseqüente e doutrinariamente promíscuo; a antropolatria pragmática; o sexualismo exacerbado e vulgarizado; a tolerância aos desvios morais e a intolerância à verdade revelada não podem predominar por muito tempo. O mundo caminha célere para o caos, para a morte do bem, para o sepultamento da honra, para a lascívia generalizada. As primeiras folhas da figueira despontam. O reino de Cristo aproxima-se. A aurora dá sinais de despontar; os primeiros raios de luz, embora tímidos, já espancam a trevosa escuridão; o novo dia, breve, chegará. Aguardemos em expectativa esperança, mas em intensa vigilância, o "verão" da era final do Messias.

Um crente, o irmão G, estava muito doente, em estado terminal. Fui visitá-lo, levando-lhe o conforto da Palavra de Deus. Ele, quase sem voz, me disse: *Pastor, o meu sofrimento é sinal de que a hora gloriosa de minha partida aproxima-se. Estou confiante e esperançoso!* Três dias depois, os anjos de Deus o conduziram ao Reino dos Céus. As dores da morte, para ele, eram signos de esperança e avisos de glorificação, não sinais de incerteza e punhos do desespero.

A Igreja, pelos sinais escatológicos que despontam, já vive os tempos do fim.

18 O SERVO VIGILANTE

Mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe; nem os anjos no céu, nem o Filho, senão o Pai. Estai de sobreaviso, vigiais [e orai]; porque não sabeis quando será o tempo. É como um homem que, ausentando-se do país, deixa a sua casa, dá autoridade aos seus servos, a cada um a sua obrigação, e ao porteiro ordena que vigie. Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o dono da casa: se à tarde, se à meia noite, se ao cantar do galo, se pela manhã; para que, vindo ele inesperadamente, não vos ache dormindo. O que, porém, vos digo, digo a todos: vigiai! (Mc 13.32-37 cf Lc 12.35-38).

A volta de Cristo. Jesus, em todo o capítulo 13 de Marcos, passa informações aos seus discípulos sobre o seu retorno glorioso (cf Mc 13.26) em contraste com a aparente derrota na partida, quando a morte abaterá, temporária e fisicamente, o autor da vida; quando a tristeza, a decepção e a desesperança dominarão os corações dos seus mais achegados e abnegados pupilos e súditos.

Por meio da parábola do proprietário, que se retirou para o estrangeiro por longo e indeterminado tempo, Jesus quer ensinar duas verdades essenciais e fundamentais: *Primeira:* Jesus deixa aqui a "sua

Casa”, isto é, a Igreja, patrimônio do Messias. *Segunda:* Ele voltará um dia, cuja data somente o Pai conhece. A inesperabilidade do retorno do Rei deixa os seus servos-mordomos, quando realmente fiéis, em contínuo estado de alerta e serviçal vigilância.

Os servos comissionados. Antes da partida, o dono da casa distribuiu as tarefas aos seus servos, dando autoridade, certamente mais de natureza moral, carismática, missionária e espiritual que administrativa, determinando que cada um cumprisse suas obrigações (Cf Mc 13.34). O senhor da casa ficaria fisicamente ausente, mas esperava que seus servos, cada um com seu carisma e dever, cuidasse dela zelosamente, preparando-a para sua volta. Esta casa é a Igreja, comunhão dos redimidos. Cada membro tem nela um ministério, papel ou função. Requer-se que o servo, integrado no corpo eclesial, cumpra seu dever geral de servidor e suas obrigações especiais a ele atribuídas, colaborando para a preservação, a unidade e o desenvolvimento da Casa do Rei. O cumprimento do dever comunitário e individual é o mais patente meio de vigilância permanente. Desorganiza, enfraquece e adormece a Igreja: o aluno da Escola Dominical que, sem motivo justo, não comparece às aulas; o sócio que se ausenta das reuniões de seu departamento; o coralista que não comparece aos ensaios do coral; o diácono que não cumpre o seu plantão diaconal; o presbítero que, por falta de zelo, não exerce o seu ministério; o pastor que não se dedica ao pastoreio. Todos, com tais atitudes negativas, descuidam da vigilância da Igreja, colaborando para sua contaminação pelo mundo e predominância ou dominação de conceitos e preceitos heréticos na doutrina e no culto. Deus exige zelo de seus mordomos!

Cada crente é vigilante de si mesmo, quando se torna vigilante do corpo místico do qual é partícipe por ordenação do *Dono da Casa*, o Senhor do rebanho. A individualidade cristã somente existe no contexto da unidade consensual da Igreja. Não há crente “autônomo”, como não existe ramo vivo fora da videira ou órgão ativo fora do organismo. A vigilância individual somente é possível na vigilância integrada do Corpo. Quem vela pelo conjunto orgânico, vela por si mesmo na condição de órgão do organismo.

Os vigilantes da Casa de Deus. A parábola não nos adverte, necessariamente, para a vigilância pessoal, mas para que mantenhamos a guarda do “patrimônio” de Cristo, a Igreja, deixada sob nossos cuidados ministeriais. O Mestre dos mestres alertou-nos reiteradamente sobre a tentativa de invasão do seu rebanho por falsos pastores, falsos profetas e falsos cristos (Cf Mc 13.21-23; Jo 10. 1.5.10,12,13). Não é fácil proteger e preservar o rebanho do sumo Pastor, pois ovelhas existem que se deixam iludir por vozes estranhas de hábeis enganadores. A missão mais árdua é a do “porteiro”, que recebeu “ordenação especial” do dono da casa para “vigiar” (Mc 13.34b). Creio que esse “porteiro” pode ser legitimamente

identificado com o ministério liderante da comunidade: Pastor e presbíteros sob cujos ombros recai a responsabilidade de zelar pela fidelidade dos fiéis a Cristo, às Escrituras e à adoração, segundo os parâmetros bíblicos. Se heréticos e heresias entrarem na Igreja, a culpa é do Pastor e do Conselho, respectivamente, pois Jesus dirige os membros comunitários de seu corpo e a eles fala por meio de seus pastores regentes e docentes.

19- O LADRÃO

Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor. Mas considerai isto: Se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa. Por isso, ficai também vós apercebidos; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do homem virá (Mt 24.42-44).

A volta repentina do Rei. Jesus repetidamente instruiu-nos sobre sua volta repentina e inesperada. Seu ensino advertencial tem o propósito de preparar os cristãos realmente regenerados, deixando-os em estado de alerta permanente para o advento do glorioso Dia. Os incrédulos e os servos descuidados e desatentos serão apanhados de surpresa; o fim, para eles, trará terríveis conseqüências judiciais condenatórias. O evento de seu retorno assemelhar-se-á ao dilúvio: *Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do Homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem (Mt 24. 37-39).* Tudo parecerá normal. As pessoas estarão cuidando de si mesmas, de seus interesses imediatos, de seus afazeres pessoais e familiares; bem como tomando decisões para o futuro como, por exemplo, preparando-se para o casamento ou até em festas nupciais, momento em que, inesperadamente, a trombeta angélica soará, anunciando a volta do Filho do Homem. O desespero tomará conta dos desprezados, dos que dedicaram mais tempo à materialidade da vida que à dedicação a Deus e à vigilância espiritual. A volta do Messias põe termo ao atual estágio da existência; encerra o tempo de aceitação da oferta redentora oferecida por Cristo; faz chegar ao fim a oportunidade de labor na seara do Redentor. O servo que for encontrado servindo, será galardoado com a bênção da convocação para a vida eterna com o seu Senhor. O negligente receberá o castigo da exclusão, pois quando devia servir, não o fez.

A figura do ladrão. A figura do ladrão foi usada para alertar-nos sobre o aspecto calamitoso do retorno de Cristo para os incrédulos; os falsos cristãos; os crentes apáticos, relapsos, irresponsáveis e descuidados.

Os que não cuidam da vida espiritual, os que não velam a Igreja da qual são membros, os que desvalorizam as Escrituras, os que não servem o Cordeiro ininterruptamente; estes devem temer a volta de Cristo; e se não a temem, pagarão caríssimo, ao serem tomados de surpresa pelo supremo Juiz. O ladrão não causa danos ao vigilante atento e ao patrimônio por ele vigiado, mas ao vigia relapso e aos bens sob sua guarda.

Os líderes vigilantes. O servo de Cristo, pai de família, não guarda somente a sua pessoa, mas também o seu lar, do esfriamento da fé, da apostasia, do afastamento da Igreja, da intromissão da heresia, da inoculação do mundanismo, da infestação da indiferença, da priorização do material sobre o espiritual. O perigo de sermos tomados de surpresa pelo Rei em seu retorno é tão grande, que o Novo Testamento, repetidas vezes, alerta-nos sobre a questão. Eis, por exemplo, o que nos diz Paulo: *Irmãos, relativamente aos tempos e às épocas, não há necessidade de que eu vos escreva; pois vós mesmos estais inteirados com precisão de que o Dia do Senhor vem como ladrão de noite. Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição, como vêm as dores de parto à que está para dar à luz; e de nenhum modo escaparão. Mas vós, irmãos, não estais em trevas, para que esse Dia como ladrão vos apanhe de surpresa (I Ts 5.1-4 cf II Pe 3.10; Ap 3.3; Ap 16.15).*

Não somente os *líderes da Igreja*, mas também cada um de seus membros, deve manter-se no posto de vigia, para que o Dia do Senhor lhes seja bênção e glória, não tormento e condenação. E mais, cumpre aos eleitos de Deus o dever de anunciar ao mundo a volta de Cristo como Salvador dos escolhidos e justo juiz para os réprobos. Os tempos do fim já estão em andamento. Estamos mais próximos, hoje, do fim, do que no início de nossa jornada cristã: *E digo isto a vós outros que conheceis o tempo: já é hora de vos despertardes do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto do que quando no princípio cremos (Rm 13.11).*

A vigilância da Igreja não pode interromper-se, fraquejar, arrefecer-se. Um minuto de cochilo pode coincidir-se com o da volta do Messias.

20- SERVO FIEL E PRUDENTE.

Disse o Senhor: Quem é, pois, o mordomo fiel e prudente, a quem o senhor confiará os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo? Bem-aventurado aquele servo a quem seu senhor, quando vier, achar fazendo assim. Verdaderamente vos digo que lhe confiará todos os seus bens. Mas, se aquele servo disser consigo mesmo: Meu senhor tarda em vir, e passar a espancar os criados e as criadas, a comer, a beber e a embriagar-se, virá o senhor daquele servo, em dia em que não o espera e em hora que não sabe, e castiga-lo-á, lançando-lhe a sorte com os infiéis (Lc 12.42-46 cf Mt 24.45-51).

Fiel, todo ministro que cumpre seu ministério. Jesus havia contado a parábola do servo vigilante (Lc 12.35-40). Claro, o servo não recebe incumbência de vigiar-se a si mesmo, mas de ocupar o arriscadíssimo posto de vigia da herdade de seu senhor. Sob seus cuidados e responsabilidade ficavam o patrimônio e a vida de seu empregador e família. Nos tempos bíblicos, o vigilante era, geralmente, um escravo de confiança, que passava as vigílias da noite em estado de alerta. Tinha de avisar o seu senhor da aproximação dos inimigos, a tempo hábil para reação de ataque ou fuga. Pedro, o líder natural do colégio apostólico, perguntou ao Mestre se a parábola do vigilante aplicava-se somente aos apóstolos ou a todos os líderes da Igreja, presentes e futuros (Cf Lc 12.41). Então Cristo, respondendo-lhe, contou a parábola do “Servo Fiel e Prudente.” Não se trata de um guarda noturno em uma guarita ao portão de entrada da propriedade, mas de um administrador, que assume o lugar do dono da fazenda na sua ausência.

Lucas chamou o “administrador fiel” de “mordomo”, ao qual se confiou a propriedade com todos os seus criados e criadas, para os quais deveria, como fazia o proprietário, prover o sustento diário, tratando-os com respeito, tolerância e dignidade. O mordomo, um escravo de confiança e mais qualificado que os outros, viu-se, inesperadamente, na condição de “dono”, com tudo nas mãos: os bens patrimoniais e as vidas de seus conservos. Se ele conservar o espírito de mordomo, gerenciando tudo, não para si mesmo, mas para seu senhor, o patrão, quando voltar, dar-lhe-ia mais participação em seus negócios e mais autoridade sobre os trabalhadores da empresa. Receberia uma gratificante promoção e ocuparia uma honrosa posição administrativa ao lado de seu Senhor. Se, porém, a autoridade de dominação e o dinheiro alheio fácil lhe subissem à cabeça, e passasse a castigar os subalternos e esbanjar os bens do seu senhor em orgias e bebedeiras, o dono do patrimônio, ao retornar de surpresa, submetê-lo-ia a severos castigos, destituí-lo-ia do privilegiado posto de mordomo-chefe e alijá-lo-ia definitivamente da sociedade familiar, lançando sua sorte com os infiéis, isto é, considerando-o proscrito, excluído do convívio saudável da família.

Pastores – mordomos de Cristo. O divino Mestre, por meio da parábola do “Servo Fiel”, ensinou a Pedro, aos apóstolos e a todos os futuros líderes eclesiais as seguintes verdades fundamentais: a- Partirei deste mundo, ausentar-me-ei fisicamente de meu povo; palmilharei o caminho da morte, chegarei à glória da ressurreição, assumirei a glorificação, onde sempre estive, à destra de meu Pai. b- Deixo aqui a minha Igreja animada pelo Espírito Santo, o iluminador de todos os profetas para compreensão e comunicação da mensagem da graça, que revelei na minha encarnação, na minha paixão, no meu martírio vicário e

na minha ressurreição. A família que gerei fica entregue aos cuidados dos meus legítimos mordomos, que a administrarão em meu nome e para mim, ensinando aos atuais herdeiros e aos pósteros as verdades reveladas nas Escrituras e proclamando o único meio da salvação: a fé incondicional e irrestrita no Filho de Deus. c- Voltarei um dia, em data preordenada mas não revelada, para reassumir, em estado ressurreto e glorificado, o comando de minha gente, expulsar da minha grei os infiéis, vencer a morte e doar a vida eterna a todos os eleitos redimidos, dando-lhes assento comigo no meu reino escatológico, onde não haverá pecado nem morte. Aos mordomos e servos fiéis, que não cuidaram de si mesmos, mas do meu rebanho, com sacrifício da própria vida, deixo-lhes a promessa: *Sejam fiéis até à morte, e dar-lhes-ei a coroa da vida (Cf Ap 2.10b).*

21- AS DEZ VIRGENS

Então, o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram a encontrar-se com o noivo. Cinco dentre elas eram néscias, e cinco prudentes. As néscias, ao tomarem suas lâmpadas, não levaram azeite consigo; no entanto, as prudentes, além das lâmpadas, levaram azeite nas vasilhas. E, tardando o noivo, foram todas tomadas de sono e adormeceram. Mas, à meia noite ouviu-se um grito: Eis o noivo! Saí ao seu encontro! Então, se levantaram todas aquelas virgens e prepararam as suas lâmpadas. E as néscias disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão se apagando. Mas as prudentes responderam: Não, para que não nos falte a nós e a vós outras! Ide, antes, aos vendedores e comprai-o. E, saindo elas para comprar, chegou o noivo, e as que estavam apercebidas entraram com ele para as bodas; e fechou-se a porta. Mais tarde, chegaram as virgens néscias, clamando: Senhor, senhor, abre-nos a porta. Mas ele respondeu: Em verdade vos digo que não vos conheço. Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora (Mt 25. 1-13).

Conteúdo escatológico. Esta parábola, entre outras, está no contexto dos anúncios escatológicos de Jesus Cristo, especialmente no que concerne ao aspecto imprevisível, não da volta em si, mas do “momento exata” em que acontecerá. O noivo virá buscar a noiva, conforme o contrato de noivado, mas não se estabeleceu a hora da chegada. Daí, a necessidade de preparo e atenção, tanto da noiva como dos que a ela servem nos preparativos e execução da cerimônia nupcial. Como a noiva, a Igreja vive o tempo da promessa, o ínterim entre a primeira e a segunda vinda do Noivo.

As virgens: A relação do noivo com a noiva constitui o cerne do ensino. As virgens são coadjuvantes, “ornamentam” a marcha nupcial da noiva, dando ênfase e visualidade ao ritual festivo. A presença das damas virgens, nas festividades de casamento, ressaltava e projetava a figura central da noiva, o alvo exclusivo do noivo. Imaginar que as únicas convivas presentes à festa de casamento eram as virgens seria ignorar o conjunto do cerimonial e esvaziar a sua comensalidade. As damas de honra faziam parte do todo como parcela importante e proeminente do conjunto social e representativo da festa nupcial. Elas, sem dúvida, retratam os que representam a Igreja, dando-lhe visibilidade pública, mas nem todos são regenerados de fato, havendo entre eles os néscios.

Os fachos acessos, além de embelezarem o casamento, serviam para demonstrar que o ato da aliança nupcial era manifestamente público. Lâmpadas apagadas significavam ocultamento, o que não podia acontecer em consócio matrimonial decente e legal. O “casamento escatológico” de Cristo com sua Igreja não será oculto, mas visível, patente a todos os seres humanos - eleitos e não eleitos.

Virgens néscias. A Igreja visível, no atual estado de “noivado”, contém, no seu corpo de membros, ovelhas e bodes, trigo e joio. Os irregenerados, embora pertençam à Igreja e vivam a expectativa do advento do Rei, não estarão “preparados pelo Espírito Santo” a ingressarem no reino por ocasião das bodas. O atraso das virgens néscias e a conseqüente rejeição, por parte do próprio noivo, significa que os que não marcham com a nova real nas duras lides de sua caminhada, não podem participar da honradíssima festa de núpcias.

A vigilância. Alguns intérpretes entendem que Mt 25.13 contradiz a narrativa parabólica, pois as virgens, prudentes e néscias, “dormiram” enquanto aguardavam a chegada do noivo (Cf 25.5). Lembremos que elas estavam, certamente na casa da noiva, como “festeiras contratadas” para que a festa nupcial se revestisse de elegância, notoriedade, solenidade, transparência, visibilidade e beleza. O acontecimento central, que deveria ser evidenciado, era o casamento, e neste, as pessoas exponenciais deveriam ser o noivo e a noiva, para os quais todas as atenções voltavam-se. Não se pode falar de sonolência do noivo, pois se trata de imagem representativa de Cristo. Por outro lado, unimaginável seria atribuir à noiva qualquer pestanejar, pois era sua “noite nupcial”, a maior expectativa de sua vida. Seu estado de ansiosa vigilância, fruto de seu intenso amor pelo noivo, não permitiria que ela dormisse. Como a noiva da parábola, deve ser a Igreja, noiva de Cristo: vigilante incansável à espera do Noivo em cuja promessa acredita piamente. Ela sabe, pela certeza da fé e o testemunho da Palavra de Deus, que seu Noivo, fisicamente ausente, voltará para buscá-la, tornar-se um corpo moral e espiritual com ela, e viverem consorciados e felizes eternamente. Os que são, no corpo militante da noiva, aderentes

descuidados por serem eletivamente reprovados, esses ficarão de fora, pois o Noivo, de fato, não os conhece. Os crentes verdadeiros não descuidam da vigilância, não se afastam do posto de guarda, velando, orando, comungando e testemunhando.

22- PARÁBOLA DOS TALENTOS.

Pois será como um homem que, ausentando-se de seu país, chamou os seus servos e lhes confiou os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro, dois e a outro um, segundo a sua própria capacidade; e, então, partiu. O que recebera cinco talentos saiu imediatamente a negociar com eles e ganhou outros cinco. Do mesmo modo, o que recebera dois, ganhou outros dois. Mas o que recebera um, saindo, abriu uma cova e escondeu o dinheiro do seu senhor. Depois de muito tempo, voltou o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles. Então, aproximando-se o que recebera cinco talentos, entregou outros cinco, dizendo: Senhor, confiaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que ganhei. Disse-lhe o senhor: Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo de seu senhor. E, aproximando-se também o que recebera dois talentos, disse: Senhor, dois talentos me confiaste; aqui tens outros dois que ganhei. Disse-lhe o senhor: Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo de seu senhor. Chegando, por fim, o que recebera um talento, disse: Senhor, sabendo que és homem severo, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste, receoso. Escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu. Respondeu-lhe, porém, o senhor: Servo mau e negligente, sabias que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei? Cumpria, portanto, que entregasses o meu dinheiro aos banqueiros, e eu, ao voltar, receberia com juros o que é meu. Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem dez. Porque a todo o que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. E o servo inútil, lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes (Mt 25.14-30).]

Significado da Parábola. Esta é mais uma parábola de ensino escatológico, visando a preparação, a preservação e o desenvolvimento do patrimônio sagrado de Jesus Cristo, a sua Igreja, entregue ao pastoreio de seus ministros, até que ele volte. Os ministérios do corpo eclesial são o conjunto dos carismas doados por Deus a cada um de seus membros, para enriquecimento e progresso do reino. Objetivo: quando o Messias retornar, encontre a sua Igreja ampla, mais forte, mais rica e mais consagrada.

A Igreja não é minha, nem sua, nem nossa; ela é de Deus, sendo nós seus ministros; cada um conforme a sua capacidade. Dentro dela nenhum servo pode deixar de servir o seu Senhor, e exclusivamente a ele.

Talentos. O talento era um padrão monetária de grande valor. O de prata, mais circulante que o de ouro, valia cerca de 60.000 dólares (6.000 denários). O dinheiro representava o resultado final do esforço do homem que se ausentou, o prêmio de laboriosas conquistas. Todos os seus talentos, oito, depositou nas mãos de seus escravos (douloi), não somente para serem conservados, mas multiplicados, na base do lema: *Dinheiro produz dinheiro*. Na interpretação da parábola, não podemos esquecer que os talentos eram do Senhor, não de seus servos.

Multiplicação dos talentos. Notemos o seguinte: a- Os depositários dos talentos eram escravos (douloi). Não eram donos de si mesmos, nem do produto de seus trabalhos; tudo pertencia ao senhor. b- A obrigação do escravo era cumprir as ordenanças do senhor, não discuti-las, como fez o negligente. c- Os talentos que receberam e os respectivos lucros deveriam ser devolvidos integralmente, segundo a proporção confiada e a capacidade produtiva de cada um. d- O prêmio que os dois servos fiéis receberam foi: *Entrem no gozo do senhor*, isto é, participem dos benefícios finais das vitórias alcançadas do conjunto operativo.

Não trabalhamos para nós mesmos na Igreja, mas para Deus. A recompensa de quem cumpre o seu dever no reino de Cristo é semelhante à do escravo consagrado: ficamos felizes, porque a Igreja cresce, unifica-se e se santifica com a nossa contribuição. Nenhum servo verdadeiro de Cristo, no serviço de sua Igreja, visa lucro monetário ou prestígio social; tudo que faz é para exaltação do Salvador e o bem estar da comunidade dos salvos.

O servo infiel. Somos chamados para servir a Cristo, cada um com seu ministério. Ele coloca em nossas mãos as sementes para que as plantemos e as cultivemos, mas a colheita pertence a ele. Quem enterra a bênção de servir, não serve para o Senhor e, como ramo infrutífero da videira, é cortado, lançada fora e destinado ao fogo. O servo da parábola recebeu um talento, não o reproduziu, e ainda culpou o seu senhor pela sua irresponsabilidade. Resultado: não somente deixou de entrar no gozo de seu senhor, mas perdeu o privilégio de ser útil e a condição de servo daquele que o prestigiou. Eleito é aquele que, em Cristo, torna-se um servidor desprendido de Cristo e de seu povo. O não eleito, embora seja membro formal da Igreja, não se interessa pela causa o Rei, mas por sua própria causa. O lugar do egoísta, do preguiçoso, do materialista, do descuidado com as coisas de Deus, não é no corpo de Cristo, mas fora dele. Somos vocacionados para servir, não exatamente para sermos servidos. Uma das formas de servir é a entrega fiel de dízimo, que pertence ao Senhor. A Deus o que é de Deus! Damos a nós o que é nosso; damos ao mundo o que é do mundo; e devemos dar a Deus o que é de Deus.

23- O DIA DA SEPARAÇÃO

Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda. Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me. Então, perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos forasteiro e te hospedamos? Ou nu, e te vestimos? E quando te vimos enfermo ou preso e te fomos visitar? O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes. Então o Rei dirá também ao que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos. Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; sendo forasteiro, não me hospedastes; estando nu, não me vestistes; achando-me enfermo e preso, não fostes ver-me. E eles lhe perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso e não te assistimos? Então lhes responderá: Em verdade vos digo que, sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer. E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna (Mt 25.31-46).

O Rei – juiz. A parábola fala da volta de Jesus Cristo como Rei majestoso, que se entronizará, com todas as pompas reais, no trono de sua glória. Aos seus pés curvar-se-ão todas os reinados do mundo, isto é, todas as nações. O Messias então, na condição de Rei supremo, separará os eleitos (ovelhas) dos réprobos (bodes), e, assumindo pessoalmente o posto de Juiz, a magistratura singular, para declarar justificados os eternamente eleitos e redimidos por meio de sua morte vicária, destinando-os ao reino eterno; e, por outro lado, sentenciar à perdição eterna os reprovados, os bodes que, na peregrinação terrena, estiveram misturados à ovelhas.

As ovelhas verdadeiras. Cristo não criou uma comunidade de egoístas ou de místicos individualistas, cada um cuidando de seus interesses sociais e espirituais, julgando entrar nos céus sem a companhia dos conservos. Os eleitos são chamados para o Corpo de Cristo onde vivem interativamente em relações semelhantes à do ramo com o troco e com os

outros ramos, à do órgão no organismo, dependente da cabeça e interdependente de outros órgãos. Ao amar, respeitar, compreender, tolerar, perdoar e ajudar o irmão, estaremos servindo o Senhor da Igreja, Cabeça do Corpo, Tronco da Videira. Tudo que se faz a um membro da família redimida, faz-se ao próprio Doador e Consumador da fé, Pai da prole cristã, nosso Senhor Jesus Cristo: *O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes (v. 40)*. Cada crente tem de demonstrar seu amor a Deus, amando seus irmãos: *Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus a quem não vê (I Jo 4.20)*. A Igreja solidária da terra é o protótipo da Igreja gloriosa do reino escatológico de Cristo. A Igreja – serve, aquela que o Rei vem arrebatara, é a que serve a Deus em adoração, submissão e obediência sob o ágape irrestrito, e serve o irmão com amor fraternal de fato e não somente de palavras.

O destino dos bodes. Os bodes que se introduzem no rebanho de Cristo vestidos de ovelhas, ficarão nele, enganando e sendo enganados, ocupando indevidamente espaços e postos, alimentando-se das bênçãos temporais do misticismo egocêntrico, até o dia da separação. Eles, embora no aprisco, não fazem parte da família de Deus, pois amam a si mesmos e somente buscam benesses materiais e bênçãos temporais. No juízo final ouvirão, certamente decepcionados, pois aguardam a salvação por méritos próprios ou por mediações indevidas, a horrível sentença: *Apartai-vos de mim, malditos,, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos (v.41b)*. O privilégio de ser bode no meio das ovelhas de Cristo terminará, para nunca mais a Igreja do Filho de Deus ser maculada com hipócritas e suas intromissões , as vezes convincentes.

A fraternidade, a igualdade, a justiça, a caridade e o cooperativismo devem ser virtudes naturais dos servos de Cristo. O Senhor, Cabeça da Igreja, pensa e age nela e com ela, controla-a, não sendo jamais controlado por ela.

24- OS DOIS DEVEDORES – Lc 7. 41-43.

Certo credor tinha dois devedores: Um lhe devia quinhentos denários, e o outro, cinqüenta. Não tendo nenhum dos dois com que pagar, perdoou-lhes a ambos. Qual deles o amará mais? Respondeu-lhe Simão: Suponho que aquele a quem mais perdoou. Replicou-lhe Jesus: Julgaste bem (Lc 7.41-43 cf Lc 7.36-50).

O Contexto da parábola. Um fariseu chamado Simão (nome popularíssimo entre os judeus daqueles dias) convidou Jesus para uma

refeição em sua casa. O exato motivo do convite não se sabe, mas não foi por amizade sincera, com certeza.

Jesus estava, segundo os costumes, recostado à mesa, com o braço esquerdo apoiado sobre um divã no chão da sala, e a mão direita liberada para a refeição. Nessa posição, as pernas, com os pés descalços, ficavam estendidas para trás. Uma mulher pecadora, certamente já convertida pela pregação de Jesus, ousou entrar na casa do radicalíssimo fariseu. Quando viu diante dela os santíssimos pés do Senhor Jesus, tomou-se de extrema emoção, pondo-se a chorar copiosamente. As profusas lágrimas caíam sobre os pés do divino Mestre. Ela então soltou os cabelos e com eles enxuga-os. Trazia consigo também um vaso de alabastro com óleo finíssimo perfumado. Quebrando o fino gargalo do recipiente, derramou o perfume oleoso sobre os pés de Jesus. O fariseu, mentalmente, censurou o Filho de Deus, imaginando: Se ele fosse realmente um profeta, saberia que essa mulher é indigna; e com tais atitudes não somente demonstra a sua inconseqüência e atrevimento, mas profana o próprio Rabino. Jesus, percebendo, contou a parábola acima transcrita, obrigando o fariseu a sustentar que aquele de quem muito se perdoa maior gratidão expressa para com seu perdoador.

A mulher pecadora em cena. Jesus pede ao fariseu que olhe para a mulher renegada por ele, para dizer-lhe que sua enorme gratidão procedia do imenso perdão que recebera. O fariseu não lhe devia gratidão, porque julgava não carecer de perdão. Sua justiça firmava-se na lei, não na graça. Por falta de consideração, e por não reconhecer Jesus como o seu Salvador, acolheu-o em sua casa com indiferença e falta de hospitalidade, mais para conhecê-lo que para ouvi-lo. Como hospedeiro, tinha a obrigação de lavar e enxugar os pés do eminente hóspede; dar-lhe o beijo de boas vindas; ungir-lhe a cabeça com azeite comum. Nada disso fez. A mulher, dentro da casa do clérigo, praticou os ritos de hospedagem dos quais o dono da residência se omitiu. Portanto, muito mais digna era aquela mulher pecadora, que quebrou todas as regras restritivas impostas às mulheres, mormente a uma pecadora, para demonstrar amor extremado ao divino Redentor de sua alma, lavando-lhe os pés com suas próprias lágrimas, enxugando-os com seus cabelos soltos, unguendo-os, não com azeite comum, barato e sem perfume, mas com óleo aromatizado finíssimo, depositado em frasco requintado de alabastro. Tudo que uma mulher não podia fazer, ela fez, porque o impulso da gratidão foi mais forte que todos os tabus. O amor do arrependido desconhece fronteiras humanas, ignora tradições seculares e desconhece leis restritivas e impeditivas procedentes da religiosidade formal, impostas ao povo por um farisaísmo inconseqüente.

Redenção exclusivamente pela graça. Na casa do fariseu opuseram-se dois sistemas de redenção: a lei, que impunha a obediência irrestrita às ordenanças do Sinai, e a graça, firmada no perdão e na eleição

eterna. A lei propunha condicionar a recepção da vida eterna à obediência de normas externas. A graça preparava o regenerado internamente para cumprir a lei. Uma agia de fora para dentro; outra, de dentro para fora. Na casa do fariseu deu-se a morte do legalismo hipócrita de uma falsa santidade, de uma justiça externamente correta e internamente falsa e até corrupta. Ali, no reduto farisaico, nasceu uma “santa”, retirada da lama, bastarda, rejeitada, excluída da fé judaica, morta em seus delitos e pecados, mas salva pela misericórdia de Deus, atingida pelo perdão permanente de seus muitíssimos pecados.

O quadro da mulher pecadora arrependida, que ungiu o Salvador com a mais evidente demonstração de grato amor, ensina-nos:

- a- Não há salvação sem arrependimento sincero; não existe arrependimento sincero sem a preordenação divina.
- b- Não somos salvos pelas obras da lei, mas pela graça mediante a fé.
- c- O salvo, livre de si mesmo, dedica-se, sem reservas, ao Salvador. Quem não ama o Salvador, não sente a bênção da salvação.

25- O BOM SAMARITANO

E eis que certo homem, intérprete da lei, levantou-se com o intuito de pôr Jesus à prova e disse-lhe: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Então Jesus lhe respondeu: Que está escrito na lei? Como interpretas? A isto ele respondeu: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e amarás o teu próximo como a ti mesmo. Então Jesus lhe disse: Respondeste corretamente; faze isto e viverás. Ele, porém, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: Quem é o meu próximo? Jesus prosseguiu dizendo: Certo homem descia de Jerusalém para Jerico, caindo nas mãos de salteadores, os quais, depois de tudo lhe roubarem e lhe causarem muitos ferimentos, retiraram-se, deixando-o semimorto. Casualmente, descia um sacerdote por aquele mesmo caminho e, vendo-o, passou de largo. Semelhantemente, um levita descia por aquele lugar e, vendo-o, também passou de largo. Certo samaritano, que seguia o seu caminho, passou-lhe perto e, vendo-o, compadeceu-se dele. E, chegando, pensou-lhe os ferimentos, aplicando-lhes óleo e vinho; e, colocando-o sobre o seu próprio animal, levou-o para um hospedaria e tratou dele. No dia seguinte, tirou dois denários e os entregou ao hospedeiro, dizendo: Cuida deste homem, e, se alguma coisa gastares a mais, eu to indenizarei quando voltar. Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores? Respondeu-lhe o intérprete a lei: O que usou de misericórdia para com ele. Então, lhe disse: Vai e procede tu de igual modo (Lc 10.25-37).

A doutrina correta. O teólogo, intérprete da lei, não estava preocupado com a maneira certa de se viver conforme a vontade de Deus, mas com doutrina correta. Para ele, o reino dos céus somente era acessível aos que tinham uma compreensão exata da soteriologia pactual mosaica e um cumprimento formal de suas prescrições. O sacerdote e o levita, na condição de homens cerimonialmente purificados, impedidos estavam de socorrer um moribundo desconhecido à margem da estrada. Portanto, segundo as normas sacras, eles agiram corretamente. Jesus estava mais preocupado com a ação humanitária e religiosamente indiscriminada do ser humano que com o formalismo mosaico. A parábola levou o *doutor da lei* a admitir, contra seus princípios e seu ódio racial, um samaritano caridoso como próximo, e mais: a admitir que seu exemplo deve ser imitado. O intérprete da lei conhecia os procedimentos legais estabelecidos e os respeitava formalmente, mas, ao mesmo tempo, devotava aversão, em nome da sua fé, aos samaritanos e aos gentios. Era a religião da discriminação, embora de preceitos e conceitos adequada e legitimamente estabelecidos.

O doutor da lei julgava-se justo e, portanto, salvo, pelo fato de ser israelita e cumpridor das ordenanças sinaíticas e cerimoniais. Amar o próximo estrangeiro não lhe era um dever estatuído na lei e nem lhe acrescentaria qualquer mérito de natureza moral ou espiritual, segundo sua formação religiosa. Por outro lado, o homem não é salvo por suas obras, mas pela graça. No entanto, o regenerado, obrigatoriamente, pratica boas obras, especialmente as caritativas.

Quem é meu próximo? Esta mesma pergunta do intérprete da lei podemos fazê-la hoje. O próximo a quem eu devo consideração, respeito e amor cristão pode ser uma pessoa de rua, um pobre andrajoso, um analfabeto, um débil mental, um norte – americano, um judeu, um árabe, um africano, um índio, um cigano, um trabalhador braçal, um operário, um policial, um encarcerado, um idoso abandonado. Pode ser também um católico, um espírita, um muçulmano, um budista ou um ateu. Cristãos existem que têm muitas dificuldades para tratar, misericordiosamente, com algumas pessoas, como se não fossem próximas ou semelhantes, humanamente falando. As diferenças religiosas e ideológicas não podem gerar em nós, os cristãos verdadeiros, a descaridade, a discriminação social e a exclusão do círculo de nossas influências benéficas. O verdadeiro servo de Cristo não impõe regras e conceitos comportamentais e doutrinários, mas vive a fé em Cristo Jesus e a submissão à Palavra de Deus em sua plenitude e vigor, brilhando como luz, fermentando como fermento e salgando como sal. A caridade real, não interesseira, é filha da regeneração. Pelos bons frutos conhece-se a boa árvore. Para ser caridoso para com a vítima de assalto, a quem desconhecia, o *bom samaritano* não abriu mão de suas convicções religiosas; mas o beneficiado podia ter perguntado, se não

o fez: Que religião professa esse homem? Qual é o seu Deus. Não é, porventura, o Deus que veio, em Cristo Jesus, comer e beber com publicanos e pecadores? Devemos amar nossos irmãos em Cristo com amor especial, porque somos unidos pelo mesmo sangue do Cordeiro; mas devemos amar o nosso semelhante de quaisquer ideologias ou credos com amor caritativo e respeitoso. Vivemos em uma sociedade pluralista; não nos confundimos com ela nem nela nos fundimos; mas a servimos como servos do Filho de Deus. *Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade (I Jo 3. 18).*

26- O AMIGO IMPORTUNO

Disse-lhes ainda Jesus: Qual dentre vós, tendo um amigo, e este for procurá-lo à meia noite e lhe disser: Amigo, empresta-me três pães, pois um meu amigo, chegando de viagem, procurou-me, e eu nada tenho que lhe oferecer. E o outro lhe responda lá de dentro, dizendo: Não me importunes; a porta já está fechada, e os meus filhos comigo também já estão deitados. Não posso levantar-me para os dar. Digo-vos que, se não se levantar para dar-lhos por ser seu amigo, todavia, o fará por causa da importunação, e lhe dará tudo o de que tiver necessidade (Lc 11. 5-8).

Contexto da parábola. Esta parábola está no contexto de oração. Vem depois da Oração Dominical e antes do apelo de Cristo para que o crente seja suplicante persistente, esperando que o Pai o atenda segunda as suas necessidades e conforme a soberana vontade de Deus (cf Lc 11. 9-13).

O ensino da parábola:

a- O amigo que podia socorrer residia nas vizinhanças, e as relações do hospedeiro inoportuno com ele eram cordiais e amistosas.

Também o Deus a quem apelamos nas horas de necessidades habita conosco e com ele o crente verdadeiro mantém comunhão relacional da mais profunda intensidade.

b- Ele sabia, por conhecimento direto, que o amigo tinha condições, naquelas horas da noite, de atender-lhe o pedido, pois se tratava de homem precavido e providente.

Deus, que está conosco na pessoa de Jesus Cristo, possui tudo o de que um filho seu necessita. Ele é dono de todas as coisas e Pai dos redimidos.

c- O crente não pode deixar de apelar a Cristo pois, além de seu amigo leal, é dona de todas as graças e todas as bênçãos. O servo de Deus é um

permanente necessitado, mas nem sempre reconhece o seu estado de miserabilidade espiritual.

d- O suplicante importuno nada pediu para si mesmo, mas para um amigo seu, que havia chegado de viagem, e estava faminto. O seu pedido está dentro do espírito da petição dominical: *O pão nosso cotidiano dá-nos de dia em dia (Lc 11.3)*. O “nós” é mais importante que o “eu”. A necessidade de um irmão, de um amigo sincero, é também a minha. Toda a importunação foi a favor de outro, não de si mesmo. Pedimos muito para nós, e pouco para o nosso próximo. A nossa insistência na oração não deve ser de natureza individualista e egoísta. Três pães caseiros daqueles tempos era suficiente para refeição de uma pessoa. Ele não pediu além do que carecia o seu amigo: implorou o pão do dia, aquele que matasse a presente fome do faminto.

e- Deus não nos atende porque pedimos persistentemente, nem nos responde conforme nossos desejos, mas segundo as nossas necessidades e os seus propósitos.

O sentido da oração. O suplicante, com um pedido oportuno em uma hora inoportuna, não desistiu, porque não tinha a quem apelar naquelas circunstâncias; e ele sabia que seu amigo podia atendê-lo e o faria. O crente tem de orar sem cessar, porque também não cessam as suas necessidades. O servo de Deus é carente, mas tem um Pai, Senhor do céus e da terra, que o socorre diariamente. Necessitamos de Deus diuturnamente na condição de criaturas, partícipes da ordem natural, mas, especialmente, na qualidade de filhos regenerados. Somos, nos braços do Pai celeste, como crianças recém-nascidas: Carecemos do calor de nosso Pai, do seu carinho, da sua proteção, dos seus provimentos indispensáveis à vida, da direção de suas mãos sábias e paternais, da sua defesa contra os inimigos naturais, morais e espirituais. Tudo isso é o pão nosso de cada dia. O crente não chora de pirraça, mas de padecimentos físicos, psicológicos, sociais e espirituais. Não existe um instante, por menor que seja, que o servo de Deus não tenha motivo para orar: Se necessitado, suplica; se desorientado, pede orientação; se perdido, pede socorro; se tentado, pede o amparo de Deus; se satisfeito, agradece; se alegre e feliz, adora e louva. O filho de Deus jamais pode alegar que não ora por falta de objetivos; sua relação com Deus é sempre de dependência total e gratidão constante.

O seu pedido pode não ser imediatamente atendido, ou não satisfazer os seus desejos pessoais, mas certamente será respondido.

Oração, por mais insistente que seja, não é o meio pelo qual obrigamos Deus a fazer nossa vontade; é o dom da comunicação espiritual, em palavras ou pensamentos, pelo qual a voz, os pensamentos e os sentimentos do filho são captados pelo Pai, que os entende e os atende. O réprobo não interage com Deus em oração, pois não lhe é filho, não tem com ele vínculos sentimentais e espirituais.

27- O RICO INSENSATO.

Nesse ponto, um homem, que estava no meio da multidão lhe falou: Mestre, ordena a meu irmão que reparta comigo a herança. Mas Jesus lhe respondeu: Homem, quem me constituiu juiz ou partidador entre vós? Então lhes recomendou: Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que possui. E lhes proferiu uma parábola, dizendo: O campo de um homem produziu com abundância. E arrazoava consigo mesmo. Dizendo: Que farei, pois não tenho onde recolher os meus frutos? E disse: Farei isto: Destruirei os meus celeiros, construí-los-ei maiores e aí recolherei todo o meu produto e todos os meus bens. Então, direi à minha alma: tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, como, bebe e regala-te. Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? Assim é o que entesoura para si mesmo e não rico par com Deus (Lc 12. 13-21).

O Rabino do reino espiritual. Jesus, como o maior dos rabinos, ensinava verdades pontuais, magnas e centrais sobre a crença em Deus, o temor cristão e a cristocentricidade da fé. Cristo, no Velho Testamento, atuava sob promessa, mas agora está encarnado e patentemente vivo e atuante no meio do povo.

Enquanto o Mestre ensinava, um homem, que estava no meio da multidão, certamente entendendo que Jesus era um rabino comum, pediu-lhe que desse ordem a seu irmão para repartir com ele a herança. O Mestre lhe respondeu que não havia sido credenciado “por quem de direito” para atuar como inventariante de bens materiais ou juiz de questões familiares e econômicas (v. 14). O reino do Messias, que opera no mundo mas não é dele, não tem por alvo preparar os seus eleitos para um paraíso terrestre, uma felicidade firmada no sucesso pessoal, na saúde física, na soma de bens, no conforto material, mas condizi-los a vida espiritual além e acima da matéria. A nova promessa sustenta a esperança, o amor e a fé dos escolhidos em marcha (êxodo) para o reinado escatológico do Messias. Quem, pois, não renunciar o mundanismo com todas as suas concupiscências, prazeres sensoriais e apegos ao monetarismo, não demonstrará ser verdadeiro servo de Cristo, que nos adverte: *a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui (cf v. 15b).*

Combate ao egocentrismo e à avareza. Jesus, por meio desta parábola, quer deixar bem claro diante de nossos olhos e bem gravado em nossas mentes o conteúdo de sua proposição anterior: *Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza (15*

a.). O fazendeiro retratado não pensou em Deus e no seu próximo, quando aquinhado por uma produção muito além do normal. Agora, com recursos abundantes, poderia ter enchido seus velhos celeiros e, com os produtos restantes, matar a fome de muitos famintos de seus dias. As bênçãos materiais que Deus nos dá é para que, com elas, sejamos gratos ao Doador de todas as coisas e caridosos para com nossos irmãos necessitados. Não se pode conceber um servo de Deus avarento a ponto de sonegar o que é do Criador, o dízimo, e deixar de socorrer o irmão necessitado.

Felicidade firmada nos bens materiais. O avarento da parábola projetou recolher e armazenar toda a sua imensa produção, para depois, com a garantia de sustento por muitos anos, descansar, comer, beber e divertir-se (v. 19). Ele deveria entender, mas não entendeu, que não era dono de sua vida e, por isso mesmo, não podia projetar para si um futuro que não lhe pertencia. A vontade do limitado e do mortal é sempre relativa. Qualquer plano para o futuro pessoal tem de ser, antes, depositado nas mãos de Deus e submetido ao seu soberano querer. O proprietário rural egoísta não pensou assim, pois em seu coração não havia fé em Deus nem amor ao semelhante. Terminado o seu projeto previsivo de um porvir repleto de felicidade, quando tudo parecia estar incontestavelmente garantido e seguro, Deus interrompeu o seu planejamento com a terrível sentença: *Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?* (v. 20). Quem entesoura para si mesmo, e não é rico para com Deus, está figurado na pessoa do proprietário rural da parábola (v.21). O servo de Cristo não pode esquecer do que lhe ensina Tiago: *Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois apenas como neblina que aparece por instante e logo se dissipa* (Tg 4.13,14). A prosperidade do crente é espiritual, não material.

Conclusão: O ensino desta parábola é o mesmo de Paulo a Timóteo: *Porque nada temos trazido para este mundo, nem coisa alguma podemos levar dele. Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes. Os que querem ficar ricos, caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores* (I Tm 6. 7-10).

28- A FIGUEIRA ESTÉRIL.

Então, Jesus proferiu a seguinte parábola: Certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha e, vindo procurar fruto nela, não achou. Pelo que disse ao viticultor: Há três anos venho procurar fruto nesta figueira, e não acho; podes cortá-la; para que está ela ainda ocupando inutilmente a terra? Ele, porém, respondeu: Senhor, deixa ainda este

ano, até que eu escave ao redor dela e lhe ponha estrume. Se vier a dar fruto, bem está; se não, mandarás cortá-la (Lc 13. 6-9).

Símbolos de Israel. A videira e a figueira eram símbolos judaicos: a- Da fixação de Israel na terra prometida, distante da aridez do deserto e livre do nomadismo ou da peregrinação. b- Das bênçãos de Deus, pois cada israelita deveria “descansar” sob sua videira ou sua figueira, isto é, possuir o seu patrimônio pessoal, o que lhe daria tranquilidade psicológica e certeza de sobrevivência. c- Videira e figueira eram árvores altamente produtivas em situações normais de cultivo. Por causa da frutificação abundante de ambas, eram símbolos de prosperidade. Um proprietário que possuísse uma boa videira e uma figueira produtiva, tinha o seu sustento e o de sua família garantidos.

Frutos próprios no tempo próprio. Três anos, a partir do plantio, a figueira deveria estar dando os primeiros frutos. O dono da figueira, quando a frutificação normalmente começaria, passou a procurar-lhe os figos; repetindo tal procedimento nos anos seguintes. Desanimado com a esterilidade da árvore, determinou ao agricultor, encarregado do pomar, que a cortasse, pois, além de não estar sendo benéfica, causava prejuízo, absorvendo nutrientes que poderiam aumentar o produto da videira. O encarregado solicitou do dono tolerância de mais um ano, que lhe foi concedida, para que ele adubasse suas raízes; o que foi feito, certamente. Se ela produziu, não sabemos. O que deduzimos do ensinamento de Cristo é que, sem frutos, ela não poderia continuar na chácara do viticultor, usufruindo benefícios da vide e não beneficiando o seu dono.

A Figueira na Vinha. Era normal, mas não natural, uma árvore grande, frondosa, com imensa ocupação de espaço, competindo com a vinha. Em uma chácara, e no seu espaço próprio, seria mais adequado. Podemos deduzir, sem contradizer o ensino de Jesus, que essas duas plantas consorciadas na mesma área cultural, e pertencentes ao mesmo dono, eram os dois povos, Israel e Igreja sucessivamente. Nos primeiros dias da Igreja, judaísmo e cristianismo existiram paralelamente, até a separação definitiva. Desligada da ancestral infrutífera, dela independente, e livre de sua concorrência, a Igreja passou a dar os frutos esperados e desejados. No campo de Deus permanece somente a Videira Verdadeira, alimentada em e por Cristo Jesus. A Igreja verdadeira, tanto a internacional como a local, não perde o poder e a capacidade de frutificar, pois é patrimônio do Pai, de quem recebe os tratos culturais, e, por outro lado, encontra-se no Filho (Jo 15. 1-6) de quem recebe a seiva. A igreja afastada de Cristo, alienada de Deus, torna-se estéril, infrutífera, muito viçosa aos olhos humanos, mas inútil aos de Deus, o seu Viticultor. Pode haver comunidades assim: socialmente impressionantes e espiritualmente apáticas, insossas e sem utilidade moral e espiritual para o meio em que se

insere. Há igrejas que são verdadeiros clubes sociais, mais preocupadas com pessoas em si mesmas e com bons relacionamentos que com Deus como criador, preservador e salvador; especialmente com o divino Rei na condição de Senhor de seus súditos, devendo-lhe esses irrestrita obediência, submissão e servitude.

Crete Frutífero. Esta parábola tem sido aplicada também ao crente individualmente, pois cada predestinado é, no tempo oportuno para Deus, chamado para o testemunho próprio e natural do eleito regenerado. O ramo que não produz fruto, o Pai o corta e o lança no fogo (Jo 15. 1,2). Na verdade, o crente não é salvo para ser, rigorosamente falando, abençoado com bênçãos temporais, mas para tornar-se, na mão do Salvador, um servo útil a Deus e ao próximo. A “prosperidade” do escravo (doulos) é do seu Senhor. Um escravo nada possui, nem a si mesmo. Tudo o que ele é e tudo que faz pertencem ao seu Proprietário, que é Deus.

Enquanto a demanda de pessoas em busca de bênçãos materiais, psicológicas e sociais aumenta, a de servos verdadeiros, aqueles que se renunciam a si mesmos e as benesses deste mundo, diminui. Eis a causa da queda do testemunho cristão a um nível baixíssimo. A Igreja ganha numerosos garimpeiros místicos de “preciosidades espirituais” e conquistadores de prosperidade financeira, mas perde em dignidade cristã e fidelidade às Escrituras. Há muitas figueiras espiritualmente estéreis na multidão que se apresenta como povo de Cristo.

29- OS PRIMEIROS LUGARES.

Reparando como os convidados escolhiam os primeiros lugares, propôs-lhes uma parábola: Quando por alguém fores convidado para um casamento, não procures o primeiro lugar; para não suceder que, havendo um convidado mais digno do que tu, vindo aquele que te convidou e também a ele, te diga: Dá lugar a este. Então, irás, envergonhado, ocupar o último lugar. Pelo contrário, quando fores convidado, vai tomar o último lugar; para que, quando vier o que te convidou, te diga: Amigo, senta-se mais para cima. Ser-te-á isto uma honra diante de todos os mais convivas. Pois todo o que se exalta será humilhado; e o que se humilha, será exaltado.

Disse também ao que o havia convidado: Quando deres um jantar ou uma ceia, não convides os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem os teus vizinhos ricos; para não suceder que eles, por sua vez, te convidem e sejas recompensado. Antes, ao dares um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e será bem-aventurado, pelo fato de não terem eles com que recompensar-te; a tua recompensa, porém, tu a receberá na ressurreição dos justos (Lc 14.7-14).

O banquete do fariseu. Jesus foi convidado para o costumeiro banquete sabático, promovido por um fariseu de destaque na ordem farisaica. Como tais banquetes podiam ser presenciados, sem direito de participação, por visitantes humildes; lá compareceu um hidrópico¹, que foi curado por Jesus (Lc 14. 2-4). Além de sua presença, certamente desagradável aos olhos dos “einentes comensais”, Jesus observou que as pessoas disputavam os lugares de elevada honra, por exclusivo espírito de autopromoção. Perante o quadro dos promotores de si mesmos e do incidente do hidrópico, Jesus contou-lhes a parábola dos *primeiros lugares no banquete de casamento* e aconselhou o fariseu a convidar os pobres e os deficientes físicos para refeições sabáticas em sua residência, colocando-os nos honrosos assentos à sua mesa.

O centro deste texto é o versículo 11: *.Pois todo que se exalta será humilhado; e o que se humilha será exaltado.* Este versículo foi estrategicamente colocado entre as duas parábolas, o banquete de casamento e o banquete sabático do fariseu, que deveria ser oferecido aos pobres e aleijados, não aos proeminentes, ricos e amigos. O orgulho, o apego aos eventos promocionais e o amor aos bens materiais separam as pessoas de Deus e dos seus irmãos humildes. Na Igreja de Cristo não há primeiros, há somente iguais.

Os primeiros lugares. Em Israel daqueles dias, os banquetes nupciais tinham seus assentos, organizados por ordem de importância dos convidados, em torno de uma mesa em forma de ferradura. A principal autoridade ocupava o centro. À sua esquerda os convivas de primeiro escalão. À sua direita, os de segundo. Se alguém ocupasse um lugar superior ao que fazia jus, corria o risco de ser retirado, dando lugar ao que realmente o merecia. Se isto acontecesse, criaria para o ocupador de posto imerecido uma situação realmente vexatória. Melhor seria sentar-se em lugar mais humilde, de onde poderia ser guindado a uma posição de honra pelo promotor da festa. Isto feito à vista de todos, representaria uma extraordinária “exaltação.”

O que o Mestre dos mestres queria ensinar é que a humildade sincera deve ser sempre premiada, enquanto o orgulho, péssimo desvio de caráter, pode trazer humilhação para o orgulhoso, pois *quem se humilha será exaltado; mas quem se exalta será humilhado (v.11)*. Esta orientação aplica-se especialmente aos redimidos, integrados na comunhão dos eleitos, a Igreja de Cristo, onde todos os irmãos são iguais diante do Pai celeste.

O bem sem recompensa. Certamente, os banquetes do fariseu eram promocionais, ou do próprio *eu* ou com vistas ao reconhecimento compensador dos ilustres comensais, autoridades que muito tinham a oferecer ao conveniente bajulador. O que estava por trás da “generosidade” e da “demonstração de amizade” do clérigo hipócrita era, na verdade, a

esperança de futura recompensa ou a retribuição de favores recebidos. Ele seria sincero se, sem qualquer interesse econômico ou político, desse banquete semelhante aos marginalizados por pobreza e por deformidades físicas, pessoas de sua raça e de seu credo, que ele, como líder religioso, tinha a obrigação de acolher, amar, amparar e promover. Como outros fariseus, porém, ele estava voltado para si mesmo, para o ego, jamais para o próximo, principalmente se o próximo fosse um doente como, por exemplo, o hidrópico, um aleijado ou um pobre com carência absoluta.

Lições:

- a- O líder religioso que a si mesmo se promove, dispensa a promoção do Senhor da Igreja; e seu fim será espiritualmente trágico.
- b- Quem a si mesmo se exalta, será, mais cedo ou mais tarde, humilhado; mas quem se humilha diante de Deus, será por ele exaltado em tempo oportuno.
- c- Deus nos chamou, não para promoção dos poderosos ou sermos promovidos por eles, mas para a doação completa de nosso ser, nossas virtudes e nossas possibilidades aos irmãos humildes, que a sociedade rejeita, abandona e exclui. O espírito de grandeza e a descaridade não são próprios dos servos de Deus, imitadores de Cristo.
- d- Nada devemos fazer, como servos de Cristo, em troca de recompensa ou reconhecimento; pois a recompensa e a glorificação dos eleitos está prometida no reino messiânico consumado no porvir (v.14).

Nos cinemas, nos teatros e nos campos de futebol o espectador procura avidamente os primeiros lugares por questões de audição e visibilidade, além da proximidade com a tela ou com os artistas. Na Igreja há um grupo que ocupa os últimos lugares, deixando os primeiros bancos vazios. Alguns ainda reclamam que não ouvem bem o professor da Escola Dominical ou o pregador. Tais “últimos” não desejam ser os “primeiros” na Igreja de Cristo. Muitos chegam atrasados, tomam os últimos assentos, e saem adiantados. O Ensino bíblico, o culto e a mensagem, para eles, não são importantes; quanto menos tempo durarem, melhor. O mundo os atrai!

- 1- Hidrópico, quem sofre de hidropsia; pessoa que acumula água em partes do corpo, especialmente no abdômen.

30- O GRANDE BANQUETE.

Ora, ouvindo tais palavras, um dos que estavam com ele à mesa, disse-lhe: Bem-aventurado aquele que comer pão no reino de Deus. Ele, porém, respondeu: Certo homem deu uma grande ceia e convidou a muitos. À hora da ceia enviou o seu servo para avisar aos convidados: Vinde, porque tudo já está preparado. Não obstante, todos à uma começaram a escusar-se. Disse o primeiro: Comprei um campo, e preciso ir vê-lo; rogo-te que me tenhas por escusado. Outro disse: Comprei cinco

juntas de bois e vou experimentá-las; rogo-te que me tenhas por escusado. E outro disse: Casei-me, e por isso não posso ir. Voltando o servo, tudo contou ao seu senhor. Então, irado, o dono da casa disse ao seu servo: Sai depressa para as ruas e becos da cidade e traze para aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos. Depois lhe disse o servo: Senhor, feito está como mandaste, e ainda há lugar. Respondeu-lhe o Senhor: Sai pelos caminhos e atalhos e obriga a todos a entrar, para que fique cheia a minha casa. Porque vos declaro que nenhum daqueles homens que foram convidados provará a minha ceia (Lc 14.15-24).

A Ceia e as Bodas. Esta parábola assemelha-se à das Bodas do Cordeiro, Mt 22.1-14, mas tem contexto e propósito diferentes. A de Mateus possui mais acentuado cunho escatológico, e foi contada nos últimos dias do ministério terreno de Jesus. Na parábola do Grande Banquete, a ênfase é posta na eleição e no chamado eficaz, mais que nos tempos do fim.

O banquete messiânico. Um comensal à mesa de um líder fariseu (cf Lc 14.1, 7), diante das sábias intervenções do insigne Rabino, nosso Senhor Jesus Cristo, e certamente reconhecendo a sua autoridade messiânica, declarou: *Bem – aventurado aquele que comer pão no reino de Deus.* Ele queria ser achegado ao Rei, prestigiado por ele, não necessariamente no reino escatológico, mas no reinado terreno, cujo palácio, segundo o entendimento de Israel, localizar-se-ia no Monte Sião. Seria a reimplantação da dinastia davídica. Jesus lhe mostra que o banquete do Rei não é para os que podem optar por aceitar ou não o convite, mas para aqueles que Deus eficazmente chamar com vocação eficaz e irresistível, não cabendo opção humana nem merecimentos pessoais.

Os comensais do Banquete messiânico. Tomar a refeição sabática com um fariseu era, sem dúvida, um privilégio. Participar do banquete do supremo Rei, imaginou o interpelador, seria um prêmio inigualável, uma distinção memorável. Jesus, porém, lhe respondeu com a parábola, deixando patente aos seus olhos e aos nossos o seguinte:

a- O banquete é uma oferta única e uma oportunidade irrepetível. Quem o perder, jamais participará do banquete real do generoso Messias (cf Lc 14.24), pois a recusa, por quaisquer motivos, será tida como desconsideração, perda de amizade e desamor.

b- Nada de natureza moral, sentimental e financeira servirá de desculpa para o não atendimento ao convite do Rei para o seu banquete. A consideração e a obediência ao soberano Senhor estão acima de todos os compromissos.

c- Os que se julgavam dignos, por gozarem da amizade do Rei, fizeram-se indignos, ao trocarem o banquete real por interesses materiais imediatos, que poderiam ser postergados sem prejuízos. Esses amigos,

certamente, representam o povo judeu que, firmado na promessa restrita a ele, entendia ser herdeiro compulsório do reino de Deus, sem a contrapartida da submissão, da obediência, do respeito, da servitude e do amor. A auto-suficiência deixou os supostos justos fora da graça (cf Mt 21.31,32).

e- O banquete messiânico, a Ceia da terra e a do Céu, não é para quem o merece, pois não há merecimento humano diante de Deus, mas para os que o Messias, por meio da graça irresistível, faz introduzir na comunhão sagrada de seus comensais, eleitos sem compromissos materiais e vínculos sociais e morais com este mundo.

f- *O imerecido Banquete.* O senhor da festa, com a autoridade real, determinou ao seu servo que “trouxesse” os pobres e os deficientes físicos da cidade para sua casa. E ele os trouxe, mas a sala ainda cabia mais gente. Ordenou-o que percorre caminhos e atalhos, “obrigando” os andarilhos e os desocupados a participarem das festividades reais (cf Lc 14.21-23). No banquete messiânico não prevalecem a vontade e as opções humanas, mas a eleição eterna, que age no coração dos eleitos pelo poder compulsivo da graça irrecusável. Aos seus servos predestinados Deus não pede favor, ordena; e suas ordenanças são irrecusáveis. Quando o Rei convoca um súdito, este só tem duas opções: obedecer e servir, ou desobedecer e ser excluído do privilégio de servidor real, e ainda sofrer as penas da desobediência.

g- Não provam o pão espiritual de Jesus os que o trocam por bens materiais de quaisquer naturezas, sejam pais, irmãos ou campos (cf Mt 10.27-39; Mc 10.29-31). O amor a Deus, no coração de seus eleitos regenerados, tem de ser prioritário.

h- Os convidados especiais já tinham planejado seus compromissos, e não desejavam alterá-los. A confirmação os pegou de surpresa, pois quando foram avisados, *tudo estava pronto, todas as iguarias preparadas para o consumo.* O banquete não podia ser adiado, e eles, os convivas privilegiados, estavam compromissados com seus planejamentos. Eles deram mais valor aos “planos de trabalhos”, sejam “estratégicos” ou não, que ao convite do rei, que lhes alteraria tanto as tarefas daquele dia como os planos gerais. O que nos fica claro, é que não planejamos para Deus, Ele é quem planeja para nós, alterando todos os nossos projetos. Os pobres e os andarilhos não planejaram nada, nem sequer sabiam do banquete que lhes estava reservado; não optaram, foram “obrigados”. O chamado de Deus é irresistível, e não depende de dotes, capacitação, qualificação ou distinção do preordenado à graça em Cristo Jesus.

i- O reino messiânico tem dupla dimensão: uma temporal, aqui na terra; outra escatológica, no céu. O banquete acontece no presente estágio da comunhão dos eleitos em Cristo, quando todos, integrados no corpo

místico do Cordeiro, participam da Santa Ceia, o banquete presente, previsivo do que nos está reservado no reino porvir.

Todos nós éramos pobres, deficientes e marginais neste mundo. Deus, por sua infinita misericórdia, introduziu-nos no banquete da graça, oferecido por seu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo. A ele toda gratidão!

31- O DESEJÁVEL E O REALIZÁVEL

Pois, qual de vós, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para a construir? Para não suceder que, tendo lançado os alicerces e não a podendo acabar, todos os que a virem zombem dele, dizendo: Este homem começou a construir e não pode acabar.

Ou qual é o rei que, indo para combater outro rei, não se assenta primeiro para calcular se com dez mil homens poderá enfrentar o que vem contra ele com vinte mil? Caso contrário, estando o outro ainda longe, envia-lhe uma embaixada, pedindo condições de paz. Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo (Lc 14..28-33).

A conquista dos que renunciaram.

O projeto da torre. O fazendeiro que almejava construir uma torre em sua propriedade rural para aumentar-lhe o valor, o prestígio e a segurança, precisava, antes de tudo, avaliar se o seu ideal podia realmente concretizar-se com os recursos disponíveis. Uma torre pela metade, além de não ter utilidade alguma, ainda desmoralizaria o imprevidente empreendedor, colocando-o, aos olhos de seus concorrentes, em situação ridícula, sendo motivo de chacota. Aquilo que não pode ser concluído, não deve ser começado.

O projeto de guerra. Um rei foi informado de que outro rei estava a caminho contra seu país com vinte mil combatentes. Avaliando suas forças, verificou que contava com a metade do contingente inimigo. A atitude mais prudente, neste caso, seria enviar uma embaixada ao monarca agressor, assinando com ele um tratado de paz. Mais vale um acordo de rendição bem feito que uma derrota vergonhosa com perdas de vidas e escravizações humilhantes.

O que deixou de edificar a torre por falta de recursos, não teve o desejável, mas também não perdeu o patrimônio monetário que possuía. Além do mais, livrou-se de passar pela vergonha permanente de uma torre inacabado em sua propriedade, sinal patente de sua imprevidência e incapacidade de adequar o seu sonho à possibilidade de realizá-lo.

Os ideais. Os ideais eram: a torre concluída e o rei agressor vencido. Os efetivamente realizáveis: a não edificação da torre – ideal não levado a

efeito por impossibilidade – e a humilhação diante do rei invasor por falta de condições de enfrentá-lo e vencê-lo, evitando que soldados fossem sacrificados, civis mortos e nação totalmente destruída.

Os ensinamentos. Em ambas as parábolas o ensino é: a renúncia ao ideal irrealizável por carência de condições humanas é preferível à derrota. Assim, o homem pode desejar salvar-se a si mesmo por meio de seus próprios méritos, mas tal desejo é irrealizável. O caminho da renúncia, tanto do “eu”, da família, como das supostas possibilidades humanas, é o único indicado por Jesus Cristo: *Se alguém vem a mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda a própria vida, não pode ser meu discípulo (Lc 14.26). Assim, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo (Lc 14.33).* Com estas duas parábolas, Jesus nos ensina que o reino de Deus está muito acima das capacidades humanas, de seus sonhos e de seus desejos. O reino de Deus não se conquista com potencialidades humanas, com investimentos financeiros, morais, sociais e caritativos, pois é graça divina. Quem não renunciar a si mesmo e aos bens materiais e familiares para ser de Cristo, demonstra não ser filho de Deus.

Resumindo: Quem constrói a torre de vigia do homem e o guarda é seu Senhor e Salvador Jesus Cristo. Nada o homem pode fazer por sua vida, pela segurança de sua alma. Tudo está na mão de Deus e dele depende. No mundo, os pacificadores, e não os guerreiros inferiorizados, são os vitoriosos: *Bem – aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus (Mt 5.9).*

A nossa confiança deve de ser depositada exclusivamente em Deus, pois ele nos colocou neste mundo, sustenta-nos aqui, e nos retirará da existência presente quando lhe aprouver. Somos servos de Cristo; não dispomos de nós mesmos, de nada que somos, de nada que possuímos. Tornamo-nos servos do mais poderoso de todos os senhores, o Rei dos reis, que também é o mais amoroso, dadivoso e protetor de todos os soberanos. Feliz aquele que é escravo de Cristo, o Bom Pastor: nada lhe faltará. A conquista do céu é uma impossibilidade humana, mas uma possibilidade divina, uma dádiva da graça aos eleitos em Cristo Jesus.

32- A OVELHA TRESMALHADA.

Vede, não desprezeis a qualquer destes pequeninos; porque eu vos afirmo que os seus anjos nos céus vêm incessantemente a face de meu Pai celeste. [Porque o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido .] Que vos parece? Se um homem tiver cem ovelhas, e uma delas se extraviar, não deixará ele nos montes as noventa e nove, indo procurar a que se extraviou? E, se porventura a encontra, em verdade vos digo que maior prazer sentirá por causa desta, do que pelas noventa e nove, que

não se extraviaram. Assim, pois, não é da vontade de vosso Pai celeste que pereça um só destes pequeninos (Mt 18.10-14).

O Contexto. Esta parábola, embora seja semelhante à de Lucas 15.4-7, difere em contexto e propósitos. Jesus podia usar a mesma parábola para veicular ensinamentos diferentes, embora dentro da mesma linha teológica. Sobre a versão lucana, falaremos posteriormente. O contexto desta parábola está na pergunta dos discípulos: *Quem, porventura, é o maior no reino dos céus? (18.1)*. Jesus responde, mostrando uma criança, para lhes dizer que, no reino dos céus e perante o Pai celeste, todos os filhos são iguais: *todos são pequeninos*. Na família de Deus não há dominadores nem dominados, grandes e pequenos, poderosos e fracos, adultos e crianças. A filiação nivela todos os filhos. Exatamente os fracos, os marginalizados da religião dominante, os desprezados pelo poderoso clero, os excluídos do plano redentor, a estes Jesus veio chamar: *Assim, pois, não é da vontade do Pai celeste que pereça um só destes pequeninos (Mt 18.14)*. O contexto, pois, é o da *comunidade interativa de todos os redimidos*, onde os fortes na fé têm a obrigação de ajudar os fracos: *Ora, nós que somos fortes, devemos suportar as debilidade dos fracos, e não agradecer-nos a nós mesmos (Rm 15.1)*.

A ovelha extraviada. A parábola não nos ensina que um membro da Igreja, salvo por Cristo, pode perder a salvação, dependendo a sua *ressalvação* da ação de algum conservo ou mesmo da Igreja. A ovelha extraviada continua pertencendo ao seu dono, trazendo em seu corpo a marca de seu proprietário. Não são as ovelhas, *que não se perderam*, as incumbidas de “buscar” a tresmalhada, mas o seu pastor, que, no caso, não é outro, senão **Jesus Cristo**, o Sumo Pastor do rebanho. Não é ele, por outro lado, que *perde* a ovelha; ela que se desvia do conjunto. O Pastor a encontrará e a restaurará à comunhão do aprisco. A Igreja é de Cristo, e quem vela por ela e por sua unidade presente é o Espírito Santo. Os que são dela, nela, de fato, entram, e dela não saem: *Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora (Jo 6. 37)*.

A possibilidade de desvio temporário. O texto seguinte (Mt 18.15-20) deixa claro que, sendo a Igreja de pecadores, podem ocorrer desvios de irmãos verdadeiramente redimidos, mas o poder persuasivo dos irmãos mais fortes e experientes coopera para a restauração à comunhão dos transviados verdadeiramente eleitos; nada, porém, poderão fazer para a recondução à unidade comunitária os irregenerados, que dela um dia, visivelmente, fizeram parte. Esses, na verdade, estiveram no rol dos irmãos, mas não eram irmãos. Os eleitos para a salvação, que ouviram o chamado irresistível e foram incorporados ao corpo de Cristo, sua Igreja, jamais dela

serão afastados, embora possam cometer pecados, mas não para morte (I Jo 5.16,17).

O corpo solidário. Deus usa o corpo solidário para o fortalecimento de cada um de seus membros, inclusive no aconselhamento e na disciplina: *Exortamo-vos , também, irmãos, a que admoesteis os insubmissos, consoleis os desanimados, ampareis os fracos e sejais longânimos para com todos (I Ts 5.14)*. Uma coisa é a salvação e a preservação do salvo; outra, a manutenção da unidade da Igreja por meio de uma sólida fraternidade igualitária, obra do Espírito, exercida pela Palavra de Deus e por meio do ministério passtoral, a quem Cristo ordenou: *Pastoreia o meu rebanho*.

Conclusão: Esta parábola trata da unidade universal do Igreja de Cristo, composta de judeus e gentios, todos santificados pelo Cordeiro imaculado e garantidos na redenção, mas não isentos de pecado. O eternamente eleito, uma vez chamado, redimido e regenerado por Cristo, não volta ao estado anterior de velha criatura; pode, eventualmente, sofrer quedas temporárias, mas nunca a perda da graça redentora, uma dádiva permanente providenciada e doada por Cristo Jesus às ovelhas do Pai entregues ao zeloso pastoreio do Filho.

33- A OVELHA PERDIDA.

Então lhes propôs Jesus esta parábola: Qual, dentre vós, é o homem que, possuindo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la? Achando-a, põe-na sobre os ombros, cheio de júbilo. E, indo para casa, reúne os amigos e os vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida. Digo-vos que, assim, haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento (Lc 15. 3-7).

O contexto. Publicanos e pecadores, isto é, judeus, que eram funcionários da receita romana, e gentios, aproximavam-se de Jesus para ouvi-lo. Não era uma aproximação formal, à distância, como a de alguém que ouve um determinado orador por curiosidade; mas um aconchego realmente interativo, semelhante à de um aluno em torno do mestre. Daí, o motivo da censura dos escribas e fariseus: *Este recebe pecadores e come com eles (Cf Lc 15.1,2)*.

Os pecadores. Neste contexto, os pecadores são os marginalizados da graça, “os perdidos”, publicanos e gentios. Esses, segundo os escribas e fariseus, estavam marginalizados da eleição por exclusão natural do “povo eleito”. A favor deles a lei mosaica e os sacrifícios não operavam redentoramente. Não havia, portanto, no entendimento farisaico,

mecanismos providenciais para salvação de tais classes de pessoas. O publicano era considerado um apóstata, um traidor de seu povo. O gentio, um renegado, desqualificado e excluído, por rejeição divina, do plano redentor de Javé.

Os justos. Especialmente os fariseus e os escribas, homens religiosos, praticantes, pelos menos por comportamentos externos, das ordenanças legais do mosaísmo: lei moral e lei cerimonial. A massa leiga via tais clérigos como *pessoas santas*, homens que não necessitavam de arrependimento. A lei moral, por sua natureza e propósitos, não dava lugar ao perdão: a quebra da lei somente se reparava com a pena judicial correspondente. O arrependimento não reparava o dano causado por um delito que requeresse cominação legal. A justiça judaica se fazia por meio das sentenças taliônicas: *Olho por olho, dente por dente, vida por vida*. A salvação, para os questionadores do divino Mestre, era exclusivamente por meio da lei e dos sacrifícios. Inimaginável, para eles, a redenção pela graça mediante a fé e o conseqüente arrependimento. O legalista não necessitava de arrependimento, nem a ele podia apelar para sua salvação, mas se apoiava estritamente nas exigências legais do decálogo e nos rituais repetitivos dos sacrifícios.

Os noventa e nove justos. Os *justos*, no contexto da parábola, claramente são os judeus religiosos, que a si mesmos se justificavam, alegando fidelidade a Deus mediante a guarda da lei. Julgavam-se superiores aos renegados puritanos e aos excluídos gentios. Se formalmente guardavam a lei, *não necessitavam de arrependimento*. Esses, por falso entendimento do plano redentor de Deus, não perceberam a presença do Messias entre eles, que veio para *escrever a lei nos corações, não em rígidas tábuas de pedra*; para universalizar a redenção, estendendo-a aos eleitos de todas as classes sociais e todas as etnias. E mais, colocando o arrependimento do pecador por impulsão e emulação do Espírito Santo como a condição fundamental do perdão divino e da conseqüente remissão. As noventa e nove ovelhas, portanto, representam os israelitas que ficaram no *gueto* dos auto-santificados, entendendo que a justiça da lei lhes era suficiente, recusando a justiça da graça. Resultado, ficaram no deserto, reunidos a si mesmos, deixando de participar da graça do arrependimento e da graciosa e generosa *festa nos céus*.

A ovelha perdida. A ovelha perdida representa todos os que estavam excluídos do antigo povo eleito, odiados pelos *supostos santos*, aos quais Jesus acolhe; leva-os para sua casa, a Igreja; dá-lhes a graça da reconciliação, da redenção, da filiação e da regeneração; alegra-se com eles, especialmente na comunhão eucarística. *Há mais júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos, que não necessitam de arrependimento* (*Lc 15.7 Cf Mt 9.10 – 13; Mc 2. 15-17; Lc 5.29-32*). *Justos*, neste ensino parabólico do Salvador, significa: “judeus

apegados à lei” como meio de salvação; e na lei, entendida como sistema soteriológico, não há lugar para o arrependimento e o conseqüente perdão imerecido.

CONCLUSÃO: A ovelha transviada de que fala Jesus nesta parábola representa os gentios, qualificados de pecadores pelos judeus, mas que o Pai celeste, pelas mãos de seu divino Filho, busca e inclui na comunhão de seu verdadeiro e definitivo povo. Trata-se, evidentemente, dos “pecadores” eleitos, aos quais o Redentor concedeu a misericórdia do arrependimento. Na parábola de Mateus 18.11-14, a velha tresmalhada é o “irmão pequenino”, fraco, escandalizável, sujeito a quedas circunstanciais, de quem o ministério da Igreja deve cuidar. Em se tratando de réprobo insubmisso, camuflado de servo de Cristo, a Igreja deve excluí-lo (cf Mt 18. 17,18).

34- A DRACMA PERDIDA

Ou qual é a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma, não acende a candeia, varre a casa e a procura diligentemente até encontrá-la? E, tendo-a achado, reúne as amigas e vizinhas, dizendo: Alegrai-vos comigo, porque achei a dracma que eu tinha perdido. Eu vos afirmo que, de igual modo, há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende (Lc 15. 8-10).

O contexto. O contexto é o mesmo da parábola anterior: *Rejeição do Israel legalista e salvação dos gentios eleitos* (cf Lc 15.1,2): *Jesus veio para o que era seu, mas os seus não o receberam* (Jo 1.11). Jesus disse que publicanos e pecadores precederiam os escribas, fariseus e sacerdotes no reino de Deus (Mt 21.31). O divino Mestre, em decorrência de seu apreço pelos estrangeiros e publicanos, tanto quanto pelos pecadores dos quais o judaísmo se afastava, foi chamado de “amigo de pecadores” (Mt 11.19).

A figura da mulher. Jesus usou deliberadamente dois representantes de classes desclassificadas civil e socialmente para representarem, parabolicamente, o Salvador: *O pastor de ovelhas e a mulher*; ambos não mereciam crédito, suas palavras não podiam ser levadas a sério em juízo. Estas duas categorias viviam à margem do direito e da religião de seus contemporâneos, embora fossem judeus, integrantes da mesma raça. Na parábola da dracma não há participação masculina. É feminina aquela que figura o Pai que procura o perdido; e a festa, tipo do júbilo no céu com os anjos, realiza-se exclusivamente entre mulheres (Lc 15.9). Tal quadro simbólico da redenção e do Redentor era inimaginável pelo radical clero ortodoxo do judaísmo. A mulher, desprestigiada e qualificada pelos eclesiásticos, é exaltada por Jesus e integrada no rol daqueles que estão nos

planos redentores de Deus. O Messias acolheu e valorizou pecadores e meretrizes que, em contato com ele, arrependeram-se (Mt 9.10-13; Mt 21.31,32). Ilustrados, marginalizados e humildes, se eleitos, podem não ter conhecimento da lei, mas recebem a revelação da graça (cf Mt 11.25-27).

A dracma que faltava. Dracma era uma moeda grega (estrangeira, portanto), de baixo valor monetário, mas representava muito para a mulher pobre, de casa escura, sem janelas, piso de pedras rústicas. Até durante o dia, para se encontrar objetos pequenos como a moedinha perdida, necessário se fazia acender a candeia de azeite. A pobreza e a simplicidade descritas contrastam-se com o zelo da mulher em preservar a unidade do pouco que possuía.

A *ovelha* do menosprezado pastor não retornou ao rebanho, reincorporando-se às demais, mas foi levada para a “casa do pastor”, como objeto maior de seu amor, sendo motivo de festa, de prolongado júbilo. Uma ovelha valeu mais que noventa e nove. Um pecador arrependido do mundo gentílico tem mais valor para Cristo que noventa e nove judeus, que se julgam “merecedores” da redenção por meio da suposta obediência à lei mosaica. O arrependido não ingressa no judaísmo, pois é introduzido por Cristo em sua Igreja, a “casa do Pastor”.

A dracma, diferentemente da ovelha, foi reincorporada à coleção, voltou a compor o diadema de sua dona, o ornamento de seus cabelos. Faltava uma dracma; sem ela a unidade significativa e artística estava incompleta, o colar danificado, o conjunto desvalorizado. Na verdade, a mulher somente percebeu o valor incalculável de sua dracma, quando a perdeu. A dracma sozinha, isolada, pouco valia; mas no conjunto, contribuía para a formação de valiosíssima jóia. O colar desfalcado de uma dracma, desfigurado, justificava a busca desesperada e ansiosa de sua proprietária até encontrá-la. Encontrando-a, a alegria invadiu seu coração. Assim, no número dos redimidos, nenhum eleito pode faltar, por mais humilde que seja neste mundo. O corpo final dos salvos estará incompleto sem a presença de qualquer dos escolhidos de Deus. Eis o motivo do doloroso sacrifício de Cristo para recolher no seu rebanho todos as ovelhas eternamente eleitas do Pai.

A intensidade do júbilo celeste pela salvação de quem se arrepende é gerada pelo imenso sofrimento vicário do Salvador na cruz.

A dracma, sendo inteiramente passiva, não podia achar-se a si mesma, uma vez perdida. Mas, mesmo fora da coleção, continuava sendo propriedade da mulher que a perdeu, para quem o prejuízo da perda era incalculável. O seu lugar estava lá; o seu retorno era esperado. A morada de cada eleito regenerado está preparada, e outro não pode ocupá-la (Jo 14.2,3).

Conclusão: Você, escolhido de Deus, vale mais para o seu Senhor, quando integrado no corpo dos eleitos (*corpus electorum*). Sua

importância e utilidade reside na unidade, onde Deus lhe confere um papel insubstituível como uma pedra no edifício, um ramo na videira, um órgão no organismo, uma dracma no diadema. Uma pessoa isolada, fechada em si mesma, solta no mundo, pouco vale; pois não se solidariza com os irmãos, não serve à Igreja com a parcela de seus esforços que, somados aos esforços dos outros, constrói um patrimônio riquíssimo para Deus e constitui uma força irresistível contra o mal. Confraternizados em Cristo, jamais seremos derrotados!

A mulher, desprezada pelos judeus, considerada “um corpo sem alma”, foi tomada por Cristo como símbolo do Redentor, nosso supremo Juiz e augusto Rei.

A dracma, moeda estrangeira, valor para os greco - romanos, mas dinheiro profano para o farisaísmo radical, foi usada por Cristo para simbolizar “os perdidos da casa de Israel”, isto é, os eleitos que completarão o rol final dos escolhidos.

Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios; e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, aquelas que não são, para reduzir a nada as que são (I Co 1.27,28).

35- O FILHO PRÓDIGO

Continuou: Certo homem tinha dois filhos; o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte dos bens que me cabe. E ele lhes repartiu os haveres. Passados não muitos dias, o filho mais moço, ajuntando tudo o que era seu, partiu para uma terra distante e lá dissipou todos os seus bens, vivendo dissolutamente. Depois de ter consumido tudo, sobreveio à quele país uma grande fome, e ele começou a passar necessidade. Então, ele foi e se agregou a um dos cidadãos daquela terra, e este o mandou para os seus campos a guardar porcos. Ali, desejava ele fartar-se das alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada. Então, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm pão com fatura, e eu aqui morro de fome! Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores. E, levantando-se, foi ter com seu pai. Vinha ela ainda longe, quando seu pai o avistou, e, compadecido dele, correndo, o abraçou, e o beijou. E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e diante de ti, já não sou digno de ser chamado teu filho. O pai, porém, disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa, vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés; trazei também e matai o novilho cevado. Comamos e regozijemo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado. E começaram a regozijar-se. Ora, o filho mais velho estava no campo; e, quando voltava, ao aproximar-se da casa, ouviu a música e as danças. Chamou um dos criados e perguntou-lhe que era aquilo. E ele informou: Veio teu irmão, e teu pai mandou matar o novilho cevado, porque o recuperou com saúde. Ele se indignou e não queria entrar; saindo,

porém, o pai, procurava conciliá-lo. Mas ele respondeu a seu pai: Há tantos anos que te sirvo sem jamais transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito sequer para alegrar-me com meus amigos; vindo, porém, esse teu filho, que desperdiçou os teus bens com meretrizes, tu mandaste matar para ele o novilho o novilho cevado. Então, lhe respondeu o pai: Meu filho, tu sempre estás comigo; tudo o que é meu é teu. Entretanto, era preciso que nos regozijássemos, porque esse teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado (Lc. 15.11-32)

O contexto. Esta parábola completa a resposta de Jesus Cristo à questão suscitada pelos escribas e fariseus (Lc 15.2): *Este recebe pecadores e come com eles.* As parábolas anteriores, a da *Ovelha Perdida* e a da *Dracma*, mostram esforço, insistência e aplicação na procura do perdido inconsciente. A do *Filho Pródigo* revela um *perdido consciente*, que a si mesmo se perdeu no labirinto da satisfação dos desejos concupiscentes, de ampla liberdade de opção, de escolha moral sem restrições externas, de livre arbítrio no uso de seus supostos direitos e de seus bens herdados.

As três figuras. Jesus retrata uma família composta de:

Um pai, que ama seus dois filhos, independentemente da maneira de ser de um e de outro, respeitando-lhes o direito de ação e de eleição de objetivos, sem interferir na livre agência de cada um, mesmo prevendo as danosas conseqüências de atitudes inadequadas, tomadas à margem da fé, da ordem e do amor. Seu coração estava aberto para os filhos, ambos pecadores: um por legalismo; outro por rebeldia.

Um filho mais velho; fiel no cumprimento de seus deveres de primogênito, mantinha a postura legal, embora com a posse de seus bens (Lc 15. 12), esperando ainda mais: O reconhecimento do pai, de quem esperava recompensa pelos serviços prestados, com se favores fizesse ao íntegro e respeitável genitor. Sua relação com o pai era mais de direito que de amor filial. O seu legalismo foi a causa da reclamação: *Há tantos anos que te sirvo sem jamais transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito sequer para alegrar-me com os meus amigos; vindo, porém, esse teu filho, que desperdiçou os teus bens com meretrizes, tu mandaste matar para ele o novilho cevado (Lc 15.29,30)*. O seu irmão, pecador transviado, virou alvo de seu desprezo e ódio, especialmente pela “injusto recepção do pai”, porque não acreditava na eficácia remidora do perdão, pois preferia a justiça reta à graça imerecida. O judeu ortodoxo era, por natureza e formação, intolerante. Como bom legalista, o filho mais velho não tolerou os erros do irmão mais novo, sendo incapaz de perdoá-lo, mesmo diante de arrependimento e humilhação incontestavelmente sinceros. Firmava-se, como os fariseus, na *justiça e no direito*, entendendo que o **justo** merece o prêmio do reconhecimento e gratidão pela fidelidade aos princípios legais

que, segundo ele, era o único meio de retidão diante de Deus e a exclusiva via de comportamento diante dos homens. E mais, considerava-se o herdeiro legítimo e exclusivo por sua condição de primogênito, e porque o irmão mais novo havia recebido a herança que lhe cabia, abandonando o pai, traindo a religião paterna, renegando a pátria e mergulhando em devassidão intolerável e imperdoável.

O filho mais novo. Este desejava ser dono de si mesmo, dirigir seu próprio destino, livrar-se de uma paternidade, que julgava limitadora de sua liberdade. Ele vivia em estado de submissão à autoridade, sob cuidados e proteção do amor paterno; mas ouvia falar de um mundo externo mais prazeroso que trabalhoso e doloroso, onde as pessoas, livres da lei divina, agiam por vontade própria, faziam o que os desejos descontrolados lhes ditavam. Sem o pai controlador de seus passos e sem leis impeditivas de suas livres ações, supunha que sua vida teria mais sentido, seus prazeres voluntariosos seriam mais gostosos e seu “eu” mais autêntico e mais liberto. O seu imaginário, certamente, desconsiderava, por um lado, o amor paterno, e não incluía, por outro, a defesa contra o desamor crudelíssimo do mundo. Então, pediu e recebeu a herança; menosprezou o pai; abandonou a casa paterna; abriu mão da família, quebrou os vínculos com aquele que lhe dera a vida e o aconchego do lar, e partiu, comandado pelos seus próprios impulsos. Deu-se mal. Chegou ao fundo do poço, a ponto de apascentar porcos e comer a comida deles. Reconheceu seu fracasso e o triste pecado da deserção. Arrependeu-se; decidiu retornar à casa paterna, não como filho, mas como empregado. Voltou em estado deplorável. O pai recebeu-o como filho amado, restaurado pelo renascimento mediante sincero arrependimento. O perdão do pai o restaurou à comunhão familiar. O irmão mais velho recusou-se a recebê-lo em nome da lei e da justiça, ignorando a misericórdia do perdão.

Ensinos da parábola:

>*Deus é Pai*, que acolhe em seus braços sacrossantos e concede a sua herança tanto a um filho, que não tem de que arrepender-se, como a outro, pecador arrependido e perdoado.

>*O filho mais velho* representa os escribas e fariseus, que se justificam pela lei, não havendo em seus corações lugar para o arrependido e o perdão. A justiça próprio produz o sectário e o exclusivista. O autojustificado renega e rejeita o pecador arrependido, excluindo-o, por falsa convicção religiosa, da paternidade divina.

>*O filho mais novo* é a imagem do pecador que reconhece seu estado pecaminoso, a rebeldia contra Deus, a sua alienação, por recusa injustificável, do lar celeste. Tocado, porém, pelo poder iluminador e regenerador do Espírito Santo, arrepende-se, prostra-se, sendo levantado por Cristo Jesus e conduzido à casa paterna: *Esse teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado* (cf Lc 15.32).

No reino dos céus, lar do divino Pai, estarão juntos todos os eleitos redimidos por Cristo, judeus e gentios. Somos irmãos inseparáveis, unidos pelos vínculos da eleição, irmanados pelo sangue do Cordeiro. O pecador que se arrepende, judeu ou gentio, retorna à casa paterna, e nela é recebido, não como estranho, mas como irmão arrependido e perdoado por Deus. Jesus, portanto, comia e bebia com seus eleitos, ovelhas desgarradas do rebanho do Pai.

>As leis permanecem como princípios morais, não como meios de salvação, pois a graça gerada na cruz opera mediante a fé e promove o arrependimento, a conversão e o perdão remidor. Somos salvos pela graça imerecida; não nos salvamos por merecimentos pessoais ou obras meritórias.

36- O ADMINISTRADOR INFIEL.

Disse Jesus também aos discípulos: Havia um homem rico que tinha um administrador; e este lhe foi denunciado como quem estava a defraudar os seus bens. Então, mandando-o chamar, disse-lhe: Que é isto que ouço a teu respeito? Presta conta da tua administração, porque já não podes mais continuar nela. Disse o administrador consigo mesmo: Que farei, pois o meu senhor me tira a administração? Trabalhar na terra (cavar) não posso, também de mendigar tenho vergonha. Eu sei o que farei, para que, quando for demitido da administração, me recebam em suas casas. Tendo chamado cada um dos devedores do seu senhor, disse ao primeiro: Quanto deves ao meu patrão? Respondeu ele: Cem cados de azeite. Então disse: Toma a tua conta, assenta-te depressa e escreve cinqüenta. Depois perguntou a outro: Tu, quanto deves? Respondeu-lhe: Cem coros de trigo. Disse-lhe: Toma a tua conta e escreve oitenta. E elogiou o senhor o administrador infiel porque se houvera atiladamente, porque os filhos do mundo são mais hábeis na sua própria geração do que os filhos da luz. E eu vos recomendo: Das riquezas de origem iníqua fazei amigos; para que, quando estas vos faltarem, esses amigos vos recebam nos tabernáculos eternos (Lc 16.1-9).

Propósito da Parábola: Explicar aos discípulos a mudança de comando, de propósitos e de objetivos do novo povo de Deus. Dizer-lhes que o tempo dos sacerdotes, dos escribas e dos fariseus chegara ao fim. O outrora profano, agora é sagrado: O mundo gentílico, a comunidade samaritana, as mulheres e até a terra em que viviam, o dinheiro que usavam, tudo se tornou abençoado, porque posto a serviço do Reino de Deus. Os discípulos estavam no limiar de uma nova era. Os sagrados tornaram-se profanos; os profanos tornaram-se sagrados.

Contexto. Preliminarmente, esclarece-se que Jesus contou uma história verossímil da vida real com personagens que falam e agem: O proprietário rico; o administrador, que chama o dono da propriedade de senhor e de patrão; os devedores ou contratados por percentuais da produção. O Mestre fala na conclusão ou interpretação da história.

Jesus contextualiza esta parábola com a anterior, a do *filho pródigo*, usando o advérbio “também” (gr. kai). O Mestre, embora fale aos discípulos, critica os escribas e fariseus, usurários contumazes, que se assentaram na cadeira de Moisés como administradores indignos e perversos (Mt 23. 2-5), verdadeiros “filhos do mundo”, que se tornaram empecilhos aos filhos da luz. Eles, até o advento do novo Israel sob o senhorio de Jesus Cristo, estavam em lugar de mordomos do Senhor, gerenciando os bens patrimoniais e religiosos do povo eleito em benefícios próprios, sobrecarregando o fiéis, sem mover a favor deles um dedo sequer (Mt 23. 14). Na parábola dos dois filhos perdidos, o mais velho mantinha uma fidelidade interesseira, pois esperava a posse efetiva da herança paterna que lhe havia sido destinada na partilha em vida (cf 15.12b) e aguardava a “gradidão do pai” por “honestos serviços prestados”. O irmão mais novo esbanjou os bens com meretrizes, não fazendo com o bens herdados, com o dinheiro sagrado e privativo de seu povo, nenhum amigo sincero, que o pudesse socorrer nos momentos de carência. Foi a experiência mundana que Deus usou para trazê-lo de volta à casa paterna. No estágio messiânico da Igreja, os filhos de Deus valem-se do dinheiro profano para existir institucionalmente e propagar a nova fé. Nenhum dos filhos usou a herança em favor do seu dono original, aquele que o adquiriu com seu trabalho e economias. Este contexto ajuda-nos a compreender a parábola do administrador infiel.

O Messias, pelo conjunto de parábolas dos capítulos 15 e 16, anuncia a mudança radical da histórica, da sociologia e da teologia do povo de Deus, agora composto de pessoas de todas as etnias, de todas as raças, de todas as nações, incluindo publicanos e pecadores. A barreira entre o sagrado e o profano, entre judeus e gentios, entre “justos” e pecadores”, rígida em Israel, foi rompida

Interpretação da Parábola.

a- **O proprietário**, que não pode ser acusado de desonestidade, era vítima da infidelidade de seu mordomo, cujos atos indignos manchavam indiretamente a honra de seu senhor, pois agia desonestamente em seu nome. O senhor aqui é o da parábola, não Jesus Cristo. Na aplicação, porém, é legítimo afirmar que Deus é Senhor do reino e que constituiu escribas e sacerdotes sobre seu povo, mas esses se tornaram corruptos, usando a autoridade e os cargos ordenados em favor de si mesmos, não em benefício do augusto Proprietário.

b- **O mordomo infiel**, visto no contexto de Lucas 15, tipifica o escriba que, ao ser destituído, e vendo sua profissão extinta, ficaria sem cargo e sem amigos que o acolhesse. Ao tomar conhecimento de sua demissão, e sentindo que o seu bem-estar não poderia ser mantido egoisticamente, tratou de fazer amigos, abrindo mão dos lucros exorbitantes, mantendo os preços justos. Cada devedor assinou um novo contrato de débito com imentos enormes, mas sem eliminar os lucros justos, pois os acréscimos foram extorsivos, omitidos dos contratos originais, para que a lei fosse ludibriada. Um judeu rico não podia emprestar a outro judeu pobre com juros (cf Ex 22.25; Lv 25.36; Dt 15.8; Dt 23.19). Para que os “agiotas” usurários (cf Lc 16.14) não caíssem nas malhas da lei, os juros não eram registrados. A fortuna iníqua desses falsos mordomos de Deus de nada serviam para seus compatriotas deserdados e atirados na miséria absoluta (cf Parábola do Rico e Lázaro).

c- **Sejam recebidos nos tabernáculos eternos**. Os fariseus avarentos (Lc 16. 14), recuperando a fidelidade legal, abandonando a usura, a má administração dos bens morais e espirituais do Senhor do reino, fazendo justiça aos pobres e oprimidos, conservos da mesma raça, certamente cumpririam a lei e seriam aceitos e bem recebidos por todos os seus irmãos compatriotas, dos quais se afastaram por hipocrisia e autopromoção. E aí sim, não somente teriam acesso ao tabernáculo terrestre, que os leigos não tinham, mas também ao celeste, aberto a todos os redimidos, verdadeiros mordomos de Cristo no mundo. Sem retorno à obediência aos mandamentos de Deus mediante Jesus Cristo, certamente estariam excluídos da comunhão de seu povo nos tabernáculos eternos.

Quem recebe judeus hoje (dá-lhes a boas-vindas) nos tabernáculos eternos é a Igreja de Cristo repleta de gentios, inclusive ex-escribas, sacerdotes e fariseus, não a comunidade outrora eleita, Israel. O quadro inverteu-se. Nesta parábola, Jesus deixa explícito que qualquer “mordomo” (sacerdote) da dispensação anterior que se salvar, isso se fára por meio de Cristo, o Senhor de todos os povos, não apenas dos israelitas. Os que eram inimigos, agora são irmãos. Cristo salva e inclui na Igreja eleitos de todas as etnias, todas as raças.

d- **Elogio ao infiel**. O elogio ao infiel, feito pelo patrão, não foi um reconhecimento da infidelidade, mas de sua habilidade e sagacidade em lidar com as crises pessoais, principalmente na área econômica. Por outro lado, o seu senhor não tinha outra saída senão o aplauso, pois se o condenasse, estaria sancionando a usura e a exploração dos devedores; e mais, colocando-se contra a lei, que impedia empréstimos com juros aos menos favorecidos economicamente (Cf Ex 22.25; Lv 25.36). Também a sua “generosidade”, por meio de seu mordomo, já estava na boca do povo, divulgada pelos próprios credores. Seria desastrosa diante da sociedade a sua oposição. O mordomo infiel tornou-se fiel, quando se viu privado de

seus privilégios de administrador classificado e dignificado, servidor de elite de um senhor renomado por suas imensas posses.

Riquezas iníquas. Os judeus sob domínio romano eram obrigados a movimentar moedas cunhadas pelos imperadores, trazendo a imagem de César (Mt 22.20-24). Israel dependia do poder monetário de seus dominadores, pois seu dinheiro próprio, o “lepton”, era de ínfimo valor, e pouco circulava. Vivendo no mundo gentílico e dele dependendo, os israelitas, na realidade, apesar dos escrúpulos, estavam sob o império estrangeiro do “mamom da iniquidade”. Seria das riquezas do mundo profano que a Igreja de Cristo viveria, mas sem dependência, sem corrupção, sem avareza, sem iniquidade. São com as riquezas patrimoniais e monetárias de um mundo capitalista, explorador dos impotentes, que o povo de Deus constrói templos, escolas, hospitais, orfanatos, asilos e creches; e ainda com ele imprime e distribui bíblias, literatura evangélica; mantém missionários na pátria e no exterior e sustenta seu ministério. O crente honesto, além de pagar seus impostos, muitos deles iníquos e mal utilizados, e até desviados de seus objetivos, entrega a Deus o seu dízimo. Aplicando bem o dinheiro aqui em sua manutenção e na obra sócio-caritativa, a Igreja serve a Deus, divulga a mensagem do evangelho, consagra o fruto de seu labor diário ao Criador e Proprietário de todas as coisas.

Jesus, nesta maravilhosa parábola, confronta as duas éticas, a do mundo, centralizado no bem estar pessoal e buscada a qualquer custo, e a do reino de Deus sedimentada em Senhor Jesus a quem o redimido serve com honestidade, fidelidade e produtividade, não para o bem de si mesmo, mas para a glória de Deus. Os fundamentos da vida e da moralidade do cristão Jesus os explicita conclusivamente nos versículos de 10 a 13 do mesmo capítulo, mostrando como deve ser a nova criatura: dministradora fiel de si mesma, de sua família, de seus bens, dos bens alheios e do patrimônio do Criador, a Igreja.

37- O RICO E LÁZARO

Ora, havia certo homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo e que, todos os dias, se regalava splendidamente. Havia também certo mendigo, chamado lázaro, coberto de chagas, que jazia à porta daquele; e desejava alimentar-se das migalhas que caíam da mesa do rico; e até os cães vi nham lambe-lhe as úlceras. Aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos para o seio de Abraão; morreu também o rico e foi sepultado. No inferno, estando em tormentos, levantando os olhos e viu ao longe a Abrão e Lázaro no seu seio. Então, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim! E manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nessa chama. Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te

de que recebeste os teus bens em vida, Lázaro. igualmente, os males,; agora, porém, , aqui, ele está consolado; tu, em tormentos. E, além de tudo, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que querem passar daqui para vós outros não podem, nem os de lá passar para nós. Então replicou: Pai, eu imploro que o mandes à minha casa paterna, porque tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, a fim de não virem também para este lugar de tormento. Respondeu Abraão: Eles lá têm Moisés e os profetas; ouçam-nos. Mas ele insistiu: Não, pai Abraão; se alguém dentre os mortos for ter com eles, arrepender-se-ão. Abraão, porém, lhe respondeu: Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos. (LC 16.19-31).

O contexto. Esta parábola liga-se contextualmente à do “mordomo infiel”, pois ambas retratam:

a- Os pecados da usura, da avareza, da descaridade e da desonestidade. Havia na elite religiosa de Israel uma ardente fé formal, uma crença mental no Deus do pai Abraão, mas tal piedade externa nada produzia em favor do próximo. O clero, mancomunado com os ricos, beneficiavam-se de suas riquezas, enquanto os seus irmãos pobres, mesmo pertencendo à raça judaica e estando inclusos na eleição nacional, ficavam inteiramente abandonados e marginalizados religiosamente.

b- A riqueza de alguns e a pobreza de muitos dividiram os judeus em *incluídos* e *excluídos*. Passou-se a acreditar que os bens terrenos eram sinais de bênçãos. Os afortunados julgavam-se ser objetos do amor divino e, como amados por Deus, eram galardoados com bens materiais e bênçãos espirituais. Os deserdados, por outro lado, estavam no estado de miséria porque Deus não se agradava deles em decorrência da marginalidade, da promiscuidade e da infidelidade à lei mosaica. A pobreza era “um castigo merecido.” Entendiam os intelectual, social e teologicamente qualificados que a pobreza era conseqüência direta do descumprimento da lei de Deus. A nação eleita, que deveria ser uma, consensual, fraternal e solidária, estava dividida entre “abençoados” economicamente e “amaldiçoados” materialmente; entre um clero hipócrita e rico, e a massa dos desempregados, dos desvalidos, dos rejeitados e dos famintos.

O rico. O homem rico, que deveria ter um nome que o identificasse e o destacasse, não é designado nominalmente por Jesus. A tradição o chama de *Divis*, mas esta é a palavra latina para rico. O mendigo, que geralmente não tem identificação nominal por causa da marginalidade, Jesus lhe dá o nome de *Lázaro*, que significa “Deus ajuda”. E realmente o ajudou no momento certo. O rico certamente pensava que podia amar formalmente a Deus, sentir-se filho de Abraão, sendo indiferente, descaridoso e até cruel para com o seu próximo. A parábola não nos diz nem que o rico era ateu, nem que o pobre era crente, mas também não precisava dizer, pois o estado final de ambos revelou tudo: a infidelidade do abastado avaro e a fidelidade do mendigo. Ao impiedoso milionário cabe a sentença de João: *Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu*

irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê (I Jo 4.20). Ele teve uma grande oportunidade de usar a sua riqueza em benefício do semelhante, e não o fez. Antes, colocou seu “ego” no centro, dando-lhe todos os prazeres possíveis, desde manjares sofisticados e festas concupiscentes até a pompa e a luxúria. Lázaro, por outro lado, não recebeu de sua mão avarenta nem sequer uma refeição digna, uma roupa decente, um tratamento humanitário de saúde. O seu dinheiro, que poderia ser uma bênção para o próximo, tornou-se maldição para o seu proprietário. Não é pecado ser rico. O pecado está no mau uso da riqueza, na sua utilização anti-social, na infidelidade dizimal. O rico dizia-se filho de Abraão, mas não disponibilizou seu patrimônio ao serviço do reino de Deus e ao socorro de seus conservos, sendo Lázaro um deles. A riqueza não é perdição em si mesma, mas, nas mãos dos réprobos, torna-se um poderoso instrumento de pecado, pois alimenta o orgulho, a usura, a avareza, a prodigalidade e o egocentrismo.

Lázaro. A sua vida é uma mensagem sem palavras. Ele nada falou na existência terrena; agüentou todas as mazelas e desditas da vida sem reclamar. Certamente ele sabia, pela leitura de seu próprio nome, que Deus o socorreria mais cedo ou mais tarde; e socorreu. Ele não se salvou por ser pobre, sofrer terrivelmente, ser abandonado por seus concidadãos, mas pela misericórdia de Deus. Quem é de Deus, será, na oportunidade do Pai eterno, o encontrado, recolhido, protegido, abençoado e adotado como filho, segundo a promessa.

A vida do rico e a de Lázaro, neste mundo, mostram-nos:

a- Não devemos depositar nossa confiança e nossa esperança nos bens temporais, porque eles, quando mal usados, atrapalham nossa comunhão com Deus e impedem nosso amor ao próximo. A maneira mais concreta de se expressar amor ao irmão necessitado é por meio do socorro material; mas isto somente será possível aos verdadeiramente espirituais.

b- A riqueza deve ter tripla destinação: A obra de Deus, o bem ao semelhante, a realização pessoal: exatamente nesta ordem. Assim, a riqueza será bênção, nunca maldição. A riqueza de José de Arimatéia possibilitou um túmulo novo e digno para Jesus Cristo.

O estado presente. Na terra, o **rico** representava a ala judaica dominante, faustosa, sublimada, poderosa economicamente; especialmente a classe clerical. Estes olhavam para si mesmos e se viam como “senhores e mestres”, “protegidos e abençoados por Deus” pelo fato de serem aquinhoados com muitos bens materiais, posições eclesíásticas e incontáveis privilégios.

Os israelitas, inspirados na riqueza de Abraão e na promessa de uma terra que manasse leite e mel, dando-lhes situação de abundância e destaque econômico entre os povos vizinhos, entendiam que a riqueza, a saúde física e a unidade familiar eram sinais de bênçãos divinas, de eleição e de filiação, enquanto a pobreza representava a maldição, a desproteção de Deus, a não filiação actual.

O fausto do rico, segundo o entendimento geral, era bem visto: um homem abençoado por ter sido galardoado por Javé com tantos bens materiais.

O **Lázaro**, na vida terrena, tipificava o leigo menosprezado, à margem da religião, para quem a atenção dos levitas, escribas e fariseus jamais se voltava. Os padecimentos do mendigo hebreu à porta do compatriota rico explicitam o distanciamento entre ele, o necessitado, e seu concidadão abastado, embora ambos fossem “filhos de Abraão”, um “abençoado; outro; outro desprezado.

O estado futuro de ambos. **Lázaro** morreu, e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão, isto é, para comunhão de seu povo junto ao Pai celeste, onde está Abraão, o pai da fé ou antecessor revelacional da salvação pela graça. Agora o “mais pobre judeu está no regaço do “mais rico”. Jesus também viveu pobre, mas “esteve com rico em sua morte”.

O **rico** morreu e foi *sepultado*, certamente com homenagens, honrarias e distinções. O seu corpo voltou ao pó, mas sua alma caiu no *Hades*, lugar, no Novo Testamento, destinado aos ímpios. No inferno, o ex-rico, em plena consciência, apelava a Deus para que mandasse Lázaro dar-lhe um mínimo de alívio, refrescando-lhe a língua com a ponta do dedo molhada em água fresca, pois a ardência lhe era insuportável. Informado da impossibilidade de qualquer contato entre ele, o perdido, e Lázaro, o salvo; suplicou a Abraão o envio do ex-mendigo, agora com experiência concreta do estado redimido pós-morte, aos seus protegidos cinco irmãos, para avisá-los do risco que corriam e preveni-los, para que não procedessem como o irmão avarento, que está padecendo no inferno. Seu segundo pedido também não foi atendido, pois Deus não age na terra por intermédio de mortos, mas por meio das Escrituras, de Cristo e do Espírito Santo.

Cristo, com o segundo quadro da parábola, mostrando ambos no além, quis alertar-nos para o fato de que o destino eterno é resolvido no período da vida física por intermédio do Filho de Deus, de sua Palavra e da ação do Espírito Santo. Depois da morte, somente o juízo (Hb 9.27). O falecimento põe fim à oportunidade redentora ofertada por Cristo Jesus.

Um egoísta no inferno. O rico, nem no inferno deixou de ser egoísta e autoritário. São as seguintes as demonstrações de seu egoísmo:

a- Peticionou aos céus em favor de si mesmo, com o objetivo de livrar-se de seus padecimentos pessoais, esquecendo-se de que com ele estavam muitos padecentes sob as mesmas tormentas: *Pai Abraão, tem misericórdia de mim* (cf Lc 16.23,24). No inferno não há, nem pode haver; solidariedade e fraternidade; é o lugar do egocentrismo e dos egocêntricos.

b- Tratou Lázaro como subordinado, alguém que, embora no céu, estava à disposição do senhor Abraão: *Manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua* (Lc 16.24 cf 16.27). Seu espírito autoritário permaneceu, entendendo que, mesmo no céu, Lázaro continuava na condição de “mandado”, de escravo.

c- Preocupou-se com seus cinco irmãos, e não com os pecadores de modo geral (16.28). Tudo girava em torno dele e dos seus; nenhum amor ao próximo.

Pequenas questões da Parábola.

Tentemos elucidá-las. Esta parábola é de bipolaridade temática; gira em torno de dois focos: A vida terrestre e a vida celeste nas pessoas de duas figuras típicas: O rico e o mendigo Lázaro. A terrestre, a mim me parece, é mais clara posto que experiencial e histórica. A celeste, embora a revelação parabólica afirme que indubitavelmente existe, deixa-nos em perplexidade sobre muitos aspectos. De alguns deles o texto em apreço levanta questões, que tentaremos explicar. Ei-las:

1- A pobreza e o sofrimento purga os pecados, dando ao pobre sofredor o direito à salvação?

-Efetivamente, não. O contexto geral das Escrituras e o particular do Novo Testamento sustentam o princípio da salvação pela graça em Cristo Jesus. O rico foi para o inferno porque, certamente, era um reprovado, vivendo como tal. O Lázaro foi levado pelos anjos para o seio de Abraão, não por causa de suas misérias sociais, físicas e financeiras, mas em virtude de sua eleição e redenção em Cristo Jesus. O fato de o rico ter recebido os seus bens na terra, e Lázaro, os males (Cf v. 25), não significa que todos os que recebem bens na vida terrena perdem direito aos bens celestes. O próprio Abraão foi homem possuidor de considerável patrimônio financeiro, e, com certeza, experimenta o gozo celeste e dele desfruta. José de Arimatéia, pessoa rica, que cedeu seu caríssimo túmulo para o sepultamento de Jesus, com certeza herdou a vida eterna. Há, por outro lado, muitos que sofrem neste mundo, sofrimentos que lhes sobrevêm em consequência da vida pecaminosa e desregrada que levaram. Um aidético, por exemplo, que contraiu a doença em repetidas relações homossexuais e morreu, sem conversão, em situação lastismável, depois de longo tempo de padecimentos dolorosos, tudo nos leva a crer na perdição de sua alma. Os males que recebeu não lhe garantiram o reino dos céus.

Quanto ao que afirma o versículo vinte e quatro, parece-me claro que o Pai Abraão está dizendo que os bens dos réprobos limitam-se ao curso da vida terrena, pois nenhum deles herda a vida eterna; enquanto os bens do eleito, prioritariamente, estão, segundo a promessa, na vida futura, pois lá é o seu descanso eterno: “No mundo tereis aflições”, disse Jesus. O paraíso dos rejeitados é o mundo com o maligno; o dos eleitos redimidos é o céu com Cristo. Com Jesus aqui; com Jesus além. Com o Diabo aqui; com o Diabo no inferno.

2- Há visualidade e comunicação entre o céu e o inferno?

2.1- -Há, mas relativamente. O rico, no inferno, viu, ao longe, Abraão e Lázaro em seu seio (v. 23), mas não se diz que Lázaro enxergou o rico no inferno. O diálogo foi unicamente entre Abraão e o rico. O que se infere é o seguinte: a- Quem está no céu não vê nem ouve quem se encontra no inferno. b- No Paraíso celeste não há nada feio ou ruim: nem auditivas nem visualizadas. O Paraíso é delícia total; o inferno é desgraça absoluta. O tártaro de nenhuma maneira perturba o céu.

2.2 Quem se encontra no inferno, vê o céu e lá, os redimidos em descanso eterno, livres de quaisquer padecimentos. Tal visualização aumenta imensamente

os sofrimentos dos condenados ao fogo eterno. O gozo da vida celeste contrasta-se com os horrores do inferno, o que intensifica sobremaneira as dores imitigáveis e a desesperança inconsolável dos perdidos.

2.3- Não se preocupe se você for para o céu e sua mãe para o inferno. Primeiro, você não a verá sofrendo nem terá consciência disso. Segundo, a passionalidade e a sentimentalidade terrenas do ser humano não se transferem para a vida futura, onde tudo se fez novo. Lá, você terá uma família espiritual de numerosas mães, irmãs e irmãos. O seu amor não será passional e seletivo como por exemplo, amor de pai, de mãe, de irmão, de avós, de tios; e um tipo de sentimento geral, que não pode ser chamado de amor, para com uma pessoa não aparentada, não conhecida ou de outra país e raça. Uma coisa, para você, neste mundo sensório, é a morte de sua mãe, de sua esposa, de sua filha; outra, é a de um estranho desconhecido. Esse tipo de amor seletivo e exclusivista, voltado mais para os seus e menos para os outros, não existe no céu. Você amará com a mesma intensidade todos os seus irmãos celestes. A vida na terra, desvirtuada por natureza, em decorrência do pecado, com tudo que ela tem, não passará para a nova vida. Os sentimentos serão espirituais, não passionais ou sentimentais. O amor será incorruptível, universalizado e nivelado, pois as “preferências” sentimentais desaparecerão. No céu não há desiguais, nem o “meu”, o “seu”, o “vosso”, mas somente o “nosso”.

2.4- Da terra entra no céu somente o nosso corpo, mas incorruptível e espiritualizado, livre completamente da materialidade e da natureza biofísica do ser humano. Carne e sangue, diz Paulo, não herdam o reino dos céus (I Co 15.50), isto é, o homem natural. Deus o transforma para recebê-lo no reino glorioso e triunfante de seu Filho. Você será identificado, não por suas impressões digitais, mas por sua nova personalidade espiritualizada; também identificará os seus consertos redimidos pelo mesmo processo. Haverá perfeita, ampla, profunda e irrestrita interação entre os habitantes do Reino eterno e consumado de Cristo. Nada mais da terra, além de seu corpo transformado, você levará para o céu.

3- De que tipo é o fogo do inferno.

-O inferno é de natureza espiritual e, portanto, nele não existe combustão física. Como um dos piores sofrimentos, senão o pior, é o causado por queimaduras de terceiro grau, a melhor ilustração para os padecimentos tartáreos é a de um corpo envolto em chamas ardentes, onde apenas uma gota de água fresca causaria considerável alívio (Cf v. 24). No inferno, todas as virtudes humanas são eliminadas: amor, esperança, compaixão, piedade, solidariedade, companheirismo, fraternidade, maternidade, paternidade etc. Por outro lado, os carismas espirituais no hades não existem como, por exemplo: Fé, ágape místico, paz, esperança redentora, consolação. O esvaziamento moral, psicológico, social e espiritual do réprobo no hades provoca a ardência permanente, profunda e insanável de sua alma.

Quando uma pessoa se vê abandonada, isolada, execrada, seu estado interior fica infernalizado: ausentes se lhe tornam a consolação, a compaixão, o carinho, a amizade, o afeto dos parentes e o abraço dos amigos. Sua dor intensifica-se, a

esperança de solução se esvai, a derrota fatal machuca-lhe a alma. Milhões de vezes mais agudos são os estertores das vítimas da Geena.

4- **Por que Abraão chamou o rico no inferno de filho?**

-Jesus contextualiza a parábola na velha dispensação judaica, onde todos os judeus, genealogicamente, eram filhos de Abraão, segundo a carne, como diz Paulo (Rm 4.1). Tanto o rico avarento e faustoso como o pobre sofredor eram, de fato, do ponto de vista da genealógico, descendentes de Abraão. No Novo Testamento Jesus espiritualizou a filiação abraâmica, dizendo que filhos de Abraão são os que lhe fazem a vontade (Jo 8. 39). Filiação abraâmica, no novo Israel, faz-se por redenção e adoção em Cristo Jesus; e quem é “feito filho” (Jo 1.12) respeita e obedece o Pai celeste e a ele se submete. Quem anda no caminho de Deus é filho espiritual de Abraão; quem anda na trilha do Diabo é seu filho (Jo 8. 44). Um judeu no céu e outro no inferno, mas ambos, genealogicamente, filhos de Abraão. O mais intrigante é o fato de Jesus ter usado o palavra “teknon”-criança ou pessoa muito jovem- e não o termo “huiós” – designação geral para filho. Talvez tenha tido a intenção de ressaltar a inferioridade e a submissão do condenado às tormentas infernais. O rico, embora no hades, estava sob a autoridade e controle de Deus, Senhor absoluto de todas as potestades.

5- **Por que Abraão disse que há no céu quem prefere o inferno?**

-Citemos o texto: *E, além de tudo, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que querem passar daqui para vós outros não podem, nem os de lá passar para nós (v. 26)*. Em princípio, o que deve ficar bem claro para nós é a impossibilidade de trânsito entre o céu e o inferno, pois ambos são lugares de habitação definitiva e de estado irreversível contraditórios em si mesmos. O desejo de quem está no inferno, logicamente, é passar para o céu, vontade que jamais se cumprirá. Por outro lado, quem está no céu, obviamente, não quer o inferno. Então por que Abraão disse que alguém do seu seio deseja passar para o inferno? – A mim me parece que Jesus está falando para judeus, e eles acreditavam que todos os mortos estavam em um só lugar, o “Sheol”, mas espiritual e moralmente separados: Os filhos de Deus dos filhos do Diabo. A separação lá seria semelhante à que existe no mundo, mas de populações nitidamente definidas: Aqui, eleitos e réprobos militando no mesmo espaço geográfico. Cristo, na verdade, e por esta parábola, redefiniu as habitações eternas: uma no aconchego de Deus para os salvos e outra na ardência do inferno para os perdidos, onde habitam o Diabo e seus anjos. Em se tratando de universo espiritual, as figurações físicas, em virtude de nossa empatia natural, podem desfigurar, em nossa mente, a situação espiritual, que nada tem a ver com o mundo biofísico, Lá, não há barreiras físicas quer em forma de muralha quer em forma de abismo. A separação é espiritual: Juntos a Deus os que são de Deus; juntos ao Diabo, os que são do Diabo. Assim como o trigo não se transforma em joio, e vice-versa, um eleito salvo jamais passará para o lado do Maligno. O abismo, na presente existência, onde a conversão do pecador acontece, não é fixo nem intransponível. No céu, porém, onde não há mais possibilidade de conversão, o “bismo”, isto é, a “separação”

entre salvos e perdidos é rígida, impenetrável e intransponível, não exatamente por impossibilidade, mas por diferença radical de situação e natureza: A luz não tem comunhão com as trevas, as duas coisas não convivem ao mesmo tempo e no mesmo espaço. A expressão: “Passar daqui para vós”, no meu entendimento, é antitética; quer dizer: A vontade de lá pode, em princípio, ter correspondência do lado de cá, mas o “estado” satisfatório e permanente dos que aqui estão não permitirá “semelhante desejo contraditório. No mundo, há crentes que, eventualmente, podem desejar o ambiente dos réprobos, mas no céu essa possibilidade inexistente.

6- Por que Jesus não disse que aqui os irmãos do rico tinham Jesus, o Espírito Santo e o Novo Testamento (v. 29)?

-Até a morte e ressurreição de Cristo, estiveram em vigência a Lei e os profetas, únicas fontes diretas de recorrência em matéria de salvação; embora o anúncio do fim do mandato da lei e dos profetas estivesse sendo feito (Jo 16.16). Jesus confrontava os escribas e fariseus com a matéria da especialidade deles, o Velho Testamento. Na verdade, porém, o verdadeiro israelita, o eleito de Deus, não era salvo por ouvir (no sentido de acatar e obedecer) a lei e os profetas, mas redimido por Cristo, o Salvador de todos os escolhidos do Pai. Além do mais, Jesus sumariou em si tudo que era signo e sombra no Velho Testamento sobre a “ordo salutis”. Todos os seres humanos têm, no presente estágio, Jesus, o Espírito Santo, os evangelhos e os demais documentos neotestamentários como meios de comunicação da graça salvadora.

Cristo substituiu os símbolos e os tipos vetotestamentários, mas não os eliminou, nem os desqualificou.

7- Não somos salvos pelo Cristo ressureto. Como Abraão disse: Ainda que alguém ressuscite?

-A meu juízo, a ressurreição de Cristo não pode ser incluída, igualmente, no rol de outras ressurreições como, por exemplo, a do outro Lázaro, que esteve do outro lado da vida e voltou. Porém, o seu retorno não causou nenhuma conversão. Se alguém, pelo extraordinário milagre da sua ressurreição, houve obtido o reino dos céus, esse fato provocaria os seguintes problemas: a- A sua salvação não seria pela substituição vicária de Cristo, mas pelo impacto fortíssimo de um milagre. b- Feriria o princípio da exclusividade da redenção em Cristo Jesus, que nos afirmara: “Ninguém vem ao Pai, senão por mim”. A ressurreição do Messias deu-se depois da expiação na cruz e em consequência desta. Além do mais, Jesus é o Deus encarnado, Deus-homem, portador de duas naturezas integradas em único ser humano, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.; identificado entre nós pelo inefável nome de Jesus Cristo.

Cristo não ressuscitou para nos falar de Deus, da fé e da redenção; para isso ele se encarnou, fez-se homem, assumiu a nossa natureza, comunicando-se conosco de “igual para igual”, “de homem para homem”. Repito a idéia anterior: A salvação deu-se antes da ressurreição no altar da cruz. A ressurreição comprovou e consumou o seu domínio e a sua vitória sobre a morte, além de

deixar insofismavelmente clara a sua divindade. O Verbo fez-se carne para nos salvar e, como ser humano perfeito, expiou nossos pecados na cruz.

O Pai eterno não mandou “um de entre os mortos” para redimir-nos, pois Deus não é Deus de mortos, mas de vivos. Cristo mesmo declarou: “Antes que Abraão existisse, EU SOU” (Jo 8.58). O Messias, portanto, não é um simples “morto ressurreto”; é o eterno Filho de Deus, eternamente vivo, o único capaz, por sua verdadeira credencial divino-humana, de executar a nossa redenção e abrir-nos, definitivamente, o caminho para o céu.

8- O rico reconheceu Lázaro (Lc 16.23). Como um espírito, ser incorpóreo, identifica outro espírito?

Os materialistas, mormente os evolucionistas, atribuem ao cérebro todas as funções cognitivas, volitivas e emocionais. Para eles, o cessamento das funções cerebrais implica a liquidação completa da consciência, da razão, da percepção e dos sentimentos. Tal materialismo leva, conseqüentemente, à incredulidade, à negação da existência de Deus e dos anjos, seres espirituais cognitivos e volitivos, segundo as Escrituras; isto é, a divindade e os anjos falam e agem sem o concurso de vias corporais. Deus, além de expressar-se, comunicar-se, é criador de todas as coisas e de todos os seres existentes no mundo físico e no universo espiritual. A Bíblia, portanto, revela-nos a dispensabilidade do cérebro para a racionalidade, a expressividade, a criatividade e a sentimentalidade dos seres espirituais: Deus nos fala pelas Escrituras (Hb 1.,1,2); os anjos falam e cantam (Lc 2. 9-14); Elias e Moisés falaram-nos no monte da transfiguração (Mc 9.2-8); as almas debaixo do altar celeste intercedem pela Igreja padecente (Ap 6.9,10 cf 20.4). A própria divindade é constituída de três pessoas distintas, mas consensuais e co-essenciais, que se interagem mentalmente e identificam-se inter-relacionalmente de maneira completa e perfeita. Ora, fomos criados à imagem do Criador, sendo ele puro espírito, mas com revelação clara de personalidade, de caráter, de inteligência, de racionalidade, de senso de beleza estética e de praticidade criacional. Deus é onisciente, onipotente e onividente. O homem, mesmo no estado intermediário, separado de seu corpo, conserva os sinais implícitos e explícitos da “imagem Dei.” Como as almas, despidas de seus corpos, são identificadas por outras no mesmo estado, não sabemos. O que a revelação permite-nos conhecer é: a- O mundo espiritual não é amorfo, inominado, despersonalizado, de seres indistinguíveis e descaracterizáveis. E mais, a “imagem Dei” em nós é indestrutível; nem a morte é capaz de destruí-la. b- A identidade que Deus nos confere na vida terrena não a perderemos na espiritual, mesmo no estado intermediário. A minha alma será reconhecida de outras almas no céu, e eu as reconhecerei. É isto que a parábola nos ensina com diamantina clareza: Maravilha das maravilhas! O ser humano pode ser tão grande como Lázaro ou tão mesquinho como o rico avaro.

Lições:

>Quem está no inferno jamais sairá de lá: não passa para céu; não volta à terra.

>Os mortos redimidos, cujas almas estão no seio da Abraão, não têm permissão para virem à terra em ação profética ou missionária.

>Deus nos deixou aqui as Escrituras, os pregadores, a Igreja e o Espírito Santo. “Moisés e profetas” significa: Escrituras – Lei e graça.

> Neste mundo temos o dever de amar a Deus sobre todas as coisas, e amar nosso próximo como a nós mesmos.

>Bens materiais e felicidade temporal não são sinais de bênçãos divinas, tanto quanto miséria e sofrimento não são meios de salvação.

39- O JUIZ INÍQUO

Disse-lhes Jesus uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer: Havia em certa cidade um juiz que não temia a Deus, nem respeitava homem algum. Havia também, naquela mesma cidade, uma viúva que vinha ter com ele, dizendo: Julga a minha causa contra o meu adversário. Ele, por algum tempo, não quis atender; mas, depois, disse consigo: Bem que eu não temo a Deus, nem respeito homem algum; todavia, como esta viúva me importuna, julgarei a sua causa, para não suceder que, por fim, venha molestar-me. Então, disse o Senhor: Considerai no que diz este juiz iníquo. Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em atendê-los? Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça. Contudo, quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra? (Lc 18. 1-8).

O juiz e a viúva. Havia em uma cidade um juiz que não temia a Deus e, portanto, não possuía escrúpulos religiosos, não agia segundo as ordenanças divinas, mas conforme determinava sua própria consciência agnóstica. As decisões que tomava eram ordenadas por suas convicções pessoais centralizadas no *ego* e em função dele. Tratava-se, conseqüentemente, de um homem empedernido, impenetrável aos sentimentos pios e às normas sagradas da justiça revelada. As dores alheias não o comoviam. Não adiantava tentar chegar a esse juiz por meio de intermediários, advogados ou não, porque não temia nem respeitava homem algum. Suas sentenças não eram influenciadas nem por Deus nem por interferências humanas. Não havia meios espirituais, morais, psicológicos, sociais e sentimentais que o comovessem. Seu juizado era singular, suas sentenças eram absolutas.

Uma viúva, frágil por condição e natureza, indefesa, apelou a ele para julgar a sua causa contra o seu adversário. Como não existia outra instância de apelação, insistiu teimosamente, mesmo recebendo um enfático “não” a cada pedido, e foram numerosos. O juiz, finalmente atendeu, não por um ato de bondade, mas para evitar o molestarmento da viúva insistente e contundente em seus apelos.

Cristo não traça um paralelo entre esse juiz egoísta, prepotente, e Deus; mas contrasta-o com o divino Senhor, nossa exclusiva fonte de apelação nos momentos difíceis e contra adversários poderosos. O frágil impotente, para não ser derrotado, tem de recorrer ao forte, ao potente. No caso do pecador, é Cristo Jesus, seu Rei e Libertador. O nosso único meio de apelação, devidamente autorizado por Cristo, é a oração, que a fazemos ao Pai em nome do Filho.

O quadro é interessante: Uma viúva desprotegida, sem nenhum auxílio externo, sem nenhum apoio das “autoridades competentes”, levada apenas por sua necessidade imperiosa, conseguiu de um juiz iníquo e autoritário a justiça que procurou teimosamente. Esse juiz presunçoso e independente era a única instância de apelação da viúva. Não havia, pois, a quem mais recorrer.

A justiça aos escolhidos. Jesus usa a figura do juiz iníquo para estabelecer contraste entre aquele que pensa em si mesmo, no seu próprio conforto, mesmo quando exerce um ato de justiça social, e o Deus dos eleitos, que age sempre por amor, não por dever de ofício ou para livrar-se das importunações. Deus é amor em si mesmo e ama incondicionalmente os seus redimidos, julgando suas causas no supremo tribunal de sua justiça infalível e retíssima contra o pleito de temíveis adversários como o mundo, a carne, a morte e o maligno.

Creemos que, na cidade referida na parábola, o juiz iníquo era o único competente, a autoridade maior para julgar a causa da apelante. Ela insistiu até conseguir o que pretendia, mesmo com a má vontade do egocêntrico árbitro.

O Deus trino é, por outro lado, a exclusiva fonte de recorrência do crente, aquele a quem endereça suas persistentes petições. O Pai celeste, segundo os seus propósitos, pode tardar, porém, não deixará de socorrer o seu povo. O filho de Deus tem o dever e o privilégio, não só de dependência contínua do Pai celeste, mas também de expor a ele, em atitude súplice, as suas necessidades diárias: as normais, as urgentes, as circunstanciais. O membro da Igreja de Cristo que se julga auto-suficiente material e espiritualmente, não sente necessidade do socorro divino, menosprezando a oração, descartando, portanto, o mais precioso meio de graça de que dispõe a alma regenerada: a comunhão oracional com o Salvador. O crente verdadeiro é submisso e, por reconhecer-se falível e pecador, não descuida da oração diária, da genuflexão aos pés do Redentor. Por outro lado, ele enfrenta um adversário poderoso, que lhe disputa a posse da alma. Somente um Juiz poderoso, único, independente, infalível e misericordioso poderá livrar o pecador das apelações, insinuações e tentações de Satanás.

A volta de Cristo. A oração é o exercício da fé, a demonstração da dependência do salvo de seu Salvador; o inquebrável elo entre o redimido e o Remidor. A oração é mais bênção de servir e de adorar que de pedir.

Há uma súplica que os redimidos a fazem, tanto os da militância terrena como os do estado intermediário: *Vem, Senhor Jesus! (Maranata)*. Enquanto a Igreja peregrina neste mundo em pátrias, culturas e éticas alheias, sofrendo restrições e oposições de todas as ordens – morais, sociais e espirituais – ela terá de estender os seus clamores e lamentos, incessantemente, ao seu Senhor e Rei,

suplicando proteção, misericórdia, direção e perdão; tudo no espírito de I João 2. 1: *Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos um advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo.*

Os espíritos, que se encontram debaixo do altar celeste, esperando o dia da glorificação final, clamam, pedindo o abreviamento da volta do Cordeiro, quando se dará sua vitória definitiva sobre todas as potências do mal (cf Ap 6. 9,10).

O Justo Juiz. O juiz iníquo fez justiça para não ser molestado por uma viúva sem nenhuma relação de parentesco e amizade com ele. Seu arbítrio não se fundamentou no amor nem na justiça social, mas para evitar o molestar da persistente mulher. Deus, no entanto, a quem devemos recorrer sem cessar, atende-nos na condição de nosso Pai amoroso e justíssimo para com todos os seus eleitos, salvos em Cristo Jesus.

No contexto desta parábola, a oração é o exercício do dever de apelação a Deus. Tal prerrogativa é privilégio (não direito) do regenerado, concedido a ele por Cristo Jesus no ato da adoção. Como o juiz iníquo não era obrigado atender a mulher, Deus, despido de qualquer iniquidade, não pode ser forçado, via apelação intercessória, a atender-nos. Ele atende os seus eleitos salvos em e por Jesus Cristo firmado exclusivamente em sua soberana e misericordiosa vontade. A insistência do crente baseia-se em três princípios: 1- Não há outro juiz a quem apelar. 2- O servo de Deus não possui, na terra, ninguém a quem possa recorrer, pois Deus não atende por meio de nenhum outro mediador, senão Jesus Cristo. 3- Somente Deus, o Todo Poderoso, pode dar-nos vitória contra o nosso terrível inimigo espiritual, o maligno. Como a viúva, estaríamos completamente indefesos se Deus não tivesse enviado seu Filho para ser nosso imbatível defensor.

Será que, diante dos desafios do mundo moderno, do cristianismo fácil e prosperista, das dificuldades que as pessoas enfrentam na luta diária, da incredulidade geral, Cristo, quando voltar encontrará servos firmes, vigilantes e consagrados? Eis a interrogação que o próprio Redentor nos deixa: “Quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra”?

Sem oração constante e sistemática não há perseverança, não existe crença verdadeira em Deus.

Síntese conclusiva: Se um juiz incrédulo e empedernido ouviu as petições de uma viúva, quando mais Deus, amoroso Salvador e Justo Juiz, não ouvirá os clamores de seus filhos eleitos?

40- O FAZENDEIRO E O SERVO – Lc 17.7-10

Qual de vós, tendo um servo ocupado na lavoura ou em guardar o gado, lhe dirá quando voltar do campo: Vem já e põe-te à mesa. E que, antes, não lhe diga: Prepara-me a ceia, cinge-te e serve-me, enquanto eu como e bebo; depois comerás tu e beberás. Porventura, terá de agradecer ao servo porque este fez o que lhe havia ordenado? Assim também vós, depois

de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer (Lc 17. 7-10).

O contexto próximo desta parábola, no meu entendimento, está em Lc 17.4, quando Jesus ensina que o perdão ao irmão é ilimitado. Se ele, por sete vezes ao dia pecar contra o mesmo conservo, declarando-se arrependido, esse tem a obrigação cristã de perdoá-lo. O dever do servo (escravo) não se exaure em jornadas de trabalho nem em cumprimento de tarefas.

O dever ordenado. Jesus dirige-se aos seus discípulos, que estavam sendo preparados para o ministério apostólico de dedicação integral e exclusiva. Não seriam apenas cumpridores de tarefas que, depois de cumpridas, deveriam descansar. Porém, enquanto descansavam, depois do suposto dever cumprido, as ligações servis com o Senhor ficavam interrompidas. O Senhor poderia contar com eles na execução das obrigações prescritas, no dever programado; nada mais além disso. O escravo da parábola, quando lhe cabia um trabalho no campo (arar a terra ou apascentar o gado), poderia entender que suas atividades domésticas diárias estavam dispensadas, cabendo ao seu senhor executá-las.

Um só escravo super-responsabilizado. Notem bem que o senhor da parábola tem somente um escravo. Eventualmente, quando funções agrárias e pastoris forem necessárias e imprescindíveis, ele teria de acumulá-las com suas obrigações cotidianas no lar de seu senhor. O escravo não é dono de si mesmo; pertence ao seu senhor e cumpre-lhe realizar as ordenanças de seu proprietário. Somos escravos-mordomos de Cristo, e temos por dever dedicar-lhe nosso ser e nosso trabalho em tempo integral e dedicação exclusiva. Cada servo de Cristo recebe dele incumbências ministeriais específicas, que não podem ser transferidas a outros. Essas deverão ser cumpridas com dedicação absoluta e consagração completa, sem qualquer mecanização funcional ou desejo de recompensa. Cada apóstolo, que ouviu a parábola, sentiu-lhe, existencialmente, o realismo no curso de seu ministério. Seus carismas e contingências ministeriais não se mediam por padrões gerais, pois Cristo julgava cada apóstolo individualmente, dando-lhe missões especiais, sem paralelos. Examinem a vida e a obra de cada um deles, e notará a especificidade de suas tarefas individuais. Até os martírios foram diferenciados. Os apóstolos, perseguidos e martirizados, nada receberam, nem em termos de bens terrenos nem de reconhecimento do mundo. Tudo que fizeram foi para glória de Deus, crescimento, edificação e santificação da Igreja. A recompensa deles não lhes veio no curso da vida terrena, mas no além, onde estão com o supremo Senhor e Salvador de suas almas.

Temos o dever de observar que Jesus toma um quadro comum de seu tempo, onde a escravidão não somente era permitida, mas popularíssima. O escravo da parábola fez tudo que lhe foi ordenado fazer; agindo por manipulação, por condicionamento e em decorrência de sua situação de

escravizado, não por dedicação espontânea e amor incondicional. O contrário deve acontecer com o servo de Cristo, que, salvo e regenerado pelo seu Senhor, a ele se submete por amor apaixonado e doação sacrificial.

O servo inútil. O termo grego traduzido por “inúteis” (achreioi) pode ser traduzido por “aquilo que não dá lucro”, “que não resulta em ganho econômico”, “que não confere bens” ou, segundo o contexto, “serviço prestado por estrita obrigação”. O ministro de Cristo que, embora proclame que seu ministério é para a exclusiva glória de Deus, e, no fundo, vise prestígio pessoal e dividendos econômicos; este, aos olhos do divino Senhor, é realmente um “servo inútil”. Assim como o escravo não se pertence, pois é patrimônio de seu proprietário, igualmente o “escravo de Cristo” não é dono de si mesmo nem de sua produção no campo do Mestre, a Igreja. Quem almeja o “episcopado”, visando emprego, estabilidade profissional e garantia previdenciária, é um traidor da causa do Evangelho e, certamente, um “servo inútil” para Cristo, embora útil para si mesmo.

Quantos “servos inúteis” temos hoje na Igreja evangélica, pessoas que buscam bens temporais e pessoais, mas não a glorificação do Cordeiro. Temos de renunciar a nós mesmos e ao mundo para sermos privativamente de Cristo, seus submissos escravos, que não somente executam suas ordens, mas vão além de estrita obrigação; isto por amor, dedicação e consagração.

O escravo da parábola, tipo do servo de Cristo, não tinha direito a folgas programadas, a descanso no pós-dia do Senhor, a décimo terceiro salário, a férias remuneradas enquanto o rebanho sob seus cuidados pastorais fica desprovido de efetivo pastoreio. Dizem: Os tempos mudaram, é a modernidade. Prém, Cristo, no Senhor, não mudou; as ovelhas hoje, em um mundo complexo, confuso e depravado são ainda mais carentes. O que dizer de pastor com duplo senhorio? – Jesus e Mamom? Ministros, supostos escravos de Cristo, de tempo parcial? Se o tempo é parcial, a dedicação não é total, a consagração não é exclusiva ao rebanho do Cordeiro que tem de ser presencial, mas presença ativa, dinâmica, constante e eficiente. No tempo da “Igreja-rebanho”, dela o pastor não se afastava um segundo sequer. Agora, na “Igreja-empresa”, seu “pastor-funcionário” pode servir a dois ou mais senhores, ter jornada de trabalho especificada e todos os “direitos trabalhistas. O servo à disposição diuturna de seu Senhor é “coisa do passado”. Triste presente!

Perguntar não ofende: Que servo de Deus tem sido você, pastor?

41- O FARISEU E O PUBLICANO

Propôs esta parábola a alguns que confiavam em si mesmos, para se considerarem justos, e desprezavam os outros: Dois homens subiram ao templo com o propósito de orar: um, fariseu, e o outro publicano. O fariseu, posto em pé, orava de si para si mesmo, desta forma: Ó Deus, graças te

dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano; jejua duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho. O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu. Mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador! Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado (Lc 18.9-14).

Os destinatários da parábola. Tem sido comum restringir o ensino desta parábola ao fariseu, genericamente; isto é, todo fariseu é do mesmo tipo. Esta compreensão ignora o versículo nove, que indica o público-alvo: *Alguns que confiavam em si mesmos por se considerarem justos, e desprezavam os outros.* Os que confiam em si mesmos e desprezam os outros podem ser fariseus ou não. O fariseu aqui, extremamente formalista, é o modelo de todos os que se auto-justificam por meio do formalismo religioso ou de sua seita sectária; os que julgam possuir o múnus exclusivo e os meios eficientes e indispensáveis da salvação: lei moral e práticas místicas. Fora de seus princípios e de seus preceitos não pode haver salvação nem salvos. Jesus o toma como exemplo daqueles que se julgavam redimidos e justificados por meio de rigorosa observação do que o código mosaico e o sistema ritual do Velho Testamento estabelecem. O fariseu retratado é o tipo do eclesiástico fundamentalista fanático. Todos os sectários que confiam em si mesmos, em matéria de redenção, e elegem a seita de que fazem parte como única portadora da verdade eterna, certamente estão figurados na pessoa do fariseu, que possuía falsa convicção de que era melhor do que os outros por atitudes místicas supostamente corretas, merecendo a recompensa divina. A graça é imerecida.

O fariseu. Ele alegava possuir comportamentos éticos externos que, no seu entendimento, qualificavam-no diante de Deus como servo moralmente inatacável. Dizia não se comparar com os demais homens pecadores praticantes, nem ao publicano à sua vista no pátio externo do templo (Lc 18. 11). Exibia também suas práticas rituais, segundo os parâmetros vetotestamentários, mas com exageros incomuns como, por exemplo, jejuar duas vezes por semana (Lc 18.12). Era, em suma, irrepreensível moral e religiosamente. Ele não declarou que amava a Deus preferencial e prioritariamente, colocando-o cima de todos os amores, acima de si mesmo; mas certamente não o fazia, porque no seu ego e na sua mente não havia lugar para o real amor a Deus. Também amor ao próximo não fazia parte de seu cardápio religioso, pois julgou “os demais homens” e “menosprezou” o publicano, a quem devotava ódio mortal. Quebrava, portanto, todos os mandamentos, não amando o Pai eterno com amor fraternal e exclusivo, e ao próximo como a si mesmo (Mt 22. 37-39). Exaltou-se; e a criatura que se

exalta diante do Criador será humilhada (Lc 13.14 cf Lc 18. 14). O centro do culto e da prece não é o “eu” humano, mas o “Tu” divino.

O publicano. O fariseu exaltou-se; o publicano humilhou-se; ao publicano humilhado, Deus exaltou com a bênção da justificação. Ele se considerava um pecador que, além de não ter nenhum mérito religioso diante de seus compatriotas, ainda se reconhecia espiritualmente derrotado e incapacitado para salvar-se. Então, humildemente, pedia a Deus que fosse compreensivo, tolerante e caridoso para com ele. Nada havia nele que o justificasse diante do Salvador, e nenhuma alegação apresentou; apenas batia no peito, exclamando: *Ó Deus, sê propício a mim pecador!* O fariseu postou-se diante de Deus com arrogância pois, sendo hipócrita, expor virtudes pias que não possuía, justificativas de sua suposta santidade suficientes para “merecer” o beneplácito divino. O publicano nada a seu favor tinha a declarar, porque se considerava um pecador necessitado d perdão de Deus. Seus olhos voltavam-se para dentro de si mesmo, contemplando seu triste estado de pecaminosidade, enquanto sua mente direcionava-se àquele que sonda os corações e é capaz de perdoar o mais vil dos pecadores. Nem coragem de olhar para o céu teve, tal o seu estado de abatimento e humilhação.

Graça, não mérito. Jesus disse que o publicano voltou para casa justificado, e o fariseu, não. Esta parábola compara o fariseu, que se justificava com base nos merecimentos pessoais, transferindo, mais para as leis cerimoniais que morais, os meios de salvação. Como todos os religiosos judeus de seu tempo, sustentava, tacitamente, o princípio da salvação pelas obras. Entendia que o cumprimento rigoroso das ordenanças divinas, mesmo externamente, era suficiente para a redenção. O pecador, segundo o farisaísmo, podia salvar-se mediante o cumprimento da lei. Puro engano. O ser humano é inteiramente inabilitado para livrar-se do peso e da pena do pecado. Somente Deus, por sua infinita misericórdia, viabilizada em Cristo Jesus a nosso favor, pode libertar-nos do jugo do pecado e da lei. O perdão gracioso do Pai celeste, no entanto, não é para quem deseja ser perdoado, mas para aqueles que ele escolheu deste a eternidade para receberem, na pessoa de seu Filho, a graça imerecida do perdão. Não temos um Deus da nossa escolha; temos um Deus que nos escolheu. Não entramos no céu pelos nossos próprios méritos, pela opção pessoal de nossa livre decisão, mas pela eleição divina e conseqüente expiação no Eleito dos eleitos, Jesus Cristo. Ninguém se salva por obras meritórias, pias ou caritativas (Ef 2. 8,9). O que a nós nos compete é bater no peito, como fez o publicano, reconhecendo a infinita bondade de Deus para conosco, e pedir-lhe sempre a misericórdia de seu perdão. Não somos justos; somos justificados por Cristo.

42- AS DEZ MINAS.

Ouvindo eles estas coisas, Jesus propôs uma parábola, visto estar perto de Jerusalém e lhes parecer que o reino de Deus havia de manifestar-se imediatamente. Então disse: Certo homem nobre partiu para uma terra distante, com o fim de tomar posse de um reino e voltar. Chamou dez servos seus, confiou-lhes dez minas e disse-lhes: Negociai até que eu volte. Mas os seus concidadãos o odiavam e enviaram após ele uma embaixada, dizendo: Não queremos que este reine sobre nós. Quando ele voltou, depois de haver tomado posse do reino, mandou chamar os servos a quem dera o dinheiro, a fim de saber que negócio cada um teria conseguido. Compareceu o primeiro e disse: Senhor, a tua mina rendeu dez. Respondeu-lhe o senhor: Muito bem, servo bom; porque foste fiel no pouco, terás autoridade sobre dez cidades. Veio o segundo, dizendo: Senhor, a tua mina rendeu cinco. A este disse: Terás autoridade sobre cinco cidades. Veio então o outro, dizendo: Eis aqui, senhor, a tua mina, que eu guardei embrulhada num lenço. Pois tive medo de ti, que és homem rigoroso; tiras o que não puseste e ceifas o que não semeaste. Respondeu-lhe: Servo mau, por tua própria boca te condenarei. Sabias que eu sou homem rigoroso, que tiro o que não pus e ceifo o que não semeei; por que não puseste o meu dinheiro no banco? E, então, na minha vinda, o receberia com juros. E disse aos que o assistiam: Tirai-lhe a mina e dai-a ao que tem as dez. Eles responderam: Senhor, ele já tem dez. Pois eu vos declaro: a todo que tem dar-lhe-á; mas ao que não tem, o que tem lhe será tirado. Quanto, porém, a esses meus inimigos, que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui e executai-os na minha presença (Lc 19. 11-27).

A PARTIDA E O RETORNO DO REI.

Jesus caminhava para Jerusalém em direção ao seu martírio vicário, pelo qual derrotaria o pecado e destronaria o maligno pela misteriosa eficácia de seu sacrifício expiator, pela vitória sobre a morte com a ressurreição, pela orificação, assumindo, à destra do Pai, o reinado direto sobre o povo eleito e salvo por ele, a Igreja, para sempre: *Toda autoridade me foi dada no céu e na terra (Mt 28.18b)*. Os judeus, porém, esperavam um Messias político, um herdeiro direto da dinastia davídica, que fizesse de Israel o povo líder de todas as nações. Ele assumiria, em Jerusalém, o trono de Davi para reinar politicamente sobre as nações. O governo imediato de Cristo, todavia, não era material, mas espiritual; não por meio de leis externas imperativas e coercitivas, mas por ordenanças inculcadas nos corações e nas mentes. Os sinais exteriores de que o efetivo governo do divino Rei instalara-se no coração dos eleitos seriam: a mudança de conduta e a irrestrita submissão da Igreja e de cada servo ao Cordeiro imaculado. O reino messiânico instaurou-se no mundo, na história e na vida dos escolhidos do Pai, mas está se consumando e se consumará, segundo a promessa, no porvir, depois, conseqüentemente, do estágio terreno. Aqui, na condição de Rei-salvador,

derrotou todas as potências inimigas dos redimidos. O reino escatológico, que está sendo implantado no além, virá com o juízo final. Nele Cristo será o Soberano absoluto sobre todas as almas pias, advindas de todos os tempos, tribos, nações e raças.

Parábola retirada de fato real. O poder sobre as províncias administrativas do império romana podia ser declarado na região, mas somente se efetivaria pela transmissão pessoal e direta do Imperador, pronunciada de seu trono em Roma. A posse do vice-rei era dada, portanto, na sede do império.

Herodes, o grande, faleceu por volta do ano 4 a. C. Seu testamento dizia que o seu vice-reinado passaria às mãos de Arquelau, que era odiado pelos judeus, por ter ordenado um massacre de adoradores amotinados na área do templo em uma festa da páscoa. Arquelau foi a Roma tomar posse da herança herodiana. Uma delegação judaica foi a Roma para reclamar dele e impedir-lhe a posse. Não conseguiu. Regressando, revestido da autoridade real, Arquelau assumiu o governo sobre os judeus. E os que se levantaram contra ele ficaram em situação muito difícil.

Ao partir para Roma, em busca da aprovação de César, deixou no comando seus ministros e assessores, dos quais requereu relatório ao assumir o poder.

Jesus tomou esse acontecimento, que estava nítido na mente dos judeus, para dizer aos seus discípulos que ele partiria para os céus, assentar-se-ia à destra do Pai, assumiria o poder sobre o mundo e sobre o seu povo, e voltaria para implantar o seu reino. Na sua ausência física, aqui estariam seus discípulos e sua Igreja, agindo em seu nome; e quem mais produzisse, mais trabalho receberia; não assumiria sob sua autoridade pessoal e glória próprias, mas sob autoridade do Rei e sua glória real. As minas foram trocadas por cidades.

Igualmente nosso trabalho na terra será recompensado com a posse que nos esta garantida no reino celeste do Cordeiro. O verdadeiro crente torna-se verdadeiro servo; e quanto melhor servo, mais produtivo; e quando mais produtivo, mais responsabilidade recebe de seu Senhor. A glória do crente está no servir, e não no ser servido. Não somos crentes para ficarmos ricos, para sermos vassalos inúteis de nosso Rei. Não somos deste mundo e, portanto, nossa felicidade não está na nossa realização, mas na possessão eterna com e em Cristo Jesus. Os ineficientes dentro da Igreja de Cristo, muitos deles acusando Cristo por suas inutilidades, não passam de joios, e até aquilo que têm (a membresia na Igreja militante) lhes será retirado, pois nenhuma posse terão no reino porvir. A coroa do servo não lhes será conferida pelas posições de destaque que ocupam na Igreja, mas pelo serviço que prestam a Deus com dedicação, consagração e fidelidade. Quem mais e melhor trabalha, mais e melhor serve ao Rei.

Conclusão: Somos mordomos do Rei, Senhor do céu, da terra e de todos os seus redimidos; tudo que somos, temos e produzimos é dele. A nossa fidelidade a ele não pode ser formal, verbal ou apenas mística, mas real, objetiva, testemunhal e produtiva. Cada servo com seus talentos e suas possibilidades de servi-lo denodadamente. Somos servos do reino para servirmos honestamente ao Rei e, servindo-o serviremos aos nossos conservos. De quem não serve Deus lhe retira os instrumentos operacionais, a condição de servidor, e a parte que lhe era destinada no reino.

43- PARÁBOLA DO BOM PASTOR.

Em verdade, em verdade vos digo: o que não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobre por outra parte, esse é ladrão e salteador. Aquele, porém, que entra pela porta, esse é o pastor das ovelhas. Para este, o porteiro abre, as ovelhas ouvem a sua voz, ele chama pelo nome as suas ovelhas e as conduz para fora. Depois de fazer sair todos as que lhe pertencem, vai adiante delas, e elas o seguem, porque lhe reconhecem a voz; mas, de modo nenhum seguirão o estranho; antes, fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos. Jesus lhes propôs esta parábola, mas eles não compreenderam o sentido daquilo que lhes falava (Jo. 10.1-6).

O termo parábola. O Evangelho segundo João não possui parábola à semelhança dos sinóticos, que usam a palavra *parabolê*, um tipo de história verossímil, com profunda inserção na vida real, especialmente a ligada às atividades agrárias. O termo, em João, traduzido por “parábola”, é *παροιμία (paroimia)* – enigma, provérbio, alegoria. Como a parábola, a alegoria, sendo uma unidade narrativa, um corpo ideológico explicativo, não deve ser exegeticamente dissecado ou dividido em partes expressivas ou termos conotativamente destacáveis do conjunto. A mensagem alegórica é somente uma, embora possa conter figuras diversas, mas todas voltadas para o conteúdo central. O foco da parábola em apreço é o contraste ente o Pastor real e verdadeiro e os falsos pastores, que são líderes religiosos não chamados nem credenciados por Deus para a condução do rebanho do Pai celeste.

Deus (Javé), Pastor de Israel. No Velho Testamento, Deus se revelou Pastor de seus eleitos e assumiu, efetivamente, essa função (Sl 23; Sl 79. 13; Sl 80. 1; Sl 95. 7; Sl 119. 176; Is 53. 6; Is 40.11). O Messias prometido, da linhagem de Davi, seria, segundo a promessa, o Pastor zeloso e final das ovelhas de Javé (Ez 34. 23-32; Jr 23.5). Cristo, pois, ao assumir o pastoreio dos escolhidos do Pai, salvos por ele, cumpria a promessa e revelava-se o verdadeiro Deus encarnado, Criador, Protetor e Sustentador de seu povo.

A mensagem. *Jesus, o Bom pastor, perfeita e inteiramente interagido com o seu rebanho, que é único, embora esteja convivendo com ovelhas alheias no mesmo*

ambiente. Eis suas características e credenciais: a- Ele é o Bom Pastor, aquele que não cria a ovelha para o abate, mas para a vida: *Eu sou o Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas (Jo 10.11)*. O Bom Pastor não é aquele que sacrifica a ovelha em seu lugar, mas que se sacrifica por ela. Aconteu, pois, a inversão quadro: No Velho Testamento, a ovelha é abatida em lugar do pecador; ela morre para que o ofertante tenha vida. No Novo Testamento, o Pastor morre em lugar da ovelha. b- As ovelhas selecionadas para pertencer ao supremo Pastor e a ele entregues pelo Pai, ouvem a sua voz e o seguem; jamais ouvirão a voz de outros pastores, que desejam ovelhas para si mesmos, não para Deus (Jo 10. 4, 9, 11, 28). c- Cada ovelha do Pastor possui vínculo indissolúvel com ele, de tal modo que, somente entra no aprisco para proteger-se, e dele sai, por meio de seu dono, o Proprietário do rebanho. Neste sentido, ele é a porta do curral (Jo 10. 7). A liberdade espiritual do servo de Deus existe exclusivamente em Cristo Jesus. Nenhum pecador tem poder em si mesmo, nem habilitação para decidir seu destino eterno; somente Jesus Cristo pode fazê-lo. d- O Pastor conhece suas ovelhas e é conhecido por elas. O conhecimento que o cristão, iluminado pelo Espírito Santo, tem de Cristo é paralelo em essência, não da mesma profundidade, ao conhecimento que o Filho tem do Pai celeste: *Eu sou o Bom Pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim, assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas (Jo 10. 14,15)*.

e- Um rebanho e um Pastor. Quando Cristo reunir os eleitos de Deus, que se encontram entre judeus e gentios de todas as etnias, haverá um só rebanho sob o único pastoreio do sumo Pastor: *Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor (Jo 10. 16)*. O rebanho de Javé era Israel: o de Jesus Cristo é a Igreja, composta de membros de todas as raças. Essas ovelhas não são incluídas no Corpo de Cristo por falsos pastores, nem se incluem a si mesmas. Não há outro Senhor do rebanho, militante e triunfante, além do Pastor supremo. Como existem pastores falsos, mercenários e ladrões, conclui-se que há rebanhos falsos, de ovelhas enganadas ou não. O rebanho universal do Pastor milita no mundo, mas não o podemos identificar claramente, pois é invisível aos nossos olhos. Um dia, porém, na consumação dos séculos, ele adquirirá visibilidade, quando os bodes serão separados das ovelhas, o trigo do joio; será a realidade final do que existe hoje em processo, mas apenas à vista do Salvador dos eleitos. Nesse tempo porvir, conheceremos como somos conhecidos; viremos unidos ao nosso Pastor sem a presença, a perturbação e a interferência do maligno e dos irregenerados. Que maravilha ser ovelha de sumo Pastor, mesmo nos sofrimentos do tempo presente!

Quem a si mesmo se vocaciona ao ministério pastoral, trai o Senhor do rebanho, prejudica as ovelhas e, pior de tudo, torna-se, mesmo inconscientemente, “ladrão e salteador”.

44- O SINAL DA MANJEDOURA.

E um anjo do Senhor desceu aonde eles estavam, e a glória do Senhor brilhou ao redor deles; e ficaram tomados de grande temor. O anjo, porém, lhes disse: Não temais; eis aqui vos trago boa-nova de grande alegria, que será para todo o povo: é que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos servirá de sinal: encontrareis uma criança envolta em faixas e deitada em manjedoura. E, subitamente, apareceu com o anjo uma multidão da milícia celestial, louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens a quem ele quer bem (Lc 2. 9-14).

Um contraste imenso existe entre o esplendor e a hilaridade da anunciação e a simplicidade, modéstia e humildade do nascimento. No anúncio natalino do Menino-Rei destinado ao reinado direto dos eleitos de Deus, pois já era o Rei do universo, houve aparecimento do Anjo do Senhor; a glória divina brilhou ao redor dos humildes pastores; um exército de anjos-cantores entoou um hino laudatório extraordinariamente impressionante, a mais linda melodia até então ouvida na terra. Esperava-se que tão grandiosa como a notícia fosse o evento da chegada do Messias, miraculoso em si mesmo, pois se tratava do advento do Salvador prometido e esperado. Era tradição festejar-se com pompa exuberante o nascimento de um herdeiro real. Contrastando-se com a majestosa anunciação do Rei-menino, que acabara de nascer em Belém, cidade de Davi, o Anjo do Senhor diz aos pastores: *Encontrareis uma criança (brephos- nenê) envolta em faixas e deitada em manjedoura.* Foi um nascimento extremamente discreto e quase ignorado, embora se tratasse do maior de todos os seres humanos, o Rei dos reis, Senhor dos céus e da terra, Salvador de todos os preordenados à salvação.

O anjo não forneceu simplesmente dicas ou informações sobre as características do local, do recém-nascido e de seus pais; foi além: revelou a pobreza do Menino, envolto em faixas, e o berço no qual se encontrava: uma manjedoura, que era, na verdade, um “sinal” (semeion), palavra de profundo significado tanto para judeus como para gentios. “Semeion” designava um símbolo (imagem, evento simbólico, milagre) significativo, memorativo e até miraculoso. Um fato histórico-religioso comum ou rotineiro não se classificava como “semeion.” Este poderia ser simples, de pequena dimensão, mas, obrigatoriamente, teria de revestir-se de perpétuo significado, de memorial permanente, de marcante ponto referencial na história da redenção. A manjedoura é realmente um “semeion”. Ela nos evoca as imagens simbólicas da humilhação do Verbo, do supremo Pastor de ovelhas, do rebanho de Deus. Ao lermos os registros do nascimento de Jesus, vem-nos à memória: a- A mais elevada e nobre de todas as crianças, o Rei do universo, em um berço de manjedoura. b- A humildade do Rico que se fez pobre, a

alienação social, a humilhação de tornar-se humano: o Criador entrando no mundo das criaturas, incorporando a nossa natureza, participando de nossos sofrimentos naturais: Cristo, *subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se semelhança de homens; e, reconhecido como figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz (Fp 2.6-8)*. c- O Cordeiro de Deus que veio tirar o pecado do mundo (cf Jo 1.29), nasceu no meio dos cordeiros literais, exatamente no lugar em que se alimentavam. d- O Pastor do rebanho de Deus chegou à terra no interior de um aprisco, símbolo de sua absoluta identificação com as ovelhas que o Pai lhe deu (cf Jo 10. 11). e- A teoria da *prosperidade econômica* dos santos não se baseia no nascimento, vida, paixão e morte de Jesus Cristo, o mais nobre e imaculado exemplo de um Filho consagrado ao Pai, cuja vontade lhe era imperativo absoluto.

Cristo nascendo em um estábulo não por circunstâncias, mas segundo os planos divinos, e o fez por vontade do Deus trino, sua e de seu Pai. Foi decisão da ordem trinitária que o Filho viesse ao mundo na condição excluído de todos os benefícios sociais e materiais que a existência terrena pode oferecer, mas assumindo os padecimentos, as dores e a mortalidade física da criatura humana. Podemos ver em Cristo o nosso legítimo parceiro de vida sofrida, alienada e despida de bens temporais, mas galardoado com a existência espiritual eterna, pois não somos do mundo, porque ele não o é.

45- A FIGURA DO PASTOR.

Eu sou o Bom Pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas (Jo 10. 11).

O pastor de ovelhas. Tanto no nomadismo como no sedentarismo, Israel dependeu, em grande medida, das atividades pastoris, especialmente a criação de ovinos, sem os quais a sobrevivência do povo seria praticamente impossível. A economia judaica dependia dos rebanhos. Havia, nos tempos de Jesus, dois tipos de pastores: a- Os que pastoreavam rebanhos alheios para fins econômicos. Eram empregados com ínfimos salários e extrema exclusão social e religiosa. Seu nível de credibilidade era tão baixo, que os tribunais não os aceitavam como testemunhas e o templo lhes vedava o acesso como adoradores de Javé. b- Os que pastoreavam o rebanho de ovelhas destinadas ao sacrifício. Estes, geralmente, eram funcionários do templo ou dos escribas, possuíam senso religioso e tinham consciência da importante função que exerciam. Certamente os que faziam o pastoreio noturno na noite do nascimento de Filho de Deus (cf Lc 2. 8-20) eram guardas e criadores de animais reservados ao sacrifício nos altares de Sião. Em ambos os casos, as

ovelhas não tinham direito às próprias vidas; existiam para servir o homem, tanto material como espiritualmente.

O Bom Pastor.

Deus prometeu suscitar um pastor da estirpe de Davi para ser o único e para sempre (Ez 34.23). Sob o seu pastoreio os eleitos de Deus estariam protegidos eternamente (Ap 7.17). A imagem do pastor divino retratada no Salmo 23.1 está plenamente configurada em Cristo Jesus, o Bom Pastor, aquele que não cria ovelhas para a morte, mas para a vida, que não vive pela vida das ovelhas, mas dá sua vida por elas. O sangue do Bom Pastor é derramado para salvar e preservar as ovelhas do rebanho de seu Pai (Jo 17.6). Antes, a morte da ovelha substituta permitia a continuação da vida ao sacrificador. Agora, o sacrifício do Pastor é que comunica vida eterna à ovelha, anteriormente vítima. O quadro mudou: os que se destinavam à morte, destinam-se à vida pelo sacrifício vicário do Cordeiro de Deus.

Muitos pastores mercenários, que pastoreavam rebanhos de seus empregadores, dominavam as ovelhas, submetiam-nas aos seus comandos, não para o enriquecimento dos legítimos donos, mas de si mesmos. Eram ladrões, não visavam o bem das ovelhas nem a prosperidade do senhor do rebanho, mas de seus próprios interesses, seus prazeres carnis e aumento de seu patrimônio. Hoje, muitos falsos pastores, agindo em nome do Bom Pastor, beneficiam-se das ovelhas, acumulam riquezas à custa da ingenuidade, da boa fé, ou da credulidade irracional de pessoas egocêntricas, gananciosas e ávidas de benesses temporais e espirituais. Na esperança de se livrarem dos demônios que lhes são atribuídos por pregadores inescrupulosos; de se libertarem das escravidões pessoais; dos problemas naturais, sociais e psicológicos; das enfermidades diversas, entregam-se aos demagogos, aos caudilhos das arenas pias, aos taumaturgos carismáticos, aos promesseiros de libertação, aos exorcistas de demônios imaginários ou psicologicamente induzidos. Submissas, tais “ovelhas” tornam-se “contribuintes” mais do que “convictas”, verdadeiramente fanáticas, a ponto de doarem todos os seus bens ao mercenário pastor, bispo ou apóstolo. Tais “clérigos” gananciosos têm o desplante de imporem as mãos sobre os “carnês” de “mantenedores” de seus caríssimos e variados programas de televisão, orando para que Deus abençoe os “doadores”. O mais “abençoador”, no entanto, é o “carismático” manipulador das consciências e canalizador, em benefício de sua causa, dos materialismos egocêntricos, da ânsia generalizada de “ter”, não de “ser;” de ser servido, não de servir.

O consolo e a segurança das verdadeiras ovelhas, é que elas conhecem o verdadeiro Pastor, e lhe ouvem somente a voz; jamais ouvirão vozes de estranhos: *Eu sou o Bom Pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem (Jo 10.14). As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão (Jo 10. 27,28).* O Bom Pastor não perde nenhuma

de suas ovelhas. Ele pastoreia o rebanho e cuida de cada ovelha, garantindo-lhe proteção e salvação no tempo e na eternidade. O vínculo Cristo-ovelha é de caráter permanente, indissolúvel: Ele não as perde, nem elas o perdem; estão eternamente interagidos e unidos.

46- NOSSO CORPO, IMAGEM DO TEMPLO.

Acaço, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? (I Co 6.19).

Todo cristão sabe que o seu corpo é uma criação divina, que o recebeu das mãos do Criador e destina-se ao seu serviço, honra e glória. Pela graça da regeneração, tornou-se templo do "Espírito Santo", não importando sua perfeição física, sua beleza momentânea, sua estética eugênica. Para o Pai celeste, todos os seus filhos em Cristo Jesus são belos e queridos. Nossos corpos não são descartáveis. A morte não os deterá indefinidamente. Um dia, o supremo Criador requerê-los-á perfeitos, incorruptíveis e imortais. Compreendendo e aceitando, por um lado, a sublimidade de seus corpos e, por outro, os seus ministérios mordômicos a serviço de Deus, cumpre-nos cuidar deles com responsabilidade cristã e extremado zelo. Eis alguns cuidados recomendáveis:

1 - Uso de indumentária decente e edequada aos ambientes sociais, culturais, profissionais, recreativos e religiosos. Não foi sem motivo que Deus vestiu o primeiro casal, depois do pecado (Gn 3. 21). A roupa serve para adaptar o ser humano ao clima em que vive e estabelecer padrões externos de moralidade entre homem e mulher no meio social. A serva de Deus não deve utilizar-se de roupas sexualmente insinuantes ou provocantes nem indumentárias extravagantes. A vestimenta pode "valorizar" o corpo da mulher, se decente e conveniente, ou "desvalorizá-lo," se inconveniente.

2 - O corpo não pode ser agredido, em detrimento da saúde, para conseguir e manter as medidas ideais de modelos exigidos pelas empresas promotoras de desfiles de modas. Os casos de meninas vitimadas por bulimia e anorexia alertam-nos para o perigo do uso indevido do corpo, especialmente sua venalização.

3 - As cirurgias de erradicação de órgãos afetados, ou partes deles; as correções cirúrgicas internas e externas; os implantes e os transplantes são procedimentos recomendáveis, necessários e, às vezes, indispensáveis para a manutenção, funcionamento e preservação do corpo. Muitos defeitos congênitos interiores e exteriores podem e precisam ser corrigidos. O cristão deve fazer tudo o que estiver ao seu alcance para promover, por meio dos recursos atuais da medicina, a adequação do seu organismo biológico às exigências da vida e à expressividade orgânica.

4 - As cirurgias plásticas, quando corretivas, são recomendáveis. Uma mulher de seios exageradamente grandes pode, por questão de saúde, submeter-se à cirurgia plástica corretiva. O mesmo se diz de outras partes defeituosas do corpo. O que não se recomenda à mulher cristã é a implantação de silicone nos seios, nas nádegas e em outras partes para efeitos estéticos com o objetivo de alimentar a vaidade. As "lipos" e os "botoxes", na quase totalidade dos casos, são intervenções desnecessárias e algumas delas agressivas ao organismo por causa da introdução de elementos estranhos a ele. Podemos, mas não devemos, alterar, por impulsos vaidosos, o que Deus nos concedeu. As pessoas mais úteis à sociedade, com raríssimas exceções, não foram e não são as corporalmente mais perfeitas e mais bonitas.

5- Não temos o direito de danificar nossos corpos com produtos tóxicos: bebidas alcoólicas, nicotinas veiculadas por cigarro, charuto e cachimbo, drogas diversas inaláveis, ingeridas ou injetáveis.

6- O sexo pré e extra matrimonial corrompe a moral cristã, infecta o organismo familiar, fragiliza a estrutura do lar. Desorganiza a sociedade doméstica, prejudica e macula a instituição divina do casamento. O sexo extra-conjugal é traição, *infidelidade e pecado, pois fere a instituição divina do*

matrimônio.

Cuidemos bem de nossos corpos para que, sem máculas e danos, ofereçamo-los em culto racional e espiritual ao nosso Criador (Rm 12. 1).

47- JESUS, A PORTA DAS OVELHAS.

Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará e sairá, e achará pastagem (Jo 10. 9).

A importância da porta.

Jesus introduz na parábola da ovelha a figura da porta, bipolarizando-a com a imagem do pastor (Jo 10.1-3 cf 10.9) de tal forma que as duas alegorias formam uma unidade interativa: o pastor é a porta; a porta é o pastor. O portão do aprisco era, por um lado, o acesso à segurança individual e coletiva e, por outro, cessada a necessidade de acolhimento e abrigo, e no tempo determinado pelo pastor, a certeza de retorno à liberdade, embora vigiada, para que a alimentação (pastagem) fosse possível. Por causa de sua importância estratégica, a porta deveria ser resistente e bem guardada. Quando frágil, e com porteiro deficiente ou desonesto, colocava em risco o rebanho e cada uma das ovelhas recolhidas. Cristo é uma porta vigorosa, verdadeiro escudo dos eleitos; é um pastor em quem as ovelhas podem confiar absolutamente, pois todos inimigos de suas ovelhas são por ele rechaçados, derrotados e destruídos.

A Porta e o Porteiro.

A porta e o porteiro, em princípio, asseguravam às ovelhas a tranquilidade do repouso noturno e a esperança de sobrevivência no dia seguinte, dependendo do zelo, da vigilância e do desprendimento de seu pastor. Jesus assume todas estas responsabilidades em relação ao seu rebanho. Ele é a porta por onde faz entrar as suas ovelhas para a existência eterna e de onde as faz sair para a vida diária, mas com nova dimensão existencial e nova cosmovisão. No mundo hostil ao supremo Pastor e ao seu povo, suas ovelhas são inseridas como modelos de comportamento e testemunho cristão, mas sob seu pastoreio e vigilância constante. Por elas ele deu a vida.

O crente, pois, não é uma ilha isolada no mar social, é um membro do corpo de Cristo com vínculos indissolúveis e estreitíssimos uns com os outros na unidade da Igreja, Corpo do Cordeiro. A dispersão não enfraquece nem anula a união eclesial, antes a fortalece, dissemina-a, multiplica-a e a purifica. Deus santifica o crente por meio de seu ministério testemunhal na convivência com os outros seres humanos, oportunidade que lhe é dada para fazer bilhar a luz de Cristo. A reunião, isto é, o aconchego do aprisco, unifica, fortifica, habilita e revigora o rebanho e as ovelhas individualmente. A Igreja é o berço, o ninho e o lar dos filhos de Deus em Cristo Jesus. A fraternidade se fortalece no convívio interno do corpo e na servitude externa de todos e de cada um dos servos do Cordeiro.

Frases Chaves do texto:

Eu sou a porta. O aprisco, nos tempos de Jesus, tinha somente uma porta; não havia "porta de fuga." No rebanho de Deus somente se entra por uma porta: o supremo Pastor das ovelhas. A tese eclética das "muitas possibilidades" de salvação não procede das Escrituras nem nelas se firma. Não há como entrar nos domínios do Salvador por outras portas como: sacrifícios beatíficos, penitências, abstinências, jejuns, boas obras, reencarnações, purificações cerimoniais e místicas.

Único Pastor; única Porta. O rebanho dos eleitos é único e uno, tendo somente um Pastor: *Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor (Jo 10. 16).* Não se penetra o corpo de Cristo por intermédio ou instrumentalidade de nenhum místico ou instituição religiosa supostamente credenciada para tal fim, pois o Filho do Homem é o Pastor, a Porta, o Caminho, a Verdade e a Vida de seu rebanho (Jo 10.9 cf Jo 14.6). Falsos pastores, que são muitos, pastoreiam para si mesmos falsos rebanhos, pois as ovelhas verdadeiras não ouvem a voz de outro pastor, somente a de Jesus Cristo (Jo 10. 3, 14).

Se alguém entrar por mim, será salvo. Somente "entra" no rebanho do divino Senhor os que são suas ovelhas, os que lhe pertencem, os que são

capacitados pelo Espírito Santo para ouvirem sua voz e conhecerem perfeitamente o seu dono e guia, não havendo possibilidade de trocá-lo por outro, mesmo estando camuflado de pastor e tentando imitar a sua entonação de voz e o conteúdo de sua mensagem. A ovelha de Cristo identifica-se com ele por identidade espiritual.

O Pastor supremo que faz entrar no seu aprisco eterno cada uma de suas ovelhas. “entrar por mim” significa: entrar por meu intermédio, ser posto no rebanho por mim. Cristo não é uma porta estática, mas dinâmica, ativa e operativa: a ação de entrar no rebanho é promovida pelo Pastor, e exclusivamente por ele. Qualquer esforço de salvação sedimentado no livre arbítrio é vão. Pertencem ao reino de Deus os que ele elegeu desde toda eternidade, chama-os no tempo exato em Cristo Jesus e os inclui na unidade de seu povo. A Igreja não é agente de salvação; é a comunhão dos salvos, o rebanho universal das ovelhas do supremo Pastor. Não há, pois, nem pode haver, outro Mediador entre Deus e os homens (I Tm 2.5).

Entrará, e sairá, e achará pastagem. Em Cristo o homem é realmente livre (entrará e sairá), pois deixou de ser escravo de potências dominadoras terríveis como o Diabo, o pecado, a carne e o mundo (cf Jo 8. 36). Não se trata de livre agência física ou de expressão ilimitada e descontrolada, mas de liberdade espiritual, de livre acesso em Cristo Jesus ao reino dos céus na militância terrena e aos conseqüentes domínios escatológicos do sumo Pastor, o nosso Rei, onde receberemos a posse definitiva da herança eterna.

A ovelha de Cristo não terá fome nem sede espiritual, pois ele é o pão e a água da vida (Jo 6. 35; Jo 4. 10-14; Jo 7.38). A nutrição primária e fundamental do cristão verdadeiro é de natureza espiritual, cuja fonte reside na Palavra de Deus (Mt 4. 4).

A ovelha não deve preocupar-se com o imediato nem com o estritamente material, pois pertence ao rebanho do Cordeiro, que não é deste mundo nem viverá eternamente aqui. Além do mais, está sob os cuidados e proteção de seu Pastor, que lhe garante a liberdade de ser salvo, de pertencer ao Salvador, de ser alimentada diariamente por ele, de destinar-se à vida eterna. Que bênção indescritível é a de ser ovelha do sumo Pastor!

A Videira Verdadeira

Eu sou a videira, vós, os ramos (Jo 15.5).

Introdução. Não nos preocuparemos com o valor histórico da videira como símbolo da nação israelita (cf Sl 80.8-19); ater-nos-emos ao significado da alegoria tal como narrada por Jesus Cristo. A sua eclesiologia salta aos olhos. Ressaltamos os seus termos ou informações mais importantes:

Cristo é a videira verdadeira (Jo 15. 1a.).

O velho pacto agregava Israel em torno de proposições legais e por meio delas, configuradas sinteticamente no Decálogo. Os israelitas foram efetivamente chamados e reunidos por Deus em uma nação santa, mas a permanência deles na aliança dependia da irrestrita submissão aos postulados do código sinaítico e da incondicionalidade da obediência. “Fidelidade humana” era a base da vinculação do pactuado com o Pactuador. A impressão inicial, quando olhamos superficialmente o sistema legal, é a de haver duas incongruências: a- A relação Salvador-salvo estabelecia-se por meios legais e judiciais. b. Que o ônus da salvação recaía sobre o ser humano, por si mesmo frágil e inabilitado. Tais impressões não são verdadeiras, pois Deus possuía redimidos antes e à margem da Lei: os justificados pela fé. Além do mais, aos infratores da lei, isto é, pecadores, Deus lhes concedeu a bênção dos sacrifícios vicários para a recepção do livramento mediante a graça do perdão.

O novo pacto faz emergir em Cristo Jesus, a videira Verdadeira, todos os eleitos. A videira é uma unidade em Cristo: tronco e ramos. Cada ramo vive de Cristo e para ele; não tem vida própria nem produção autônoma. Nele estão os frutos que procedem da seiva da vide, por um lado, e da fotossíntese, por outro. A vitalidade de cada ramo emana do tronco, que não somente o sustenta, mas também, e principalmente, o alimenta para que os frutos apareçam. O ramo não pode vangloriar-se de sua produção: Ele não é de si mesmo, não produz por si

mesmo, não frutifica para si mesmo. Cristo é tudo em todos os ramos. Ninguém pode dizer: Eu sou de Cristo porque gero os frutos do Espírito. Terá de dizer, se possuir veraz consciência cristã: Gero os frutos do Espírito porque sou ramo da Videira verdadeira, Jesus Cristo.

Videira, unidade em Cristo. O tronco (Jesus) e os ramos (os redimidos) são um corpo uno perfeitamente interativo. O tronco produz e alimenta os ramos; estes frutificam, cumprindo os propósitos naturais e essências da videira. Desta unidade espiritual João falou posteriormente: *"A fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste". "Eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam um como nós somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim"* (Jo 17.21, 23). Esta misteriosa unidade dos regenerados em Cristo Jesus pode não ser percebida por nós humanos, mas certamente é visível ao Pai, operador do milagre da união em seu Filho.

O Pai é o viticultor. Na analogia do pastor, o Pai é o dono das ovelhas; seu Filho, o Pastor do Rebanho. Na alegoria da videira, Cristo é o tronco do qual emergem os rebentos; nós somos os ramos. O Pai, sendo o viticultor, é o proprietário da videira, responsável por sua existência, limpeza e frutificação. Os crentes foram predestinados a pertencerem ao Pai desde a eternidade, mas a filiação a Ele se dá na pessoa de seu Filho Amado, Jesus Cristo, não segundo necessidades provocadas pelas circunstâncias, mas conforme o eterno decreto de Deus. A encarnação do Verbo viabilizou o cumprimento dos planos eternos do Criador, concentrando em Cristo os seus eleitos como centralizara em Adão a velha raça. Assim, o Filho do Homem tornou-se o "Tronco" da videira, isto é, o "Centro" e o "Cerne" do verdadeiro e permanente povo de Deus. O seu ministério deu-se em cumprimento à soberana vontade de Deus. Não há crente que não seja eternamente eleito por Deus e temporalmente salvo por Cristo. O Pai é pai do Filho e, por seu intermédio, nosso Pai, gerando a relação: Viticultor > Tronco > ramos.

Os ramos infrutíferos. Na Igreja invisível não há ramos infrutíferos, mas na visível há: crentes não regenerados que Deus permite sejam incluídos nela, beneficiem-se de sua fraternidade, de suas bênçãos comunitárias e até de suas bênçãos espirituais em prejuízo dos verdadeiros membros, os ramos frutíferos. Eles usufruem da ação do Espírito Santo no corpo clesial, mas na condição de "ramos inconvenientes" (cf Hb 6.4-6), como foi Judas Iscariotes (Jo 17.12), que "inserido por Jesus" na Videira, na condição de "ramo infrutífero, para dar cumprimento a uma profecia messiânica do Velho Testamento. Jesus sabia que Israel, como um todo, era "povo de Deus", retirado do Egito por sua mão poderoso e graciosa, mas nem todos eram eleitos; havia muitos no seio da "nação santa" que não confiavam no Libertador, nem aceitavam sua libertação: eram ramos infrutíferos da videira do Rei. A Igreja também constitui-se de muitos chamados e poucos escolhidos, de ramos frutíferos e infrutíferos.

Argumento arminiano. Os ramos infrutíferos eliminados não podem servir de apoio à doutrina arminiana da "operação da graça para quem coopera". Tais ramos inúteis não entram na videira nem dela saem por vontade própria. Nasceram na condição de infrutíferos e, pela mesma causa, foram excluídos e destinados ao fogo. Se temos de, particularizando, formular conceito doutrinário, é o da eleição que nos parece claro: Os Deus que predestinou para salvação, ele os salva em seu Filho e os preserva na comunhão dos salvos, tanto quanto os santifica para a frutificação. Os que reprovou, a esses condena à perdição. Nenhuma iniciativa própria do ramo; ele é inteiramente passivo: todas ações procedem do Viticultor e Senhor da Videira Verdadeira.

Os ramos são limpos para produzirem frutos. Aqui temos uma declaração, embora em contexto alegórico, que confirma o princípio reformado de que o Deus soberano "opera tudo em todos". É ele quem nos regenera e quem nos santifica não para a nossa glória, mas a glória do Viticultor. O salvo é santificado para servir a Deus, ser crente produtivo. A santificação não nos faz melhores salvos, mas melhores servos.

A Palavra santificadora. O instrumento de santificação ou de limpeza é a "Palavra de Deus"; não a "palavra religiosa" que o homem gera para si mesmo mediante interpretação particular e sectária das Escrituras, mas a Palavra Revelada, que o Espírito Santo aplica santificadamente no ser do escolhido.

Todo crente frutífero, aquele que produz o fruto do Espírito Santo (Gl 5.22,23), é ramo desejável, necessário à videira de Deus, nascido em Cristo, potencializado pelo Viticultor para produzir frutos, e por ele limpo e preservado. Servo inútil, mais cedo ou mais tarde, Deus o retirará da comunhão dos eleitos salvos pelo Filho. Cada ramo recebeu do Tronco a seiva necessária para os frutos, e Deus o mantém livre das impurezas contaminantes da carne e do mundo para que nada lhe impeça a frutificação segundo seu porte e a seiva que recebe. Como o galho depende do tronco para viver e produzir, assim também nós em tudo dependemos de Cristo Jesus. Sem ele nada somos, nada temos, nada teremos, nada seremos.

Onde está Cristo, estão os cristãos verdadeiros, pois os ramos não se desligam da videira. Nenhum ramo tem vida autônoma. Todos que Deus salva em Cristo Jesus ele os vincula ao seu corpo, à Igreja, isto é, a Fideira Verdadeira.

49- A LUZ DO MUNDO.

Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida (Jo 8.12).

Javé, a luz de Israel. Os hebreus, depois da centralização da fé em um Deus único, mormente depois da revelação do Sinai, passaram a acreditar que o Deus libertador, que os tirara do Egito, era a única luz que, iluminando o caminho temporal, lança a sua luminosidade na direção do porvir. O servo de Javé, portanto, possuía clareza suficiente para caminhar na vida terrena e iluminação para visualizar e entender a vida futura, que está originalmente em Deus e concessivamente em cada eleito (Cf Sl 27.1; Jô 29.3; Mq 7.8).

Jesus, a luz do mundo. Quando Jesus afirmou ser a luz do mundo, revelou dois fatos messiânicos importantíssimos: a- Confirma que é o Deus encarnado, da mesma natureza, substância, poder e glória do Pai, a luz de seu velho povo. b- Sustenta a universalidade de seu reinado. Enquanto Javé era a luz dos hebreus, ele é a luz do mundo, fornecendo a claridade da graça aos eleitos de todos os povos. A revelação, consumada em Cristo, estende-se a todas as pessoas, de todas as raças, em todos os tempos.

Evocação a Êxodo 13.21. Deus guiava os seus escolhidos no êxodo para a terra da promessa por uma coluna de nuvem durante o dia e uma coluna de fogo durante a noite. O fogo servia para proteger os peregrinos contra eventuais inimigos da retaguarda e iluminar o caminho para que não se perdessem no deserto. Eles não conheciam a rota, nem sabiam para onde estavam indo. A luz física, mas produzida miraculosamente, forneceu aos israelitas a idéia, prevalecente de que Deus é a luz de seu povo. O templo era abundantemente iluminado, especialmente na Festa dos Tabernáculos, para conservar a idéia de que “Deus é luz”. As incertezas do porvir somente existem para os que não confiam no Salvador. Os salvos estão marchando em direção ao desconhecido, mas despreocupados, pois o Guia é o Filho de Deus, a Luz do mundo, o caminho, a verdade e a vida.

No Êxodo de Israel, a luz indicava o caminho, indo atrás dos caminheiros. No Êxodo cristão, a Luz vai à frente, e os peregrinos, em marcha

para a Jerusalém celeste, acompanham, seguem-na. O Messias abre o trilho, rompe barreiras, desbrava a estrada, e ainda ilumina o piso do caminho para que os pés dos seus caminhantes não tropecem, não pisem em falso, não se desviem. Acompanhar quem sabe para onde vai é mais seguro do receber apenas indicações luminosas do rumo a seguir, mesmo que os raios penetrem o porvir. Jesus é o guia de seus redimidos; quem o segue não anda em trevas.

A dupla dimensão do reino. O reino de Deus regido pelo Messias possui dupla dimensão: a temporal ou terrestre e a celestial ou escatológica. Não há diferença de essencialidade nem de membresia, pois a Igreja é uma só, composta dos eleitos redimidos pelo Cordeiro. Os corpos dos crentes militantes estão contaminados espiritualmente pelo pecado, mas os seus irmãos da Igreja triunfante dele estão livres, mesmo no estado intermediário. O dia, porém, segundo a promessa, que todos os regenerados receberem seus corpos ressurretos incorruptíveis e imortais, haverá uma unidade eterna interativa e absolutamente consensual, sem contradições e conflitos entre as pessoas. Então, a vida, que emanou de Cristo, será a eterna luz de todos (Cf Jo 1.4,8,9). Aquele, porém, que não seguir o Senhor da vida, andará em trevas. Cristo é, ao mesmo tempo, o caminho pelo qual o eleito chega aos céus e a luz que o ilumina na jornada direcionada e guiada pelo divino Mestre. Na dimensão temporal da existência a luz do porvir brilhou sobre os eleitos do Pai, entregues ao pastoreio do Filho. A Igreja, pois, que nasce aqui é a que Deus conduz para o além em Cristo, a luz. Fora dele, as trevas. Contudo, somente vêm a luz da eternidade na peregrinação temporal os que são iluminados pelo Espírito Santo, aquele que faz a luz do Salvador iluminar o Salvo. Egana-se aquele que deseja chegar à mansão celestial por meio de recursos à margem e até opostos ao Salvador, nosso Senhor Jesus Cristo. Não se enxerga o universo espiritual pelos olhos físicos do corpo, mas pelos olhos da alma, um dom somente concedido aos escolhidos do Pai e redimidos por seu Filho. Sempre o deus escolhido pelas pessoas não é verdadeiro, pois o Deus real é quem escolhe aqueles que são dele por preordenação desde a eternidade (Jo 15.16 cf Ef 1.4-6).

O redimido reflete o brilho daquele que é a Luz do Mundo como a lua reflete a luz solar. A luz não ilumina a si mesma, mas os outros. O crente nominal, sem vínculo profundo e permanente com a Fonte da luz espiritual e eterna, ou tenta ser luzeiro na Igreja para ser visto, notado e admirado, ou desaparece em suas luminosidades pessoais voltadas para si mesmo. Quem se exalta será humilhado; quem se humilha, será exaltado.

O crente real não possui luz própria; seu brilho diante do mundo vem da luz eterna, nosso Senhor Jesus Cristo.

50- O CONSOLO DOS REDIMIDOS.

Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que onde eu estou, estejais vós também (Jo 14. 1-3).

As maravilhosas declarações de Jesus. O texto nos brinda com afirmações informativas fundamentais à nossa fé, à nossa esperança e ao nosso amor: as três virtudes teológicas direcionadas ao Filho de Deus e nele centralizadas. Eis os postulados do texto em apreço:

a- Jesus é o nosso consolo: *Não se turbe o vosso coração (v. 1).* A mente do Mestre, naquele momento, estava conturbada ao extremo (cf Mt 26.38; Lc 22. 44), pois o peso de nossas tristezas e de nossas iniquidades estava sobre seus ombros e o deprimia cruelmente. O seu sofrimento, porém, acontecia providencialmente para abrir-nos as portas da esperança e da consolação. A despedida preanunciada do Amigo, Guia e Senhor, já lançava sobre os discípulos uma nuvem negra, uma escuridão aterradora, mas seria ainda mais terrível, mais traumática, a ponto de levar Jesus, no extremo da agonia, fazer as orações mais tristes que um ser humana possa pronunciar: *a- Pai, se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua (Lc 22.42).* *b- Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? (ver Mt 27.46).* A tristeza de Jesus justificava-se, pois convocara um grupo de pessoas frágeis para compor o núcleo inicial de sua Igreja, mas entre os convocados estava o seu “traidor”, Judas Iscariotes. Também o líder da comunidade apostólica original, Pedro, o negaria três vezes. Cristo era, em todos os sentidos, o desfavorecido naquele momento de consternação, mas tudo acontecia para a salvação e gozo de seus eleitos, exatamente como profetizara Isaias: *Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido (Is 53. 4).* Cristo partiu debaixo de padecimentos morais horríveis e sofrimentos físicos inomináveis; tudo para que recebêssemos o Consolador (Jo 14. 16,17), que ajuda todos os verdadeiros servos de Cristo a suportar as dores deste e neste mundo.

b- Os discípulos, que acreditavam em Deus, deviam crer em Cristo: *Credes em Deus, crede também em mim (v. 1).* A fé, que era endereçada a Deus (Javé) no Velho Testamento, deve agora ser depositada também em Jesus Cristo. Aqui fica, de maneira insofismável, firmada por revelação pessoal direta, a doutrina da divindade de Cristo. Se o Pai é objeto de crença e de culto, o Filho também o é. Tirando as dúvidas de Filipe, o Mestre declara: *Quem vê a mim vê o Pai (Jo 14.9).* Cristo no Pai e o Pai em Cristo, sem separação, contradição ou diferenças de grau de essencialidade e divindade: ambos são UM.

c- **O Pai não exclui nenhum filho.** *Na casa de meu Pai há muitas moradas (ver v. 2).* Jesus toma, certamente, por modelo uma família patriarcal, muito comum em Israel, especialmente nos tempos do sedentarismo. Nela os filhos, quando solteiros, tinham seus aposentos na casa do pai. Pais e filhos trabalhavam para o bem comum: alimento, vestuário, habitação e lazer, tudo no ambiente doméstico. Para os filhos casados, o patriarca construía casas agregadas ao núcleo familiar, e todos continuavam juntos no mesmo clã. O Pai divino é um genitor zeloso, que quer todos os seus filhos bem juntinhos a ele na mansão celeste. Nenhum filho de Deus ficará sem sua específica morada eterna, mas também não haverá privilégios para uns em detrimento dos outros. Um filho não recebe mais que o outro; os bens espirituais, no céu, são isonômicos.

d- **Jesus não nos engana.** *Se assim não fora, eu vo-lo teria dito (cf v. 2).* Jesus demonstra sinceridade absoluta na revelação da “garantia das moradas eternas para todos os seus redimidos. Ele disse que, se não fosse verdade, ele teria avisado seus discípulos. O Salvador nos assegura, sem rodeios, que cada filho de Deus salvo por ele e nele, gozará as delícias das habitações eternas.

e- **Jesus partiu para garantir-nos um lar nos céus:** *Vou preparar-vos lugar (ver v. 2).* O lugar de cada regenerado, pois, está prontinho na morada do Pai celeste, bem junto a Ele, onde o filho-habitante receberá proteção e carinho constantes de seu Pai.

f- **Patrimônio do Filho:** *E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também (cf v.3).* Como somos aqui no mundo, embora precariamente, seremos no reino dos céus: Patrimônios de Deus entregues aos cuidados permanentes de Cristo Jesus, seu Filho Amado. A Igreja concentra-se em Cristo e nele se realiza, como vimos na *alegoria da videira*. Onde está Cristo, aí está seu corpo místico, a Igreja. Fora de Cristo não há Igreja verdadeira; fora da Igreja real não há salvo por Cristo. Esta Igreja, porém, não é mera instituição religiosa, nem ajuntamento de pessoas em torno de um “místico convincente”, veiculador de ilusões místicas e milagres que “convencem” e “atraem” os que procuram benefícios temporais e felicidades sensoriais.

O preparo da morada eterna. A retirada do Cordeiro de Deus por meio da morte vicária foi absolutamente necessária, segundo afirmação do próprio Jesus, para que a nossa salvação se consumasse. Os discípulos estavam conturbados, pois ver um amigo leal partir naquelas circunstâncias era emocionalmente insuportável. Precisavam, no entanto, entender que o que estava acontecendo nada mais era que o cumprimento do eterno plano de Deus para remissão de seus eleitos.

No bojo da crise não compreenderam; perceberam depois, quando as revelações da despedida tornaram-se claras para eles e para a posteridade dos escolhidos.

Hoje a Igreja experimenta triplo consolo:

Primeiro: A garantia, dada por Cristo, de sua volta para arrebatá-los os regenerados, retirando-os do mundo (os que estiverem vivos) e das garras da morte (os que estiverem mortos).

Segundo: A dádiva do Espírito Santo, que não nos deixa órfãos nem ignorantes das coisas espirituais na duríssima peregrinação terrena

Terceiro: Imediatamente após a morte, entraremos no gozo da vida eterna em e com Cristo Jesus como aconteceu com o mendigo da parábola (Lc 16.19-31).

Quarto: A separação física de Cristo, causada pela morte, não implicou em separação espiritual, pois ele permanece conosco na pessoa do Espírito Santo, cuja presença é representativa da Divindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Portanto, pela iluminação do Espírito podemos afirmar que Cristo está conosco e conosco permanecerá até a consumação dos séculos (Mt 28. 20), consolidando a nossa esperança e aprofundando o nosso consolo.

51- O CONVITE DE CRISTO.

Vinde a mim todos vós que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma (Mt 11.28).

Humanidade: eleitos e reprovados. A sociedade imediata e a humanidade compõem-se de escolhidos de Deus e rejeitados. *Os réprobos* ou são ateus ou religiosos de conveniências e circunstâncias; jamais assumem posturas de servos de Jesus Cristo, mas almejam benefícios espirituais, materiais e sociais, e os buscam freneticamente onde as ofertas de benesses do além forem maiores e mais convenientes a eles. A divindade deles é o deus-servo, não o Deus-Senhor. *Os eleitos* enfrentam a oposição dos falsos religiosos, dos mundanos e dos incrédulos na luta para servirem o Salvador com mais eficiência, honestidade, desprendimento, abnegação e santidade. Os escolhidos do Pai são humilhados, abandonados e criticados como pessoas desajustadas, fora da realidade de seu tempo. Esses cristãos sinceros que, por impulso natural, procuram líderes religiosos para serem orientados sobre o caminho a trilhar e a melhor maneira de adorarem o Deus supremo, recebem orientações inadequadas, recomendações bíblicamente impróprias e pressões financeiramente insuportáveis. Não raro são vítimas de lobos vestidos de cordeiros.

No tempo de Jesus Cristo, os sacerdotes impunham às almas pias um jugo insuportável de normas legais. Sem o estrito cumprimento delas não se satisfaria a divindade, não se obteria absolvição, não se atingiria a condição ideal para recepção de bênçãos. A lei em si já era pesadíssima, imaginem seu ônus legal acrescido de uma sobrecarga que aumentava muitas vezes o seu

peso. Assim vivia o eleito de Deus na esfera laica de Israel: oprimido, angustiado e desesperançado.

O jugo e o fardo de Cristo. Jugo era uma peça grossa e pesada de madeira com duas curvaturas, onde se encaixavam as partes superiores dos pescoços dos animais emparelhados. Cordas que pendiam das laterais de cada curvatura serviam para fixar o jugo (ou canga) ao pescoço. Um varão de madeira era engatado no meio do jugo, entre os animais, na ponta do qual se ligavam carroças, arados, grades e trituradeiras de trigo. Não era incomum colocarem cargas superiores à capacidade física dos animais que, para as tracionarem, eram submetidos a ferrões torturantes. Os indefesos animais sofriam torturas horríveis: Gemiam sob o peso da carga e o fustigamento do pastor–algoz; tudo para aumentar a produtividade para o dono do campo. O povo de Deus, igualmente, era atrelado, pelo jugo da lei a serviço dos sacerdotes, que nada faziam para aliviá-lo: *Atam fardos pesados [e difíceis de carregar] e os põem sobre os ombros dos homens; entretanto, eles mesmos nem com um dedo querem movê-los (Mt 23.4)*.

O animal novo, não raro de postura e vigor físico inferiores, era adestrado pelo atrelamento a outro mais velho, mais forte e experiente na subjugação. Então, a maior parte do peso do transporte ou da carga recaía sobre ele, que ainda recebia do adestrador fustigamento mais intenso, mais severo e mais doloroso. A desumanidade da domesticação feria a sensibilidade dos mais empedernidos pecuaristas. Esse quadro do amansamento, da redução do animal tenro à escravidão, chamou a atenção de nosso Senhor, que o comparou à dominação da massa leiga por um corpo sacerdotal privilegiado, prepotente e descaridoso, embora seu desiderato fosse o de pastorear o rebanho, cuidando, especialmente, das ovelhas aflitas, cansadas e doentes.

Os eleitos de Deus agora não mais são escravos da lei, um conjunto de normas frias e inescapáveis, mas servos de Cristo, uma pessoa em tudo semelhante a nós, mas extremamente caridosa, compreensiva, tolerante e, acima de tudo, perdoadora e salvadora de todos os escolhidos do Pai. A mulher flagrada em adultério (Jo 8. 1-11) e a samaritana (Jo 4. 7-30) que o digam. Na verdade, o peso da carga que a lei nos impôs recaiu sobre o Cordeiro de Deus. Não somos de nós mesmos nem do mundo; pertencemos a ele, ao qual fomos atrelados para tomar-lhe o jugo, carregar o fardo de servo, submeter-nos ao seu comando e ao seu ensino. Antes, o ônus da responsabilidade na peregrinação duríssima rumo à mansão celestial estava posta sobre cada um de nós; agora, Cristo responde por nós, restando-nos acatamento e obediência a ele. Ser escravo de quem nos recebe e nos trata como filhos amados é uma bênção enormíssima. Estar sob o comando do Filho de Deus, não da lei, é uma garantia imensa. Além do mais, o Espírito Santo, que habita em nós, galardoar-nos com o dom da fé salvadora em Cristo

Jesus, com imensurável carisma do amor a Deus e com a profundíssima esperança da vida eterna. Fomos aliviados!

Aprende de mim. O rabinismo com sua interpretação da Torá por meio de regras e normas minuciosas, diferenciadas segundo a escola de cada grupo, passou. Temos conosco um único Mestre, a quem o Pai ordenou que o ouvíssemos (Mt 17.5). A última palavra da redenção não é a da lei, mas a da graça por meio de Cristo Jesus: *Ouvistes o que foi dito: ... Eu, porém, vos digo: ...* (ver sermão do Monte, Mt 5. 21 – 48). Ele resumiu a lei aos mandamentos do amor (Mt 22. 37 - 40); amor que pregou e praticou em favor de seus eleitos sem limites raciais, sem preconceitos sociais, sem discriminações. O cristão aprende de Cristo por seu testemunho perfeito, por seus ensinamentos registrados nas Escrituras, pelo testemunho interno do Espírito Santo, que ele enviou para os seus escolhidos. Deus fala-nos hoje conclusiva e definitivamente por seu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo (Hb 1.1-3). O Filho é a revelação perfeita da pessoa do Pai e de sua vontade (Jo 1.18; Jo 14. 9-11). O Mestre dos mestres, pela iluminação das Escrituras e ação do Espírito Santo no interior de cada eleito implanta em cada predestinado o conhecimento necessário à fé e a compreensão suficiente para a santificação e servitude de seus regenerados desde os mais doutos aos mais indoutos.

E achareis descanso para a vossa alma. O excesso de atividades, o acúmulo de preocupações, a responsabilidade de defesa e manutenção da família podem causar extrema fadiga física e distúrbios psíquicos. Porém, o esforço da mente pia para servir cada vez melhor o seu Senhor, a luta contra as tentações internas e externas, a batalha em oposição ao mal instalado no interior do servo de Cristo e dominante na sociedade da qual faz parte, as incertezas e as dúvidas de que se caminha ou não na direção correta, segundo a determinação divina, podem submeter a alma do crente a um estado de profunda fadiga espiritual. Neste ponto, no auge da crise, da tempestade da vida, quando as forças próprias falham, a desesperança aproxima-se, intervém o Espírito Santo como protetor, animador e consolador. Com ele o curso da existência fica mais suportável. Mas, além deste “descanso imediato,” o divino Salvador garante aos seus redimidos o descanso escatológico, onde estarão livres de todos os tormentos naturais, psicológicos, sociais, morais e espirituais.

A lei diagnosticava o pecado e prometia, mediante absoluta obediência aos princípios legais estereotipados, a salvação. Jamais, no entanto, alguém se salvou por irrestrita obediência, pois todos os seres humanos são inabilitados e frágeis, impossibilitados espiritualmente. Então, o Filho de Deus, que entrou no universo humano, oferece refrigério e descanso a todos os eleitos, que a ele se submetem pelo carisma da fé salvadora. Os oprimidos, sobrecarregados e cansados que, por emulação e ação do Espírito Santo, achegam-se a Cristo, recebem consolo já no atual estágio de sua peregrinação e, no porvir, o descanso eterno, o “sabat” prometido por Deus.

O sentimento de culpa e de pecado é sinal da ação de Deus no coração e na mente do pecador. Não tendo, contudo, em si mesmo, força para livrar-se do mal pecaminoso, o cansaço, a fadiga, a angústia da insuficiência dominam-no. No clímax das trevas que lhe invadem o ser, Deus lhe concede a graça do arrependimento e da conversão, que lhe são alívios perenes. Então, deixando de ser escravo de si mesmo, do mundo e da lei, liga-se, por obra da graça, ao Salvador, tomando-lhe o jugo e aprendendo dele, que é manso e humilde de coração. E então, como nova criatura, encontra descanso para sua alma outrora inquieta e atribulada.

O Espírito Santo, atuando na mente e no coração das ovelhas do Pai, entregues ao Filho, ministra-lhes o ensino correto da Palavra de Deus e convence-os do pecado contra o qual terão que batalhar a vida terrena inteira (Cf obra do Espírito em Jo 16.7-11).

Cristo é nosso único Redentor, único Mediador, único Mestre e único Consolador na pessoa do Paracleto

52- O FIM DOS TEMPOS.

Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis (II Tm 3.1).

À vista do estado geral da humanidade, cumpre-nos fazer algumas reflexões:

- a- As múltiplas atividades profissionais, sociais e culturais estão estressando os mais resistentes físicos humanos.
- b- O número diário de informações, algumas deformadoras, veiculadas celeremente por todos os meios de comunicação, estão muito acima da capacidade de assimilação dos mais eficientes cérebros, o que nos angustia e nos deprime.
- c. A violência verificada além de nossas fronteiras, no nosso país, na nossa cidade e até no interior de muitas famílias, atemoriza-nos e nos aprisiona nas nossas próprias casas, gerando uma insegurança jamais experimentada.
- d- As rapidíssimas mudanças estruturais e tecnológicas nas empresas de produção, comercialização, distribuição e capitalização estão requerendo especializações profissionais caríssimas, marginalizando os pobres e aumentando, conseqüentemente, a concentração de riquezas e o aumento da pobreza.
- e- O rádio, o telefone, a televisão e a “internet” fizeram do mundo “uma aldeia global,” com inegáveis benefícios e irrefutáveis malefícios, pois, se veiculam o bem, também, e com mais intensidade e amplitude, o mal, trazendo para dentro dos nossos lares as mazelas morais das “salas de bate-papo”, “sites pornográficos” e “internautas” pouco recomendáveis ou mesmo corrompidos.

f- A permissividade e o relativismo estão sepultando o conceito de verdade absoluta da revelação: cada um tem sua própria verdade sobre si mesmo, sobre o universo e sobre Deus que, para o relativista, não passa de uma divindade ideologizada.

g- A “saúde pública”, mormente em nosso país, pode ser chamada de “doença pública”, tal o estado calamitoso em que se encontra; saúde, que mais agrava o estado do paciente e até mata por meio de infestação (contaminação) hospitalar, que se destinava, outrora, à cura dos enfermos.

h- A venalização “profissional” do sexo e a prostituição, muitas vezes por inadiável necessidade de sobrevivência, criaram o famigerado “turismo sexual” e estão enchendo as maternidades públicas de bebês rejeitados e povoando as ruas de filhos bastardos. O sexismo é estimulado pela sociedade por meio de clubes, revistas, televisão, “internet” e praias, que estão se convertendo em temporadas de prazeres sensoriais. A imoralidade tem sido encarada, até por alguns “servos de Cristo”, como “coisa natural”, “cultura de nossos tempos.”

i- Nunca se falou tanto em guerras, rumores de guerras, terrorismos, atentados, homens-bombas, carros-bombas e indústrias atômicas como em nossos dias. Vivemos tempos difíceis!

Misticismo e debilitação da fé. Os tempos pós-modernos caracterizam-se por acentuado misticismo teosófico que, trazido por ventos orientais, penetram, devastadoramente, todos os credos, inclusive alguns setores dos arraiais evangélicos. Não se tem mais consciência da “fé bíblica revelada e teologicamente correta”, mas de “crença pessoal em uma divindade”, que pode ter o nome de Javé, Jesus Cristo, Espírito Santo, Alá ou Força Cósmica. O que se busca não é *a graça de ser servo*, mas *a bênção de ser servido*. O Cristo da cruz, de mãos cravadas no lenho infame, é menosprezado; mas o da glória, de mãos estendidas, ofertando benesses, é ovacionado e aplaudido com palmas, aleluias, glórias e “danças litúrgicas.” O culto, que deveria ser prazeroso a Deus, o é aos “modernos e hilariantes fiéis”, que se reúnem em torno de milagreiros carismáticos e depositam a fé em ídolos mânticos como: água benta, óleo bento, fogueira santa, vale do sal, toalhas ungidadas e outros ícones. A glossolalia, fenômeno místico advindo da complicada Igreja de Corinto, está presente hoje no pentecostismo, no neopentecostimo, no carismatismo de terceira onda, no catolicismo mariano carismático e até no culto afro-brasileiro. Enquanto se multiplicam as seitas e aumenta a correria à cata de curas divinas e bênçãos da prosperidade, cai o testemunho cristão. Na sociedade não se distingue mais o servo de Cristo do incrédulo, tanto pelo nivelamento comportamental como pela ausência de testemunho cristão. Antigamente, a palavra do cristão era: Sim, sim; não, não. Havia firmeza de fé e de caráter. Na atual geração, a ética bíblica foi jogada às traças ou atirada no lixão do descrédito, da desonra e da amoralidade.

A malignidade dos últimos tempos. Paulo ou acreditava que Cristo retornaria a qualquer momento ou defendia a tese de que os “tempos do fim” foram inaugurados com o advento de Cristo, sua morte vicária e sua ressurreição, estabelecendo, para os eleitos, um elo definitivo entre a atual existência e a vindoura. Cremos ser a segunda alternativa a verdadeira. Tal posição escatológica do apóstolo parece confirmar-se, quando ele recomenda ao seu discípulo Timóteo *fugir dos homens depravados dos últimos dias* (II Tm 3.5). O começo desta era, a da Igreja peregrina, foi sangrenta, iniciando-se com o derramamento do sangue castíssimo do mais justo dos homens, Jesus Cristo, e prosseguindo com o martírio dos apóstolos. O fim não será menos traumatizante, pois haverá aumento da iniquidade com a degeneração das pessoas, o esfriamento da fé, o apego ao temporal, a priorização do material sobre o espiritual (cf II Tm 3.1-9). A influência maléfica do anticristismo atingirá mais intensamente a Igreja visível ou institucional, com o surgimento de falsos profetas e falsos cristos, enganando, se possível, os próprios eleitos (I Tm 4.1-3; Mt 24. 24). A consequência da pregação intensíssima do “evangelho dos milagres e dos prodígios” será (e já está sendo) uma forma de apostasia acentuada de inumeráveis “professantes” do cristianismo sem cruz, sem renúncia do ego e sem desapego dos bens temporais (cf II Ts 2.1-12). Do universo dos apóstatas surgirá o anticristo dos tempos finais, o mais eficiente dos enganadores (II Ts 2.7-12). Este “homem da iniquidade” pode ser uma pessoa ou instituição de projeção universal.

Irmãos, vivemos os últimos dias dos tempos do fim. A Igreja que os leões dos céares não deglutiram; as labaredas de Nero não liquidaram; o fogo do Santo Ofício não exterminou; o relaxamento moral de nossa geração, o sincretismo religioso, o cristianismo lúdico e materialista, o relativismo ideológico e doutrinário estão debilitando, empobrecendo, corrompendo e aviltando. O verdadeiro povo de Deus agoniza, esperando o socorro divino, que há de acontecer nos instantes finais dos tempos do fim.

Maranata! Vem, Senhor Jesus!

